Valberto Dirksen

A Colônia Comunitária de Jovens
Heimat-Timbó

No final da década de 1920 e início de 1930 a Alemanha passava por uma grande crise econômica provocando desemprego em massa. Os mais atingidos pela crise eram os jovens. O Padre Johannes Beil, então coadjutor da paróquia de São Miguel em Berlim, preocupava-se com a sorte dos jovens sem perspectivas de futuro. Teve, então, a ideia de fundar uma colônia agrícola no leste europeu, mas seu plano foi rejeitado pelas autoridades.

Em 1931, a convite do bispo de Berlim, ele veio ao Brasil a fim de dar assistência religiosa aos teuto-russos no oeste de Santa Catarina. No entanto, por motivos alheios à sua vontade, o trabalho não prosperou. Decidiu, então, fundar uma colônia para jovens alemães católicos em solo brasileiro, denominada Heimat-Timbó, localizada no Vale do Itajaí, no atual município de Doutor Pedrinho. Seis grupos sucessivos de jovens, previamente preparados na Alemanha, perfazendo um total de, aproximadamente, 180 rapazes, estabeleceram-se na colônia onde trabalhavam em regime de comunidade. Desde o começo o assentamento agrícola passou por dificuldades, que foram se avolumando com o passar do tempo. Os Jovens se dispersaram gradativamente, tomando, cada um, rumo próprio. Padre Johannes Beil retirou-se em meados de 1938, mudando-se para São Paulo.

Valberto Dirksen

A Colônia Comunitária de Jovens HEIMAT-TIMBÓ

Florianópolis, SC
2021

Dedicatória

Ao padre **Johannes Beil***,*
fundador da colônia Heimat.

Aos **Jovens**
que deixaram sua pátria
para construir
um novo lar no Brasil.

Sumário

Prefácio

No tempo de infância, eu ouvia, às vezes, meu pai falar em Heimat, um lugar muito distante de onde nós morávamos. Referia-se a uma colônia formada por imigrantes alemães que ele conhecera ao acompanhar uma família vizinha que se mudou para lá quando esse grupo já havia se dissolvido e suas terras estavam à venda.

Posteriormente, quando estudante secundário, chamava-me a atenção o fato de, nos antigos mapas de Santa Catarina, figurar a localidade de Heimat e eu me perguntava qual o significado e a razão desse nome para aquele ponto no interior do estado.

Em meados da década de 1990, tomei conhecimento do trabalho acadêmico que um aluno da Universidade Federal de Santa Catarina desenvolveu, no laboratório de informática, sobre a colônia Heimat, usando como material principal o acervo fotográfico produzido por jovens imigrantes que participaram do projeto Heimat.[1] Para o historiador, a fotografia é também uma importante fonte de pesquisa e o referido acervo despertou minha curiosidade, levando-me a procurar outros documentos

[1] Trata-se do policial militar Cláudio Hochleitner. O acervo fotográfico compõe-se de dois álbuns que retratam a trajetória dos jovens em sua viagem da Alemanha até o Brasil e aspectos da vida cotidiana em Heimat.

e informações sobre essa colônia. No entanto, o material era sempre muito escasso e fragmentário.

Em 1997, ao realizar meu pós-doutorado na Alemanha, tive a oportunidade de pesquisar, no Arquivo do Ministério das Relações Exteriores daquele país, dados para meu projeto de pesquisa, que, por sinal, não contemplava em nenhum aspecto a colônia Heimat. Todavia, inesperadamente, defrontei-me com duas pastas de documentos totalmente dedicados a essa colônia. Eram 167 páginas de documentos originais que tratavam dos mais diversos aspectos, desde a origem, o desenvolvimento, até o fim da colônia. Providenciei a microfilmagem dos mesmos e os reproduzi mais tarde, em papel, aqui no Brasil. Localizei também, naquela ocasião, no Lateinamerika Institut de Berlim, a autobiografia do Padre Johannes Beil, com 110 páginas. Nesse livro, o autor mostra sua trajetória de vida e de atuação no Brasil, com ênfase à colônia Heimat.

De volta ao Brasil, o interesse em aprofundar o conhecimento sobre essa colônia levou-me a procurar mais documentos e a entrevistar descendentes dos imigrantes que residiram em Heimat. Consegui localizar duas autobiografias de pessoas que participaram do projeto colonial bem como inúmeros outros documentos, como a lista nominal dos imigrantes, o diário do Padre Johannes Beil, entre outros.

De grande valor foram também os documentos que o casal Veronika e Carlos Groni localizou no arquivo da Caritas em Freiburg i. Breisgau, Alemanha. Esta entidade apoiou, coordenou e, em grande parte, subsidiou o projeto colonial.

Tendo em mãos esse material, dei-me ao trabalho de analisá-lo e de extrair as informações necessárias para compor este livro a fim que mais pessoas possam tomar conhecimento da história dessa colônia tão singular e tão diferente de qualquer outra.

Introdução

O processo de ocupação sistemática do território catarinense começou em meados do século XVIII quando, entre 1748 e 1750, o governo de Portugal transferiu centenas de famílias dos Açores para o litoral de Santa Catarina. Era uma ocupação com caráter de povoamento para garantir a posse dessa parte do sul do Brasil, cuja área era disputada entre Portugal e Espanha.

Menos de um século mais tarde, em 1829, o governo de Santa Catarina fundou São Pedro de Alcântara, a primeira colônia com imigrantes alemães. A partir de então, principalmente nas décadas de 1850 e 1860, foram fundadas mais colônias que receberam considerável contingente de imigrantes, a maioria de procedência germânica. Algumas colônias eram particulares, como Blumenau e Joinville, outras, como Teresópolis e Brusque, foram criadas por iniciativa do poder público. Todas respondiam simultaneamente a interesses do governo brasileiro e de países europeus. O governo brasileiro pretendia ocupar os espaços considerados vazios (os indígenas não eram tomados em consideração) e difundir a pequena propriedade privada para abastecer com toda a sorte de gêneros alimentícios os centros urbanos. Pretendia-se introduzir um novo modelo de produção com mão de obra livre sem, no entanto, abolir o latifúndio mantido com mão de obra escrava ou semiescrava. Por outro lado,

a Europa oferecia considerável excedente populacional uma vez que, para as condições econômicas daquela época, havia superpopulação em muitas regiões do velho continente.

No final do século XIX, observa-se também um significativo afluxo de imigrantes de origem italiana, os quais foram estabelecidos na periferia das colônias alemãs de Brusque e Blumenau e no sul do Estado, mais precisamente nos atuais municípios de Orleans, Lauro Müller, Urussanga, Treviso e Nova Veneza.

A última colônia oficialmente fundada em Santa Catarina foi Anitápolis, que recebeu muitos imigrantes do leste europeu entre os anos de 1910 a 1914. No entanto, a maioria desses imigrantes não permaneceu naquele lugar em virtude do isolamento, das dificuldades de adaptação e das terras excessivamente montanhosas. As terras foram gradativamente compradas e ocupadas por descendentes de antigos colonos de Teresópolis, Capivari e Braço do Norte.

A historiografia silencia completamente sobre uma colônia que existiu nas cabeceiras do rio Itajaí do Norte, mais precisamente numa área do atual município de Doutor Pedrinho. Trata-se da colônia Heimat-Timbó, fundada em 1932 pelo padre Johannes Beil, de Berlim, o qual tinha como objetivo trazer jovens católicos solteiros. Para essa finalidade, o fundador adquiriu uma grande área de terra onde os jovens trabalhariam durante dois anos, comunitariamente, no desbravamento da terra ainda coberta de floresta, no estabelecimento da infraestrutura e na construção das casas. Findo esse prazo, cada imigrante receberia um lote pronto para morar, estando então liberado para constituir família. Os interessados eram previamente selecionados e preparados na Alemanha e depois viajavam em grupo para a colônia. A documentação indica que seis grupos de jovens e alguns avulsos, perfazendo um total de,

aproximadamente, 200 pessoas, atravessaram o Atlântico e se estabeleceram em Heimat, formando a Colônia Comunitária de Jovens Heimat-Timbó (Jugend-Gemeinaschafts-Siedlung Heimat-Timbó).

Por razões diversas, que serão analisadas em alguns capítulos deste livro, a colônia não se desenvolveu da forma como havia sido planejada e, após seis anos de existência, o fundador se retirou e os colonos se dispersaram, tomando, cada um, rumo próprio.

Se a colônia fracassou nos seus objetivos, não se pode, no entanto, menosprezar a valiosa contribuição que esses jovens deram, com seu entusiasmo e conhecimentos, nos lugares onde se estabeleceram e com as respectivas famílias que viriam a constituir.

I
Padre Johannes Beil

O idealizador do projeto da colônia comunitária Heimat-Timbó com jovens alemães católicos foi o padre Johannes Beil.

Há poucas informações a respeito de sua vida antes da chegada ao Brasil. Isso se deve, em grande parte, ao fato de o arquivo eclesiástico de Berlim ter sido destruído nos bombardeios durante a Segunda Guerra Mundial. Sabe-se que nasceu em Berlim, no bairro Scharlottenburg, no dia 11 de março de 1904 e que seus pais se chamavam Georg Beil e Anna Kuns.[1] Beil pertencia a uma família de engenheiros. Seu pai passou vários anos no Egito e duas de suas irmãs migraram para o Canadá. Com base em sua autobiografia *Na floresta e em grande cidade do Brasil. Uma vida humana a serviço da cura d'almas e do desenvolvimento social*[2], é possível saber que sua mãe viveu alguns anos com ele no Brasil, inicialmente em Porto Alegre e depois em

---

[1] Os dados referentes aos nomes do pai e da mãe e ao lugar de nascimento constam no Livro de Registro dos Sepultamentos do Cemitério Municipal de Vila Formosa, em São Bernardo do Campo, São Paulo – SP.

[2] BEIL, Johannes. *In Urwald und Großstadt Brasiliens. Ein Menschenleben im Dienste der Seelsorge und der sozialen Entwicklung*. São Paulo – Aalen/Württ. 1967.

Heimat-Timbó. Embora não informe explicitamente, pode-se deduzir que ela voltou com ele para a Alemanha em junho de 1933, pois pretendia encarregá-la da preparação das noivas dos jovens imigrantes antes que estas partissem para o Brasil. Fala também, sem citar o nome, de uma irmã cujo marido o operou enquanto se encontrava na Alemanha.

O jovem sacerdote

Já no tempo de estudante, Johannes Beil se interessava por movimentos da juventude católica, especialmente o Bund Normannsteiner, ao qual chegou a filiar-se como membro. Essa associação, conhecida também como Schar der Normannsteiner, foi fundada em 1924, no castelo de Normannstein, na Turíngia. Era um movimento da juventude católica alemã, dissidente da "União de Jovens por uma Nova Alemanha" (Bund Neudeutschland). Nesse envolvimento com a juventude alemã, ele pôde perceber as angústias e os anseios dos jovens sem grandes perspectivas de emprego.

Padre Johannes Beil.

Em 22 de janeiro de 1928, foi ordenado sacerdote pelo cardeal Adolf Bertram, na cidade de Breslau[3]. Pertencia ao clero da diocese de Breslau e, em 5 de março

---

[3] Breslau, hoje chamada Wroclaw, situada no atual território polonês, fazia parte, naquela época, do território da Prússia.

de 1928, foi nomeado coadjutor da paróquia São Miguel, em Berlim, que naquela época pertencia, em termos de jurisdição eclesiástica, à diocese de Breslau. Com a criação da diocese de Berlim em 1929, Johannes Beil incardinou-se ao clero desta em 1930. Enquanto isso, exerceu também, em 1929, o cargo de diretor espiritual do assentamento agrícola "Neue Heimat", em Schwanebeck-Gehrenberge, nas imediações de Bernau, cerca de 30 quilômetros distante de Berlim.

Vendo tanta gente sem trabalho, nem perspectiva de futuro, Padre Beil teve a ideia de fundar uma colônia agrícola para jovens. Apresentou esse projeto a Wilhelm Marx,[4] um político de grande influência junto ao governo, mas seu plano não foi aceito.

Na sequência ele registrou em sua autobiografia: "Pouco tempo depois, recebi um telefonema do prelado Wienken[5], mais tarde bispo de Meissen. Ele era então o representante da Associação Caritas Alemã de Freiburg, em Berlim. Perguntou-me em poucas palavras: 'Diga-me, caro coadjutor, está disposto a passar alguns anos no Brasil'? Vi nessa proposta um sinal da vontade de Deus e, imediatamente, veio-me a ideia de fundar lá uma colônia para nossa juventude. Por isso, respondi sem refletir: "Por que não"? 'Então, por favor, venha até aqui'".[6]

---

4 Wilhelm Marx (*15.01.1863 em Köln; †5.08.1946 em Bonn). Jurista e político alemão do Partido do Centro, foi duas vezes primeiro-ministro durante a República de Weimar, de 1923 a 1925, e novamente de 1926 a 1928.

5 Heinrich Wienken foi bispo de Meissen de 9 de março de 1951 a 19 de agosto de 1957.

6 BEIL, Johannes. *In Urwald und Großstadt Brasiliens. Ein Menschenleben im Dienste der Seelsorge und der sozialen Entwicklung*. Süddeutscher Zeitungdienst, Druckrei- und Verlagsgesellschaft mbH, Aalen/Württ. 1967. p. 9.

O prelado Wienken contou-lhe, então, o drama dos teuto-russos que outrora haviam sido prósperos agricultores na Ucrânia, nas margens do Volga. Em duzentos anos, haviam transformado aquela região em celeiro de trigo da Rússia e gozavam de grandes privilégios como, por exemplo, a manutenção do idioma alemão. Tudo mudou com a revolução comunista. Foram espoliados de seus bens e suas terras foram coletivizadas. A maioria deslocou-se para Moscou, permanecendo, durante muito tempo, acampada na entrada da cidade, passando fome e miséria. Por intermediação de algumas embaixadas, muitos conseguiram alcançar o território alemão e foram recolhidos no campo de refugiados de Hammerstein. Como, naquela época, a Alemanha sequer tinha trabalho para os próprios cidadãos, o governo dirigiu-se então a outros países de além-mar dispostos a acolher esses refugiados. O Brasil aceitou a oferta e se dispôs a receber certo número de famílias. Como o sul do país já era colonizado por alemães e como o clima dessa região era mais parecido com o europeu, negociou-se a transferência de algumas centenas de famílias para essa parte do país. O cônsul alemão de Porto Alegre encarregou-se de conseguir um local para os imigrantes. A Companhia Territorial Sul Brasil então colonizava grandes áreas do oeste de Santa Catarina, e em terras dessa empresa os imigrantes teuto-russos foram estabelecidos.

A primeira leva de imigrantes era de mais de 500 pessoas. Desembarcaram em Porto Alegre e, de lá, foram encaminhados para o oeste de Santa Catarina, ainda, em grande parte, coberto de floresta virgem. O choque dos recém-chegados foi sem precedentes. Estavam acostumados, na Rússia, a trabalhar e plantar trigo em planuras a perder de vista. Aqui tinham pela frente espessa floresta e terras montanhosas, onde tinham que plantar milho. Entrementes, outros grupos haviam chegado.

A insatisfação e a revolta foi total. Em pouco tempo, muitos foram embora e se estabeleceram nas terras planas do país vizinho, o Uruguai. Finalmente as autoridades deram-se conta de que essa gente tinha também uma religião. Por isso, para amenizar a situação, achou-se por bem conseguir um assistente religioso. O cônsul de Porto Alegre, Dr. Walbeck, dirigiu-se ao Ministério das Relações Exteriores em Berlim e solicitou um jovem sacerdote para dar assistência aos imigrantes às margens do rio Uruguai. O Ministério das Relações Exteriores, por sua vez, dirigiu-se ao bispo Heinrich Wienken que, como vimos acima, chamou o padre Johannes Beil para uma conversa a fim de propor-lhe a ida para o Brasil com a finalidade de prestar assistência aos teuto-russos. A resposta foi afirmativa e, em 16 de janeiro de 1931, saiu a nomeação de Padre Johannes Beil como capelão dos teuto-russos no oeste de Santa Catarina.[7]

E Padre Johannes Beil continua sua narrativa:

"Um coadjutor não pode, sem mais nem menos, emigrar para o Brasil. O prelado teve uma conversa com meu Bispo e, em seguida, fui liberado por três anos. Meu pároco, mais tarde cônego Piossek, ficou estarrecido. Não podia entender como era possível trocar Berlim pela floresta brasileira. Ganhei licença para fazer uma série de pregações (pregações de esmola) para pedir ajuda em benefício de minha futura capelania. Quando minha decisão se tornou conhecida, imediatamente um grupo de jovens se apresentou, querendo acompanhar-me a qualquer custo. Os próprios pais vieram pedir que os levasse comigo. Como eu mesmo viajava para o desconhecido, levei apenas três: Willy, Gerhard e Kurt."[8]

---

7 O assentamento dos teuto-russos localizava-se no interior do atual município de São Carlos.

8 Trata-se de Willy Nowak, Gerhard Tietze e Kurt Willumeit. Em sua autobiografia, Beil afirma que "Willy voltou mais tarde para

Viagem para o Brasil

"Em fevereiro de 1931, nosso navio, o Weser, da Norddeutschen Lloyd, deixou o porto.[9] Havia a bordo cinco religiosas da Ordem do Amor Divino que iam a Serro Azul, no Rio Grande do Sul.[10] Na verdade, deveríamos desembarcar em Porto Alegre para nos apresentar primeiro ao cônsul geral. No entanto, por causa da revolução no Brasil, o porto estava fechado e, por isso, desembarcamos em São Francisco do Sul. Que ideia se pode fazer de São Francisco do Sul! Encontramos uma pequena adormecida cidade com uma bonita igreja antiga e padres franciscanos alemães que nos ajudaram muito na alfândega e em cujo meio nós nos sentimos logo em casa. Havia também um convento de religiosas[11] e, assim, não percebemos que estávamos no outro lado do oceano. Num dia de manhã, às 6 horas, partimos de trem. Primeiro viajamos até Porto União, onde fizemos baldeação para o trem da ferrovia São Paulo – Rio Grande do Sul. A viagem demorou três dias e três noites. Para quem faz pela primeira vez o trajeto, a viagem é interessante porque tudo é novo, mas mais tarde torna-se maçante e a gente amaldiçoa a Companhia Belga [sic][12] que

---

a Alemanha, Gerhard é feliz pai de família de 11 filhos no norte do Paraná e Kurt morreu acidentado como aviador".

9 O embarque foi no porto de Bremen, no dia 9 de fevereiro de 1931, como consta na lista de passageiros do navio Weser.

10 As cinco religiosas eram: Anna Flind (31 anos, Tschecoslováquia), Berta Kottlarz (46 anos, alemã), Maria Hermann (35 anos, Austríaca), Roselie Parsyk (25 anos, polonesa) e Theresia Sterz (25 anos, alemã).

11 O convento de religiosas a que Johannes Beil se refere era o das Irmãs da Divina Providência.

12 Em 1908, o empresário norte-americano Percival Farquhar, através de sua holding Brazil Railway Company, adquiriu o controle da Companhia de Estrada de Ferro São Paulo – Rio Grande

construiu a ferrovia. Inclusive nas planuras o traçado é cheio de curvas, pois a empresa, recebendo por quilômetro, encompridava o trajeto o quanto possível. Finalmente chegamos a Santa Bárbara. Despedimo-nos das religiosas e nos hospedamos no Hotel do Comércio."[13]

A primeira desilusão

"No dia seguinte, alugamos um caminhão, carregamos nossa bagagem – não era pouca – e partimos. Nosso primeiro destino era Águas do Mel, atual Iraí, que hoje, graças às águas quentes sulfurosas, transformou-se num moderno complexo de banhos termais. Banhamo-nos no meio do mato, num cocho escavado de um tronco de árvore. Em seguida chegamos ao imenso rio Uruguai. Foi preciso atravessá-lo de balsa. Na outra margem morava o diretor da Companhia Territorial Sul Brasil, em cuja região agora nós nos encontrávamos, e que havia assumido a colonização. Decidi visitá-lo ainda na mesma noite. Com lanterna a pilha, procuramos o caminho. Era completamente escuro e não havia iluminação em lugar algum. Encontramos uma belíssima residência – construída totalmente em estilo alemão – no meio de um jardim bem cuidado, à margem do rio. Parecia que estávamos junto ao Reno. Bati numa grande e sólida porta e, sem demora, apareceu um homem em mangas de camisa. Quando me apresentei, olhou-me como se eu fosse

---

(EFSPRG). Como a Brazil Railway Company, contratualmente, recebia por quilômetro, cuidou de alongar ao máximo a linha, fazendo curvas desnecessárias e economizando assim em aterros, pontes, viadutos e túneis.

13 BEIL, Johannes. *In Urwald und Großstadt Brasiliens. Ein Menschenleben im Dienste der Seelsorge und der sozialen Entwicklung*. SüddeutscherZeitungdienst, Druckrei- und Verlagsgesellschaft mbH, Aalen/Württ. 1967. p. 12-13.

um fantasma. Por fim, perguntou: 'Donde, afinal, vem o senhor? O senhor não tem para nós serventia aqui'! Quando lhe expliquei que havia sido nomeado por Dom Daniel Hostin, bispo de Lages, para pároco de São Carlos e viera expressamente de Berlim para assumir esse cargo, ele retrucou: 'Sim, mas o senhor não esteve em Porto Alegre com o Cônsul Geral'? Eu lhe contei que, por causa da revolução, havíamos desembarcado em São Francisco do Sul e, por isso, não havíamos estado em Porto Alegre. Pediu-me então para entrar e, em seguida, ele veio com uma longa história: 'O Dr. Walbeck mandou vir da Alemanha um sacerdote sem nos perguntar. Quando soubemos que estava para vir um coadjutor de Berlim, protestamos imediatamente e todos nos rebelamos, pois não tem cabimento enviar-nos um homem de uma grande cidade como Berlim. Quando o bispo esteve aqui há quatro semanas em visita pastoral, foi ele abordado por todos para reverter essa situação. Foi-lhe argumentado que seria possível encontrar alguém aqui no Brasil. De fato, foi encontrado um padre da Sagrada Família. Como o bispo já tinha dado sua palavra ao cônsul, não era mais possível voltar atrás. Nessa época, o Dr. Walbeck visitou os teuto-russos e nos encontramos aqui em casa. Acendeu-se uma veemente discussão e o cônsul decidiu manter o senhor em Porto Alegre, pois lá há também muito trabalho para um sacerdote. Em consequência disso, o bispo nomeou logo o padre da Sagrada Família como pároco de São Carlos'".

"Tudo isso se passara durante nossa viagem da Alemanha para o Brasil. [...]. Eu não estava, em absoluto, de acordo com o que ouvia, pois, por causa da missão, eu havia deixado tudo para trás em Berlim. Eu tinha o telegrama que me nomeava pároco e estava decidido a assegurar esse meu direito. Disse ainda ao diretor senhor Culmey que eu não estava sozinho, mas tinha trazido comigo três imigrantes e que centenas de

outros nos seguiriam da Europa tão logo tivéssemos uma visão de conjunto da situação. Quando ouviu a palavra imigrante, o senhor Culmey se mostrou muito interessado. 'O senhor quer trazer imigrantes? Isso é maravilhoso, nisso eu não havia pensado. Se assim for, então, com certeza, temos que mudar novamente as coisas'. Ele farejou um negócio e, por isso, deu logo meia-volta, embora tivesse sido, na verdade, meu principal adversário. Disse-lhe ainda que, 'como me considero, de direito, o pároco de São Carlos, vou até lá amanhã (faltavam ainda 60 quilômetros)'".

Com os teuto-russos em São Carlos

"Assim, pois, dei minha entrada em São Carlos. O padre ainda não estava lá. Tomei imediatamente posse da sacristia, onde me instalei com os três jovens. Havia trazido comigo um excelente toca-discos e belíssimas músicas de Beuron[14]. À noite ecoavam os sons pelo povoado e o povo, que piedosamente escutava, queria ser atendido, sem se importar com quem lhe desse o atendimento. Eu tinha trazido também todos os apetrechos necessários para a celebração dos sacramentos. Passados três dias, todos estavam de acordo: 'Este padre precisa ficar aqui'. Pouco tempo depois, veio o Padre da Sagrada Família e se apresentou como vigário. Mostrei-lhe o telegrama do bispo. Examinou minha situação, mas disse que ele, como membro de ordem religiosa, tinha o dever de obedecer. Assim, ficamos, por ora, juntos. Entrementes, os três jovens compraram suas colônias e mudaram-se para o mato. Fiquei então doente, provavelmente por causa dos incômodos com os acontecimentos

---

[14] Beuron é um Mosteiro Beneditino situado no Sul da Alemanha, onde vivem em torno de 50 monges. São conhecidos pela exímia execução de músicas sacras, especialmente as de melodia gregoriana.

e do clima. Tive febre alta e precisei ficar acamado. De maneira comovente, fui cuidado por uma família. Quando me senti restabelecido, tomei a decisão de pôr as coisas em pratos limpos e, por isso, viajei a Porto Alegre a fim de conversar com o Dr. Walbeck. O diretor Culmey entregou-me uma carta onde constava que a Companhia tinha grande interesse na minha permanência. O Dr. Walbeck ficou sumamente admirado com a súbita reviravolta e mandou um telegrama ao bispo de Lages. Dom Daniel ainda não havia retornado de sua visita canônica e também não tinha mandado nenhuma notícia. Antes de sua partida, ele havia encarregado o vigário geral de enviar-me imediatamente a provisão como vigário de São Carlos tão logo eu chegasse. Ao receber agora o telegrama do Dr. Walbeck, ele enviou-me imediatamente o documento de nomeação."

"Acreditando que agora tudo estivesse em ordem, comprei um velho automóvel, um Chevrolet, e viajei, sozinho, durante três dias e três noites, até o rio Uruguai. Cheguei no Domingo de Ramos[15] e, orgulhoso, mostrei ao Padre da Sagrada Família minha nomeação como vigário, assinada pelo vigário geral; ele, por sua vez, mostrou-me a sua, assinada pelo bispo.[16] Há aqui um ditado popular que diz: 'Junto de Deus e no Brasil tudo é possível'! Para nós estava claro: tínhamos uma paróquia com dois vigários juridicamente nomeados. Nós, porém, nos demos bem, pois, de fato, não tínhamos nenhuma culpa no dilema. Assim se passou um mês. Eu visitava com frequência os teuto-russos que trabalhavam 12 quilômetros adiante, no mato. Alguns já haviam preparado um bom pedaço de terra, mas todos estavam deprimidos e esperavam por uma visita

---

15 Em 1931, o Domingo de Ramos foi no dia 29 de março.

16 O padre a que se refere Johannes Beil chamava-se Henrique Buse e tomou posse como vigário paroquial na Quinta-Feira Santa, dia 2 de abril de 1931.

do cônsul. Como ele não vinha, fui de automóvel até a estação de Santa Bárbara e, de lá, de trem, a Porto Alegre. O cônsul decidiu viajar imediatamente comigo para esclarecer todo o assunto. 'Se os teuto-russos estiverem, em sua maioria, unidos e decididos a permanecer aqui, então mude-se para junto deles e trabalhe somente para eles. A paróquia ficará então para o outro padre', disse ele. Eu estava de acordo, pois, afinal, viera para os teuto-russos."

"No dia seguinte, fomos até os teuto-russos. Era um lindo dia de sol e fizemos uma grande reunião a céu aberto. Cepos ou enormes troncos, que havia em abundância por toda a parte, serviam como cadeiras. O Dr. Walbeck proferiu uma alocução na qual, entre outras coisas, expôs que a Alemanha, apesar de sua pobreza e miséria, ajudara-os e agora faria o possível para que os emigrantes conseguissem uma nova pátria. Disse também estar disposto a conceder novos subsídios até a autossuficiência, após a nova colheita. Pediu então aos colonos que enfrentassem todas as dificuldades. O capelão, por sua vez, passaria a residir com eles na floresta e zelaria pela sua assistência religiosa, mas também estaria ao lado deles para ajudá-los a solucionar os demais problemas com seus conselhos e ações. Então se levantou um jovem e proferiu um longo discurso: 'É verdade que a Alemanha nos ajudou a sair da Rússia e que nos enviou para o Brasil. Mas isso não foi obra boa pela qual devamos ser gratos. A Alemanha apenas restituiu o que nós fizemos na Ucrânia pela Alemanha durante a Primeira Guerra. Quantos trens carregados de trigo e outros gêneros alimentícios foram por nós enviados para a Alemanha! Agora não há mais dívida recíproca e sobre isso não é mais preciso falar. Mas Deus fez nossos estômagos para saciarem-se de trigo e de modo nenhum permaneceremos num lugar onde não cresce trigo. Nunca e jamais eu e meus companheiros nos acostumaremos

com pão de milho que, além do mais, está cheio de carunchos. A grande maioria pensa exatamente como eu'. Algumas poucas famílias, principalmente com crianças pequenas, resolveram permanecer. As demais decidiram ir embora."

"Como não fazia sentido permanecer no mato por causa de dez famílias, o Dr. Walbeck sugeriu-me acompanhá-lo a Porto Alegre para organizar lá uma comunidade e uma casa de acolhimento para os muitos imigrantes alemães. Assim, antes mesmo de começar, estava terminada a missão pela qual eu havia saído da Alemanha."[17]

Capelão em Porto Alegre

Quando o cônsul Dr. Walbeck voltou a Porto Alegre, Johannes Beil viajou com ele. Naquela época, além dos muitos alemães já residentes naquela cidade, novos imigrantes chegavam a cada dia. A maioria deles fugia da crise que assolava a Alemanha. Inicialmente Beil morou com os jesuítas nas dependências da igreja São José. A igreja São José era a "igreja dos alemães", onde os ofícios religiosos eram realizados em língua alemã.

Havia então, em Porto Alegre, uma elite abastada de alemães, mas existiam também, em vários pontos da cidade, núcleos de alemães necessitados. Em pouco tempo, o Padre Beil tomou conhecimento da realidade e, sem medir esforços, procurou organizar assistência a essa população marginalizada. Sua principal atividade se estendeu à educação, abrindo e organizando uma escola no bairro de Passo de Areia. Além disso, fundou uma casa de acolhida para imigrantes, onde

[17] BEIL, Johannes. Op. cit. p. 13-16.

os recém-chegados eram hospedados e recebiam conselhos e orientações sobre empregos e rumos a tomar.

Padre Beil era uma pessoa inquieta e dinâmica, de impressionante capacidade de ação. Conseguiu, em pouco tempo, estabelecer amplo relacionamento com autoridades religiosas, entre elas o bispo e os padres jesuítas, e com autoridades políticas, como o cônsul alemão e o prefeito de Porto Alegre.

Para poder contar com uma pessoa de sua confiança em casa, mandou vir a mãe, que passou a morar com ele. Embora se sentisse satisfeito com o trabalho que vinha realizando, nunca perdeu de vista o sonho de fundar uma colônia para jovens que, em última instância, o havia motivado a vir para o Brasil.

O projeto Torres

Enquanto trabalhava na assistência aos imigrantes, Padre Beil tomou conhecimento do, assim chamado, "Projeto Torres", de iniciativa do governo brasileiro em parceria com a Alemanha. O projeto era um plano de desenvolvimento de transportes que consistia, em síntese, no seguinte: como o porto de Porto Alegre não tinha condições de receber navios de grande porte, concebeu-se a ideia de construir no Atlântico, próximo a Torres, um moderno porto, e de ligá-lo à capital por uma ferrovia de linha dupla. O consórcio encarregado da construção teria direito sobre uma ampla faixa de terra de ambos os lados da ferrovia, onde seriam estabelecidos os trabalhadores da construção trazidos da Alemanha e outros imigrantes. Além disso, todos os materiais, desde locomotivas e trilhos, como também os técnicos, viriam da Alemanha.

Padre Beil envolveu-se nesse projeto com a missão de prestar assistência aos colonos nacionais e estrangeiros a serem

assentados nas futuras terras que a concessionária receberia como pagamento da construção da ferrovia.

O projeto previa, numa segunda etapa, a continuação da ferrovia, mas de mão única, através do Rio Grande do Sul até o Paraguai. O país vizinho, não tendo ligação direta com o Atlântico, também estava interessado no projeto para exportar seus produtos através do planejado porto de Torres.

Com a ascensão de Hitler ao poder, infelizmente o projeto foi abortado e a participação de Padre Beil estava encerrada.

Heimat-Timbó

Beil não se deu por vencido. Retomando a motivação inicial que o fizera vir ao Brasil, decidiu fundar uma colônia por conta própria com jovens solteiros católicos. Em sua autobiografia, ele explicita: "Quando escutei o Dr. Walbeck dizer – referindo-se ao Projeto Torres – que tudo havia acabado, decidi então, eu mesmo, empreender alguma coisa. Dessa forma surgiu o plano da Colônia Comunitária Heimat-Timbó".[18]

Enquanto corriam os trâmites da escolha do lugar da colônia e a compra do terreno, a cargo de Gustav Frank, bem como a preparação do grupo de jovens na Alemanha, Padre Beil permaneceu em Porto Alegre, na direção da casa de acolhida de imigrantes alemães.

"A chegada do primeiro grupo estava prevista para o dia 15 de julho de 1932. Entrei imediatamente em contato com a empresa aérea Condor, cujo diretor eu conhecera através do Dr. Walbeck. Ele me prometera um voo gratuito para buscar os jovens em São Francisco do Sul. Entrementes, o sr. Frank havia construído, no terreno de nossa colônia, uma grande casa de

---

[18] BEIL, Johannes. Op. cit. p. 20.

madeira com cozinha etc, e mandado abrir até lá um caminho, transitável de automóvel com bom tempo. No dia da partida, 12 de julho de 1932, fui com minha mala até o aeroporto. Lá fui informado de que acabara de estourar uma revolução e que o governo confiscara todas as aeronaves. Fiquei como que atingido por um raio. Como chegar a São Francisco do Sul? Fui depressa à estação ferroviária. Ali soube que os trens iriam apenas até Santa Maria, que era apenas um quarto da viagem. De lá seguiriam adiante apenas trens com soldados. Assim, fui primeiro a Santa Maria. Aqui era o fim! Na estação ferroviária encontrava-se um longo trem militar no qual, como soube mais tarde, viajaria o general comandante. Dirigi-me a um capitão que me encaminhou ao chefe do trem e este me autorizou a viajar com ele. Como estava de batina, os soldados achavam que eu era o capelão do exército. Algum tempo depois da partida, houve uma longa parada: numa estação fora preparada comida e assada carne no espeto, pois os soldados, afinal, tinham que comer. Eu me sentia como que sobre brasas. O dia da chegada já havia passado. Como se arranjariam os jovens! Finalmente chegamos a Porto União, donde parte o ramal para São Francisco. Eram 5 horas da manhã e às 6 horas partia o trem em direção ao litoral. Agradeci a Deus tê-lo podido alcançar ainda. Esse trem cruzava-se em Jaraguá do Sul com o que vinha do litoral. Lá, olhando para fora da janela, vi um bom número de jovens com chapéus e roupas típicas. Sabia logo: 'Lá estão eles'. Saltei do trem e, de fato, eles haviam chegado bem até ali. O sr. Frank tinha ido buscá-los. Por causa da revolução, a chegada deles também havia atrasado e, assim, tudo teve um bom termo."[19]

A viagem prosseguiu no dia seguinte, num caminhão, de Jaraguá do Sul até Benedito Timbó (hoje, Benedito Novo)

---

[19] BEIL, Johannes. Op. cit. p. 22 e 24.

e de lá a pé, pois havia chovido muito e a estrada estava intransitável.

Padre Beil só permaneceu pouco mais de uma semana na colônia, pois havia pendências a resolver em Porto Alegre, uma vez que o seu sucessor em Passo de Areia ainda não havia chegado. Por isso, instalados os jovens, deteve-se com eles alguns dias e, em seguida, voltou a Porto Alegre.

Meio ano mais tarde, isto é, em meados de janeiro de 1933, chegava o segundo grupo, num total de 21 jovens. Padre Beil foi recebê-los e os acompanhou até a colônia Heimat-Timbó. Esse grupo apresentou, logo à chegada, alguns problemas, gerando conflitos e desentendimentos com a direção e com os demais imigrantes já estabelecidos. Superadas as dificuldades, Beil voltou novamente a Porto Alegre para acertar lá os últimos detalhes e entregar sua missão ao sucessor. Escreve em seu diário: "No dia 10 de abril de 1933, deixei definitivamente Porto Alegre e fui de caminhão, levando comigo minha mãe e Veith. Cheguei a Heimat-Timbó no dia 13 de abril de 1933, ao meio-dia. Grande alegria".[20]

O leitor poderá se perguntar: E quem esteve à frente da Colônia Heimat de 17 de julho de 1932 até 13 de abril de 1933? Não há documento que afirme expressamente, mas tudo leva a crer que tenha sido Gustav Frank. O jornal Der Urwaldsbote, de Blumenau, afirma que Gustav Frank, até então diretor da Colônia Heimat-Timbó, comprou, em janeiro de 1934, o hotel Metropol de Florianópolis.

A colônia Heimat-Timbó contou com vários diretores ao longo dos seis anos de existência, mas o responsável último sempre foi o Padre Johannes Beil. Seu dinamismo e suas iniciativas obrigavam-no a realizar muitas viagens, tanto no

---

[20] BEIL, Johannes. Diário (manuscrito). p. 1.

Brasil como para o exterior. De junho a dezembro de 1933, ele esteve na Alemanha, fazendo campanha em prol de sua obra para conseguir recursos financeiros e atrair mais jovens.

Após a ascensão do nacional-socialismo ao poder na Alemanha e a instauração da ditadura de Getúlio Vargas no Brasil, a situação de Padre Beil tornou-se cada vez mais difícil. Beil era ferrenho inimigo do nazismo e, por isso, as autoridades da Alemanha e os simpatizantes do nazismo em Blumenau o acusavam de traidor da pátria. Por outro lado, como ele era alemão, as autoridades brasileiras viam-no com suspeita, pois poderia ser um agente do nazismo. Além desses adversários, outros setores da sociedade blumenauense não lhe pouparam críticas.[21] Assim, cercado de dificuldades por todos os lados, tanto internos como externos, Padre Johannes Beil decidiu deixar definitivamente a colônia após seis anos da fundação. Em seu diário deixou expressos seus sentimentos, frustrações e preocupações: "Não me é fácil partir, mas é necessário. Não direi nada a ninguém. Na festa de Corpus Christi, celebrarei a última Santa Missa em Heimat.Não gosto de despedidas sentimentais". [...]. "Eu vou para o norte, para algum lugar onde moram poucos alemães. Não quero mais, de modo algum, envolver-me na luta de nosso tempo, em que se digladiam os adeptos e os adversários do nazismo. Almejo uma paróquia de brasileiros nativos não problemáticos, e dessas existem bastantes". Dia 15 de junho de 1938, após a missa de Corpus Christi, Padre Johannes Beil disse adeus à colônia e aos poucos

---

[21] O jornal "Diário de Notícias", do Rio de Janeiro, na edição de 8 de julho de 1934, em reportagem sobre Blumenau, incluiu também matéria sobre a colônia Heimat-Timbó. O autor do artigo enaltece Padre Beil e sua obra. Finaliza dizendo que, pelo visto, "É fácil avaliar a série enorme de adversários e críticas mordazes à instituição nascente".

remanescentes que ali ainda se encontravam. Esteve apenas uma vez em visita a Heimat-Timbó, em 1957, por ocasião da comemoração dos 25 anos de fundação da colônia. Apesar das homenagens que recebeu nessa ocasião, sua frustração deve ter sido grande, pois pouca coisa restava daquilo que havia sido seu grande sonho. Para ele, a solenidade era uma celebração de algo que já não existia mais.

A superação dos sonhos frustrados

Ao deixar Heimat-Timbó, Johannes Beil foi a São Paulo e colocou-se à disposição do bispo, que o enviou a Ubatuba, cuja paróquia estava há tempo sem pároco.[22] Trabalhou incansavelmente, durante muitos anos, junto aos caiçaras do litoral paulista. Como ele era alemão nato, teve que abandonar o litoral quando o Brasil entrou na guerra contra as potências do Eixo, pois o regime ditatorial de Getúlio Vargas exigia que, em nome da segurança nacional, nenhum padre estrangeiro trabalhasse em paróquia limítrofe com o litoral. Por isso, em março de 1943, ele foi para São Paulo, onde assumiu a paróquia de São Vito, no bairro do Brás. Terminada a guerra, teve autorização para voltar ao litoral, reassumindo a paróquia de Ubatuba. De 1952 em diante, trabalhou durante 10 anos em São Vicente, empenhando-se na construção da igreja. Em 1962, voltou novamente a São Paulo, encarregando-o o arcebispo de duas paróquias na periferia da cidade, mais precisamente na Vila Mangalot, onde fundou a Paróquia de São João Batista e construiu a igreja matriz. Nessa paróquia, Padre Johannes Beil permaneceu até

---

[22] Em São Paulo, onde a absoluta maioria da população era luso-brasileira, Padre Johannes Beil teve seu nome traduzido para o português, passando a chamar-se Padre João Beil.

28 de março de 1970, quando se mudou para Riacho Grande, em São Bernardo do Campo, fundando nova paróquia – a última – também sob o título de São João Batista e ali construiu também belíssima igreja. Administrou a paróquia até o dia 15 de setembro de 1979. A partir de então, recolheu-se em sua residência privativa, num pequeno sítio localizado a poucos quilômetros da igreja.

Sítio em São Bernardo do Campo. Em primeiro plano, a capela privativa. Nos fundos, a residência onde Padre Johannes Beil morou nos últimos anos de vida.

Nesse sítio, além da residência, construiu pequena capela privativa, onde celebrava sua missa cotidiana. Faleceu em sua residência no dia 6 de maio de 1980, vítima de infarto. No dia seguinte, à tarde, foi sepultado no cemitério municipal da Vila Euclides, em São Bernardo do Campo.

No dia 15 de janeiro de 1998, Padre Johannes Beil foi exumado e seus restos mortais novamente inumados na mesma

sepultura para dar lugar ao sepultamento de outros sacerdotes. Por isso, encontram-se sepultados no mesmo túmulo, além de Padre Johannes Beil, mais quatro religiosos da Congregação dos Padres Carlistas.

Reconhecimento, honras e gratidão

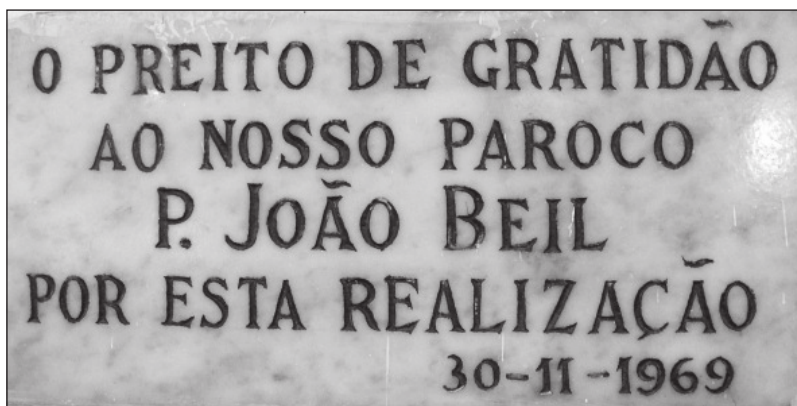
Hans Jakob Emsters, um dos jovens imigrantes que vivenciou toda a trajetória da colônia Heimat-Timbó e que conviveu com Padre Beil, prestou o seguinte depoimento: "Ninguém pode nem deve duvidar das ótimas qualidades do fundador como sacerdote zeloso e guia de almas". Mesmo convivendo com jovens solteiros de diferentes idades, sua vida foi sempre pautada por uma conduta moral ilibada.

Padre Beil foi, sem dúvida, um batalhador entusiasta e um trabalhador incansável até o fim da vida. Em São Paulo, tornou-se conhecido como construtor de igrejas.[23] Tinha muita habilidade em conseguir recursos para suas obras. Seu entusiasmo era contagiante.

Em reconhecimento pelo seu zelo pastoral e total dedicação à cura d'almas no Rio Grande do Sul (Porto Alegre), em Santa Catarina e em São Paulo, Padre Johannes Beil foi condecorado pelo Bispado de Berlim, em 5 de julho de 1956, com o título de "Vigário Paroquial" por aquela diocese e, a 4 de fevereiro de 1977, foi agraciado pelo Vaticano com o título honorífico de "Coadjutor de Honra do Papa".

Na igreja de São João Batista, em Vila Mangalot, São Paulo, encontra-se na parede, no lado esquerdo, perto do presbitério, uma placa com os seguintes dizeres:

---

[23] Segundo informações orais, Padre Johannes Beil teria construído e reformado 21 igrejas. As que surgiram de sua iniciativa têm como titular São João Batista, em homenagem a seu nome (Johannes/João).

Padre Johannes Beil deixou uma autobiografia impressa[24] e um Diário[25] manuscrito. Além disso, produziu um filme que tem como título "Neuland der Tat"[26]. O filme mostra a vida e atividades na colônia Heimat-Timbó. Foi rodado algumas vezes no Brasil e muitas vezes na Alemanha como propaganda para atrair jovens e outros interessados em emigrar e se estabelecer na referida colônia e também para angariar recursos para o projeto colonial.

---

[24] BEIL, Kaplan Johannes. *In Urwald und Großstadt Brasiliens. Ein Menschenleben im Dienste der Seelsorge und der sozialen Entwicklung*. São Paulo – Aalen/Württ. 1967. (Na floresta e em grande cidade do Brasil. Uma vida humana a serviço da cura d'almas e do desenvolvimento social).

[25] O Diário é um manuscrito em alemão, sem título, de 29 páginas, redigido, na versão final, poucos dias antes de sua saída definitiva de Heimat-Timbó. O documento contempla os seis anos em que o autor esteve em Heimat.

[26] O filme "Neuland der Tat" (Mundo Novo, uma realidade), com 20 minutos de duração, foi produzido em Heimat-Timbó no primeiro semestre de 1933. Foi rodado em diversas localidades do Brasil e da Alemanha. Em 1938 a censura do regime nazista modificou o título para Deutsches Volk in Brasilien (Alemães no Brasil).

Padre Johannes Beil, em idade avançada,
quando trabalhava em São Paulo.
Acervo: Carlos Groni.

II
Heimat-Timbó: as origens

Como tudo começou

Na autobiografia, Padre Johannes Beil expressa claramente os motivos que o levaram a fundar uma colônia comunitária para jovens alemães: "O plano dessa colônia nasceu da situação de desespero em que se encontrava a juventude alemã naqueles anos. O desemprego e o fortalecimento do nacional-socialismo obrigavam muita gente a emigrar".[1]

A mesma ideia também é encontrada nos Estatutos da Colônia Comunitária de Jovens Católicos no sul do Brasil:

"A miséria do tempo que nos recusa pão e sentido da vida, o destino proletário que nos aguarda e a ânsia por uma vida normal fizeram com que, nós jovens alemães, nos reuníssemos para conseguir um novo espaço vital, pois não queremos consumir nossos melhores anos num ócio vazio e condenar nossa vida à inutilidade. Como a pátria ficou apertada demais para os seus filhos, atravessaremos o Atlântico onde, mais longe, um espaço ainda não habitado espera por nós e por nossas forças".[2]

---

1 BEIL, Johannes. *In Urwaldund Grossstadt Brasiliens. Ein Menschenleben im Dienste der Seelsorge und der sozialen Entwicklung*. São Paulo und Aalen/Württ. 1967. p. 21.

2 Verfassung der Gemeinschaftssiedlung junger deutscher Katholiken in Südbrasilien.

Em 1929 teve início, começando nos Estados Unidos, a grande crise econômica mundial. O fenômeno atingiu não só aquela nação, mas também a Europa e outras partes do mundo. Como sempre, a primeira e a maior consequência de uma crise econômica é o desemprego. A produção diminui e postos de trabalho são fechados. Nesse cenário, as maiores vítimas são os jovens que não conseguem trabalho uma vez que não são criados novos postos e os que existem são, preferencialmente, cedidos aos trabalhadores com experiência.

Em 1930, a crise econômica campeava em toda a Europa, principalmente na Alemanha, onde o governo da República de Weimar tentou, sem sucesso, equacionar os problemas econômicos e sociais. Um clima de desânimo, quando não de desespero, tomou conta da população, sobretudo dos jovens, que se viam obrigados a procurar uma nova existência em outras terras, fora de seu país natal. Havia na Alemanha, em números redondos, aproximadamente seis milhões de desempregados, dentre os quais em torno de dois milhões de jovens com menos de 22 anos de idade. A realidade indicava como era grande a angústia espiritual e econômica da juventude alemã. Mesmo que o fomento à economia tivesse algum êxito, somente uns quatro milhões de desempregados conseguiriam novamente trabalho, pois a racionalização da economia levada a efeito após a Primeira Guerra Mundial não permitia a absorção da grande massa de mão de obra disponível.

É preciso lembrar a instabilidade política reinante naquela época. De um lado, as propostas do comunismo, cujo regime tinha sido implantado na Rússia havia poucos anos, contavam com muitos simpatizantes, tanto entre políticos, no parlamento, como também na sociedade em geral, sobretudo na população mais jovem. Em oposição ao avanço das ideias do comunismo, ganhavam força crescente as propostas do nacional-socialismo.

As duas facções ideológicas se digladiavam na frágil República de Weimar, que acabou sucumbindo com a ascensão de Hitler ao poder em 1933. Em tal ambiente de agitação e de instabilidade, surgiram muitos movimentos, tanto em âmbito eclesiástico como na sociedade civil, com o objetivo de encontrar soluções para os graves problemas do desemprego. É este o pano de fundo que deve ser tomado em consideração para que sejam entendidos os motivos que levaram o Padre Johannes Beil a fundar uma colônia comunitária para jovens alemães.

"No fim de 1930, eu era coadjutor na paróquia São Miguel, em Berlim. Era um tempo de muita aflição para a juventude. Não havia trabalho, nem perspectiva de futuro para os jovens. Tive, então, a ideia de fundar uma colônia agrícola. Durante a Primeira Guerra, eu passara uma vez as férias na Pomerânia Oriental, em Lauenburg,[3] na casa do chefe da guarda florestal. Existiam, na região de sua atuação, imensas planuras de terra de turfa (Lebamoor),[4] e lá trabalhavam centenas de prisioneiros de guerra russos no cultivo de verduras. Nunca tinha visto couve-rábano tão grande. Tive então a ideia de fundar ali, com nossos jovens desempregados, uma colônia agrícola para cultivar hortaliças. Era então primeiro-ministro Wilhelm Marx, líder do Partido de Centro. Dirigi-me a ele a fim de conseguir, naquela região, uma área de turfa[5] onde fundaria, com jovens

---

[3] Lauenburg situava-se na antiga Pomerânia Oriental, região pertencente atualmente à Polônia.

[4] Lebamoor era uma região de planura no norte da Polônia, perto do mar Báltico, onde o Ministério da Agricultura da Alemanha implantara, no início do século XX, quando essa região – a Pomerânia Oriental – ainda pertencia à Alemanha, campos experimentais para aproveitamento de terras cujo solo era de turfa.

[5] A turfa é um material de origem vegetal, parcialmente decomposto, encontrado em camadas, geralmente em regiões pantanosas e de clima frio. Na terra onde predomina a turfa, o solo é pobre.

berlinenses, uma colônia agrícola para cultivar hortaliças. Mas meu plano foi rejeitado."[6]

A resposta negativa do ministro alemão não o fez desanimar. Nova esperança se acendeu para a concretização de seu ideal quando o bispo Wienken, representante da Associação Caritas em Berlim, o convidou a passar alguns anos no Brasil como capelão dos teuto-russos no Oeste de Santa Catarina. Mas, como vimos no primeiro capítulo, por motivos alheios à sua vontade, a assistência aos teuto-russos não teve longa duração. Padre Beil foi, então, a Porto Alegre, onde trabalhou no acolhimento de imigrantes alemães. Durante esse período, envolveu-se também no "Projeto Torres", com a incumbência de dar assistência a imigrantes alemães que deveriam ser assentados ao longo da ferrovia a ser construída entre Torres e Porto Alegre. Como o projeto não se concretizasse, Padre Beil decidiu, então, fundar uma colônia por conta própria, com a qual vinha sonhando há tanto tempo.

Fundação da colônia

Na autobiografia, Padre Beil nos coloca a par de suas ideias relativas à colonização, bem como dos aspectos específicos do modelo que ele pretendia adotar na colônia para os jovens imigrantes.

"Durante o breve período em que me encontrava no Brasil, já ficara claro que uma colônia na floresta devia ser previamente preparada. Como preparação, não bastava construir apenas estradas e abrigos; mais importante me parecia instruir os próprios imigrantes sobre suas novas tarefas. Assim como não se levam mulheres para a guerra, também me parecia im-

---

6 BEIL, Johannes. Op. cit. p. 9.

possível levar mulheres para a floresta. Na Alemanha, alguém também se preocupava com tais problemas: o Dr. Konrad Theiss, da Associação Caritas Alemã de Freiburg, um velho amigo meu. Havíamos feito juntos, quando estudantes, uma viagem pelo Oriente. Ele estava disposto a reunir jovens interessados e, na medida do possível, prepará-los para a dureza da nova vida. Quando o 'Projeto Torres' foi abandonado, pedi-lhe para começar com os preparativos na Alemanha."[7]

Numa correspondência com data de 21 de julho de 1931, Padre Beil expõe a Konrad Theiss as ideias básicas que ele deveria tomar em consideração na seleção e preparação dos jovens dispostos a participar do projeto colonial bem como da quantia necessária para o financiamento do projeto. Apresenta, também na mesma correspondência, os princípios básicos que deveriam nortear a elaboração dos estatutos.

"Nesse meio tempo – escreve Beil – eu precisava preocupar-me com a escolha de um lugar adequado para a colônia. E nisso se encontravam as dificuldades. Dr. Theiss escreveu-me que cada um poderia contribuir, no máximo, com 1.000 marcos para a colônia comunitária, o que correspondia, naquela época, em dinheiro brasileiro, a 3.000 cruzeiros. Era o preço de uma colônia de terra da Companhia Territorial Sul Brasil, na qual naturalmente pensei primeiro. Entrei em contato com a companhia, que se mostrou propensa a dar um desconto de dez por cento, em se tratando de muitos colonos; mas isso era naturalmente muito pouco. Eu não podia, de modo algum, gastar todo o dinheiro disponível só na compra da terra. Era necessário prover nossa manutenção até a primeira colheita e ter recursos para o pagamento do transporte do porto até a colônia. Em instalações, nem pensar! Informei-me ainda junto

[7] BEIL, Johannes. Op. cit. p. 21.

a outras companhias colonizadoras, mas não obtive nenhuma proposta viável para nós."

"Naqueles dias – continua Beil – a Volksverein[8] realizou um de seus congressos católicos em Selbach para o qual fui convidado como palestrante. Lá conheci o franciscano Frei Estanislau Schätte, OFM,[9] que chamou minha atenção para Blumenau. Ele garantiu-me que, não muito longe do centro de Blumenau, seria possível comprar terra por um preço bem mais barato do que às margens do rio Uruguai. Além do mais, as terras se localizavam numa região provida de melhores meios de comunicação. Decidi, então, mandar alguém para lá. O sr. Gustav Frank,[10] um professor que se encontrava comigo na casa de acolhida dos imigrantes, entusiasmou-se e se dispôs a

---

[8] A Volksverein (Associação Popular) era uma associação organizada pelos padres Jesuítas do Rio Grande do Sul e tinha como objetivo dar assistência aos colonos católicos. A Volksverein adquiriu no oeste de Santa Catarina uma grande área, onde fundou a colônia Porto Novo, mais tarde denominada Itapiranga. A região da antiga colônia Porto Novo corresponde aos atuais municípios de Itapiranga, São João do Oeste e Tunápolis.

[9] OFM é a sigla formada pelas letras iniciais de Ordo Fratrum Minorum, que significa Ordem dos Frades Menores ou, simplesmente, Ordem dos Franciscanos.

[10] Gustav Frank, depois de ter negociado a compra do terreno para a instalação da colônia Heimat-Timbó, preparou a infraestrutura da colônia para receber os jovens e continuou trabalhando ali até o dia 1º de dezembro de 1933. Em seguida casou-se com Wanda Kaspereit, filha de uma pobre família de colonos de Benedito Novo. No início de janeiro de 1934, ele comprou, em Florianópolis, o Hotel Metropol por 40 contos, dando 25 contos de entrada. O jornal *Der Urwaldsbote* noticia com certa ironia esses fatos, questionando, inclusive, a origem duvidosa do dinheiro para a compra do hotel. Documentos produzidos naquela época creditam o fracasso da colônia a Gustav Frank pela má escolha do lugar.

empreender a viagem. Eu tinha apenas uma pequena reserva de dinheiro, mas juntei tudo o que tinha e mandei-o a Blumenau. Em pouco tempo, recebi notícias. Entusiasmado, Frank descreveu a região como ainda não povoada, a 80 quilômetros de Blumenau, onde existia uma grande área de floresta, excelente para nossa finalidade. O preço era apenas a décima parte do valor do que havia sido pedido por terras às margens do rio Uruguai.Mas escreveu também que a terra não era tão boa quanto estas últimas. Em contrapartida, apresentava essenciais vantagens: distava apenas uns 50 quilômetros da estação ferroviária de Indaial, ao passo que nas regiões do Uruguai era necessário percorrer quilômetros em péssimas estradas até a estação mais próxima de Santa Bárbara. Nossa terra faria estrema direta com o território das velhas colônias alemãs e pertencia, naquela época, ao município de Blumenau. No outro lado das montanhas, localizavam-se os lotes da célebre colônia alemã Hansa. O preço era extraordinariamente favorável, bem como as condições de comunicação e o clima."[11]

A terra

O terreno encontrado situava-se nas cabeceiras do rio Lima e do rio Forcação, afluentes do rio Benedito que, por sua vez, deságua no rio Itajaí-Açu. A área adquirida era muito montanhosa, acidentada e ainda coberta de floresta. Pertencia à Firma Bona & Cia, cujos proprietários eram Germano Bona e sua esposa Marianne. Há divergências a respeito do tamanho da área adquirida. Na autobiografia, Johannes Beil fala em 34.000 hectares. Porém, mais tarde, quando o terreno foi medido, a área era de, apenas, 7.000 hectares. Nem Padre Johannes Beil, nem

---

[11] BEIL, Johannes. Op. cit. p. 21-22.

a colônia tiveram escritura pública da terra. Para evitar dupla despesa com escrituras, foi feito apenas um contrato particular de compra e venda perante um escrivão público em Blumenau. Esse contrato, na verdade, oferecia certo risco, pois a firma Bona e Cia. encontrava-se em grande dificuldade financeira e o valor pago pela terra (Rs. 101:000$000), foi parar nos cofres da Firma Carlos Hoepcke, o maior credor da firma Bona & Cia.[12] A partir do segundo ano de instalação da colônia, começaram a ser feitos os desmembramentos dos lotes individuais, de 25 hectares cada um, os quais foram escriturados diretamente em nome dos jovens. Mais tarde, por volta de 1939, parte da área ainda não dividida em lotes, e que ainda se encontrava em nome de Padre Beil por força do contrato, foi confiscada pelo Estado por falta de pagamento dos impostos.[13]

A Firma Bona & Cia. havia-se comprometido, no contrato, a arcar com as despesas de medição do terreno, bem como com a construção de uma boa estrada de acesso. Por falta de recursos, a Firma não honrou o compromisso e Padre Beil teve que realizar esse trabalho com seus jovens. A medição do terreno foi feita em 1934 pelo agrimensor Peregrinus Hoppe[14], a pedido do cônsul alemão Dittmar, de Florianópolis.

---

12 MECKIEN, Bruno. *Gutachtliche Äusserung über die Siedlungsländereien der Jugend-Gemeinschaftsiedlung "Heimat" im Distrikt Benedito-Timbo, Munizip Blumenau*. p. 10. (Bruno Meckien era diretor da Colônia Hansa).

13 Padre Johannes Beil afirma que, no começo, não sendo a Colônia Comunitária Heimat pessoa jurídica validamente constituída, não podia adquirir a terra. Por isso, ele a comprou em seu nome pessoal, passando-a gradativamente aos jovens colonos em forma de lotes individuais. Mais tarde foi criada a Empresa "Heimat" para a qual, por sugestão do diretor Fertsch, foi transferida parte da terra. O restante ficou em nome de Padre Beil. (Op. cit. p. 40).

14 Peregrinus Hoppe era um engenheiro formado na Alemanha e que emigrou após a Primeira Guerra Mundial. Aqui no Brasil assumiu a profissão de agrimensor. Graças ao exercício dessa

A parte mais baixa da colônia ficava entre 600 a 700 metros acima do nível do mar e, nos lugares mais elevados, a altitude oscilava de 900 a 1.000 metros. O terreno era constituído, predominantemente, de terra argilosa e pouco arenosa, e nos lugares mais baixos, havia brejos onde se encontravam as nascentes dos riachos que atravessavam o terreno. No seu todo, o solo era, portanto, fraco e pouco apropriado para lavoura. Para tornar-se produtiva, a terra precisaria ser cultivada e fertilizada. Era montanhosa com pequenas áreas onduladas e outras bem escarpadas, não se prestando, portando, para uso de arado, o que dificultava a exploração agrícola. O terreno era atravessado, em parte, pelo rio Lima, cujos afluentes irrigavam bem a terra. Na maior parte do terreno encontravam-se as nascentes do rio Forcação cujos riachos formavam estreitos e escapados vales. Todo o terreno encontrava-se coberto de densa mata mista. Havia, na região, pouca madeira de valor comercial. Entre as madeiras existentes, encontrava-se a canela preta, a canela sassafrás, a canjerana e o cedro. Na extremidade mais elevada do terreno e de difícil acesso, havia também imbuia, madeira muito valorizada para móveis. Embora a região ainda não tivesse sido ocupada legalmente por colonos, antes da implantação da colônia Heimat, madeireiros da redondeza já haviam extraído grande parte da madeira aproveitável para fins comerciais.

Os pioneiros

Enquanto Beil providenciava os preparativos aqui no Brasil, Konrad Theiss realizava em Ebersteinburg, na Alemanha, o estágio preparatório do primeiro grupo, durante o mês de abril e maio de 1932. Participaram do encontro 24 jovens, dos quais

---

profissão, tornou-se, com o passar dos anos, um profundo conhecedor das terras e da colonização do Médio Vale do Itajaí e planalto norte de Santa Catarina.

17 foram aprovados. Embarcaram em Hamburgo no dia 25 de junho e desembarcaram em São Francisco do Sul no dia 14 de julho. Preenchidas as formalidades burocráticas do desembarque e da entrada no país, seguiram viagem de trem até Jaraguá do Sul, onde se encontraram com Padre Beil e de lá, de caminhão, até Benedito Timbó. Percorreram o trecho restante, até Heimat, a pé.

Beil escreveu em seu diário:

"Chegamos por volta das 9 horas da noite do dia 17 de julho de 1932. E como fomos recebidos! O sr. Frank tinha preparado tudo maravilhosamente. A comida estava na mesa, precisávamos apenas nos assentar. Ainda hoje, apesar de tudo, posso dizer ainda o que então eu vivenciei: pouquíssimos imigrantes encontraram uma acolhida como a dos nossos colonos. Tudo estava preparado nos mínimos detalhes. Como a noite era muito fria, e como nossa mudança ainda não havia chegado, sentamo-nos em volta de uma fogueira e conversamos. Outro dia, de manhã bem cedo, começamos o trabalho. Rachamos tabuinhas, pois uma parte de nosso casarão ainda não tinha cobertura. O sr. Frank havia providenciado também diversos trabalhadores teuto-brasileiros, homens experientes em trabalhar no mato e, em pouco tempo, tudo estava em atividade."[15]

[15] BEIL, Johannes. Op. cit. p. 21-22.

III
O projeto colonial[1]

A concepção do modelo de colônia comunitária aplicado em Heimat-Timbó é do Padre Johannes Beil, e a elaboração do projeto coube ao Dr. Konrad Theiss, seu amigo e estreito colaborador. Theiss era homem de gabinete ao passo que Beil era homem de ação. A fundamentação teórica e as propostas de realização prática encontram-se expostas num livreto publicado por Konrad Theiss sob o título *Die Jugend-Gemeinschafts-Siedlung "Heimat" Brasilien*,[2] patrocinado pela Caritas alemã, com sede em Freiburg i. Breisgau, Alemanha, da qual ele era diretor. Coube também a Konrad Theiss a elaboração dos estatutos da colônia, que tinham como título *Verfassung der Gemeinschaftssiedlung Junger deutscher Katholiken in Südbrasilien*.

Pressupostos teóricos

A ideia de fundar uma colônia comunitária com jovens católicos solteiros – segundo Konrad Theiss – originou-se da ob-

---

[1] O assunto desenvolvido neste capítulo baseia-se em THEISS, Konrad. *Die Jugend-Gemeinschafts-Siedlung "Heimat" Brasilien*. Freiburg im Breisgau: Caritasverlag GmbH, 1933.

[2] A Colônia Comunitária de Jovens "Heimat" Brasil.

servação dos tradicionais métodos de colonização. As famílias emigravam cada uma por conta própria. Embora viajassem, não raramente, em grupo e se estabelecessem na mesma colônia, cada família era, todavia, responsável individualmente por seu novo lar na floresta. No modelo idealizado por Beil e Theiss, pretendia-se evitar as dificuldades que os colonos enfrentavam isoladamente, pois em grupo seria muito mais fácil dominar a floresta, construir casa, suportar a solidão e o isolamento, vencer economicamente, bem como preservar os valores religiosos e culturais. Na concepção dos fundadores de Heimat-Timbó, a vida e o trabalho em comunidade seriam uma fase transitória da colônia. O objetivo final era possibilitar ao imigrante constituir uma família de agricultor autônomo numa propriedade particular, mas filiado a uma grande cooperativa da qual todos os colonos da comunidade seriam sócios.[3]

O plano, segundo os idealizadores, assentava-se em dois importantes pressupostos: primeiro, no fato de que agora, diferentemente do que acontecia outrora e por motivos financeiros, emigravam muito mais rapazes solteiros do que famílias constituídas. Fazia-se necessário possibilitar a esses jovens, que de qualquer forma emigrariam, a oportunidade de construir seu novo lar mediante um trabalho comunitário para superar os desafios na nova pátria. O segundo pressuposto valia-se da constatação de que, desde a Primeira Guerra, a juventude alemã apresentava uma forte tendência a uma vida mais simples e

---

[3] Em matéria publicada no jornal "Diário de Notícia", do Rio de Janeiro, de 8 de julho 1934, sob o título *Moços alemães, universitários e empregados do comércio, organizam uma cooperativa de consumo e de produção*, o autor do artigo, depois de fazer referência à "Cooperativa Heimat-Timbó", fundada em 1º de abril de 1934, cujos sócios são os jovens imigrantes, não hesita em afirmar que "Em companhia dos seus jovens conterrâneos, o capelão Beil está realizando uma interessantíssima experiência de socialismo prático".

em contato com a natureza. A experiência nos acampamentos militares, onde todos estavam sob severas ordens para o bem comum, bem como as experiências vividas em viagens poderiam servir de base para um assentamento colonial comunitário. Por isso, deu-se preferência aos candidatos engajados em algum grupo da juventude católica, como círculos e associações de várias denominações que se preocupavam com a formação dos jovens. Considerava-se normal e até necessário que, na América do Sul, predominantemente católica, o assentamento colonial fosse confessional, ou seja, formado por jovens católicos.[4]

Segundo os idealizadores do projeto, a vida em comum desenvolveria nos jovens fortes laços de companheirismo, necessários e fundamentais para a futura colônia cooperativa. Acresce que o trabalho comunitário, realizado no estágio preparatório sob rigorosa direção, só seria possível entre jovens solteiros. É de se observar ainda que o jovem, ao participar de um projeto colonial, trabalharia tendo em vista seu futuro pessoal ao passo que um casado, pai de família, trabalharia praticamente só para seus filhos.

Os fundamentos

No livreto *Die Jugend-Gemeinschafts-Siedlung "Heimat" Brasilien*, Konrad Theiss escreve:

"A solidez do assentamento colonial está no companheirismo, na direção uniforme e nos estatutos que pedem de cada um muito sacrifício, mas que dão a garantia de que, por tal caminho, o objetivo será alcançado. Apesar do isolamento, a comunidade manterá unidas as forças espirituais, culturais e

---

[4] Cf. THEISS, Konrad. *Die Jugend-Gemeinschafts-Siedlung "Heimat" Brasilien*. Freiburg im Breisgau: Caritasverlag G.m.b.H., 1933, p. 11-12.

religiosas no seio do grupo. No convívio comunitário, os valores serão não apenas cultivados, mas aprimorados e aprofundados. A vida em comunidade não permitirá que se instale o mau humor e a saudade. A direção, os estatutos e a rígida organização farão com que os conflitos, que sempre representam um perigo para uma comunidade, jamais tomem maiores proporções. A experiência mostra o poder do companheirismo quando empregado para um mesmo objetivo. A geração atual não é pior que a da guerra, que, durante quatro anos e meio, sofreu horrores sobre-humanos. Assim também nossa juventude superará as dificuldades que, certamente, surgirão na nova colônia no meio da floresta. 'Se outros venceram, por que não também nós'? Estas palavras dizem agora também nossos jovens que não querem se deixar superar por ninguém em ânimo e coragem, em honestidade e disciplina. A direção cuidará para que o companheirismo seja promovido através do canto comunitário e das práticas musicais, dos jogos e do esporte, da oração e do trabalho. Seguiremos o mesmo caminho com nossas forças, como os cavaleiros teutônicos que conquistaram a Prússia Oriental e lá, através do laço de seu forte companheirismo e sacrifício, desbravaram a terra e a cultivaram. Assim queremos também nós fazer agora no Brasil: qual guarda avançada da juventude alemã e pioneiros enviados, procurar para o povo alemão um novo caminho para um novo espaço vital."

"A meta do trabalho é promover o surgimento de propriedades rurais autônomas que visam realizar em conjunto seus objetivos econômicos, populares, culturais e religiosos numa forte comunidade aldeã. A forma dos dois anos de trabalho comunitário é, portanto, para nós, apenas o caminho para alcançar esse objetivo e não um fim em si mesmo".

"A constituição de famílias é, para nós, evidente. Se outrora, nas colônias formadas de famílias, também as mulheres

e as crianças iam para o desconhecido da floresta, em nosso assentamento colonial as mulheres e moças encontrarão uma casa parcialmente pronta para morar. É verdade que será uma casa ainda bastante primitiva em comparação com as moradias alemãs, mas que certamente será melhor que aquela que as mulheres dos antigos imigrantes encontravam."[5]

Entre os integrantes do primeiro grupo havia alguns jovens noivos que, oportunamente, mandariam vir suas noivas, como de fato o fizeram. Outros mandaram vir as respectivas irmãs, que acabaram se casando com alguns dos jovens. Estava também prevista a abertura, no assentamento colonial, de uma secção feminina para moças idôneas, com base no contrato.

O caminho

Os jovens interessados em tomar parte no projeto participavam de um estágio preparatório de trabalho comunitário, tendo em vista as condições físicas e climáticas que encontrariam no Brasil. Em primeiro lugar, exigia-se do candidato um atestado de aptidão física. Em caso de necessidade, tratando-se de comerciantes e estudantes, os interessados deveriam trabalhar previamente por algum tempo com um agricultor para adquirirem experiência e familiaridade com a lavoura e com a criação de animais. A seguir, os candidatos eram reunidos, de quatro a seis semanas, num determinado lugar para um estágio preparatório de trabalho (*Arbeitsdienst*). O curso não tinha como objetivo primordial exercitar os jovens apenas no trabalho braçal, mas antes prepará-los para a vida em comunidade. Eram tratadas também questões fundamentais da vida na colônia e da emigração. O tirocínio era também ocasião para avaliar quem

---

[5] THEISS, Konrad. *Die Jugend-Gemeinschafts-Siedlung "Heimat" Brasilien*. Freiburg im Breisgau: Caritasverlag G.m.b.H., 1933, p. 14-15.

estava apto a participar do projeto e excluir os considerados incapazes. E, após avaliação e triagem, "mais que um foi para casa triste".[6] Todavia, é importante ressaltar que muitos dos candidatos foram excluídos do projeto não por falta de aptidão, mas por motivos financeiros. Tais candidatos, ou respectivas famílias, não dispunham de 1.500 marcos, valor exigido como condição para participar do projeto Heimat no Brasil.

As questões burocráticas da emigração ficaram a cargo da Associação São Rafael, com sede em Hamburgo. A Associação Caritas Alemã, por sua vez, incumbia-se de incentivar o projeto com propaganda e com recursos financeiros. No final do treinamento, o grupo, solenemente reunido, constituía-se em comunidade colonial. Para ser admitido oficialmente, cada um formulava, por escrito, uma solicitação de cunho cristão que era entregue à direção do treinamento. Os que eram aceitos comprometiam-se a um fiel companheirismo, assinavam o contrato e subscreviam os estatutos, os quais se comprometiam a observar fielmente. Tinha-se como certo que um grupo assim, coeso e treinado a viver em camaradagem, estaria preparado para superar as maiores adversidades e alcançar o objetivo abraçado. Nessas condições e com esse espírito, os grupos partiram esperançosos e cheios de entusiasmo para o Brasil, onde o Padre Johannes Beil os aguardava na Colônia Heimat.

A ideia básica do modelo de assentamento colonial comunitário foi previamente ensaiada com um pequeno grupo de jovens reunidos num silencioso acampamento na floresta (Waldhaus des Jugendheimes), no sul da Alemanha, em março de 1931. Durante o dia trabalhavam no mato e, à noite, sentavam-se em volta de um aconchegante lampião a óleo

---

[6] HOFSCHULTE, Gerda. *Kleine Heimat*. Poema composto em comemoração aos 25 anos de fundação da colônia Heimat-Timbó.

para falar sobre o futuro. Todos almejavam conseguir um novo espaço vital, como colonos, mediante o trabalho das próprias mãos porque não queriam consumir os melhores dias da vida num ócio vazio ou viver de esmolas da assistência social.[7] Segundo os organizadores, o encontro teria alcançado pleno êxito. Com base nessa experiência, Konrad Theiss reuniu em abril de 1932 o primeiro grupo que, ao final do treinamento (*Arbeitsdienst*), no dia 7 de maio, constituiu-se em "Colônia Comunitária de Jovens" e deu a si mesmo um rígido e severo estatuto subscrito por todos. Durante uma solene cerimônia, cada participante aceito subscreveu os estatutos da colônia, prometendo observá-los.

O estágio preparatório

Com o estágio preparatório (*Arbeitsdienst*), pretendia-se atingir o candidato na totalidade de sua personalidade para conhecê-lo bem e prepará-lo em todas as dimensões e aspectos para a vida na nova pátria. Na concepção dos organizadores, o colono não estaria no assentamento comunitário apenas com suas forças físicas e seus conhecimentos, mas com seu coração, com sua alma, com seus sentimentos e com sua vontade. "O coração é mais importante que a cabeça pensante". Especial atenção era dada à fundamentação religiosa.

O encarregado da execução do projeto Heimat-Timbó, na Alemanha, era Lorenz Klingenfeld. Cabia a ele organizar e acompanhar os estágios preparatórios, assinar os contratos, encaminhar a documentação dos jovens, providenciar as

---

[7] THEISS, Konrad. *Deutsche Jungmänner bauen sich selbst eine Siedlung. Die Siedlung "Heimat" in Brasilien*.

passagens, fazer a remessa de dinheiro para Heimat-Timbó e solucionar outras questões antes do embarque para o Brasil.[8]

Objetivos do estágio

a) Preparação psicológica e espiritual para a vida numa colônia no exterior. Como era sabido, muitos grupos já haviam transposto o Atlântico e fracassado apesar de terem sido preparados com os melhores conhecimentos técnicos e de terem ficado cientes da realidade que encontrariam. Fracassaram porque faltou o principal, o fundamento espiritual homogêneo. O principal e mais sólido fundamento de uma colônia comunitária é a confissão de uma mesma fé religiosa. Considerava-se que os desafios a serem enfrentados na nova pátria eram tão grandes que apenas os que estivessem imbuídos de uma mesma e profunda convicção religiosa poderiam superá-los. Além do aspecto religioso, era necessária uma preparação psicológica, pois o jovem saía de sua terra, do seu habitat, de seu ambiente cultural e de sua família para começar uma vida nova, completamente diferente, em país estranho e no meio da floresta.

b) A missão. Durante o estágio preparatório, falava-se diariamente aos jovens candidatos sobre a tarefa a ser cumprida no assentamento colonial no exterior. O objetivo primordial não era só garantir um meio de vida para si individualmente. Fazia-se ver que eles seriam pioneiros, preparadores de

---

[8] Documentos informam que, a partir de 1933, o serviço de inteligência do Terceiro Reich começou a vigiar os passos de Lorenz Klingenfeld e a criar dificuldades para a saída de jovens, bem como para a remessa de dinheiro ao Brasil. Acusaram-no de esconder a documentação relativa à colônia e colocaram em suspeição suas frequentes idas a Basileia, supostamente para transferir dinheiro para a colônia Heimat no Brasil através de algum banco suíço.

caminho, grupo de vanguarda da juventude alemã; que do êxito deles dependeria a sorte de muitos outros jovens que, na Alemanha, não viam muito futuro pela frente. Tais ideias, cercadas de toda sorte de argumentos, calaram fundo na alma dos jovens que aderiram ao projeto colonial.

O currículo do estágio contemplava também palestras e atividades sobre as grandes tarefas culturais que a comunidade de jovens colonos teria no distante e ainda inculto país. Os dirigentes enfatizavam aquilo que consideravam ser o que de melhor o povo alemão já produzira em valores e bens culturais. Isso era expresso através do canto, das confraternizações, da oração diária matutina e vespertina, do descanso dominical e da regular participação na Santa Missa, demonstrando que os dirigentes se julgavam detentores de uma cultura superior e que os jovens colonos teriam uma missão cultural a cumprir.

c) O companheirismo. O terceiro objetivo específico do estágio preparatório era despertar e desenvolver nos jovens o espírito de companheirismo. Na concepção de seus idealizadores, os objetivos de um assentamento colonial só seriam alcançados mediante uma forte e viva comunidade. Era forte o apelo à vida em comum, à solidariedade. Quem não estava em condições de se enquadrar no grupo e desenvolver o espírito de companheirismo, em especial aquele que via na colônia seu próprio interesse, era considerado inapto a participar do projeto colonial. A este se fazia ver que deveria seguir seu próprio caminho em outro empreendimento colonizador.

d) Manutenção dos laços com a velha pátria através do representante da colônia Heimat na Alemanha. Era essencial, para um organizado assentamento colonial comunitário, que os jovens que se encontrassem no meio da floresta soubessem que, na terra natal, havia pessoas e entidades que com eles se preocupavam. Entre elas estava a Associação São Rafael, que se

ocupava da parte burocrática dos jovens emigrantes e exercia o papel de ponte entre a comunidade Heimat no Brasil e as famílias na Alemanha. Os organizadores faziam ver também aos jovens que, mais cedo ou mais tarde, a Alemanha poderia ser a consumidora do excedente dos produtos do assentamento comunitário. Igualmente a viva solidariedade com a velha pátria alemã seria mantida e fortalecida através de um regular reforço de novos colonos.

A bandeira

Foi projetada também uma bandeira. Num de seus escritos, o Padre Beil afirma: "O verde é uma de suas cores, pois sobre o empreendimento colonial paira a esperança como uma estrela para jovens que ficaram sem esperança. Que ela seja guia para muitos". Não chegou até nós nenhuma bandeira. Por informações orais sabe-se que, além do verde, constavam também a cor amarela e a preta. Fotografias mostram que tratava-se de um pano quadrado, tendo no centro o símbolo da colônia figurado por uma pá estilizada em forma de cruz. A pá, indicando o trabalho com a terra, e a cruz, lembrando o aspecto penoso do desbravamento da floresta, como também a dimensão cristã da colônia. Antes da partida para o Brasil, os jovens reuniam-se num determinado lugar e, vestidos em traje típico, recebiam também um exemplar da bandeira como signo sob o qual deveriam viajar e viver na colônia.

O símbolo da Colônia Heimat-Timbó.

O contrato

Terminado o estágio, antes de embarcar para o Brasil, o candidato aprovado assinava um contrato com a associação "Jugend-Gemeinschafts-Siedlung e. V., Freiburg i. Br" (Colônia comunitária de jovens. Associação registrada, Freiburg im Breisgau), com sede e registro em Freiburg, na Alemanha. A entidade com a qual o candidato assinava o contrato era uma sociedade registrada e reconhecida na Alemanha, mas sem valor jurídico no Brasil uma vez que a Colônia Comunitária Heimat-Timbó não tinha personalidade jurídica reconhecida aqui, o que trouxe muitos problemas para a direção, principalmente no que diz respeito à escrituração e registro do patrimônio imóvel. Nos anexos, o leitor encontra a íntegra do contrato.

O financiamento

O estágio de treinamento, gratuito para os participantes, era patrocinado pela associação supracitada, cujo presidente era Konrad Theiss. Documentos informam que essa entidade não tinha vínculo direto com a Caritas, nem com a colônia Heimat-Timbó. Seu objetivo era instruir e orientar jovens que pretendiam emigrar, entre eles também os do projeto Heimat-Timbó, do qual Theiss era um dos mentores.

Desejava-se manter as despesas no nível mais baixo possível para possibilitar a participação de maior número de candidatos que, por motivos financeiros, não conseguissem estabelecer-se nas frentes de colonização no leste da Alemanha. Por outro lado, pretendia-se manter a colônia Heimat financeiramente forte para que não entrasse em dificuldade. De modo especial, procurava-se evitar todo e qualquer tipo de

endividamento para não sobrecarregar a colônia ou a comunidade com obrigações de juros. Calculou-se que a contribuição necessária de cada jovem candidato seria de 1.500 marcos. O total necessário para as despesas de um participante do projeto compor-se-ia dos seguintes valores em marcos reais alemães daquela época:

Passagem de navio da Alemanha até a América do Sul	425.–
Compra do terreno (100 morgos/25 hectares)	200.–
Reserva de capital (para abertura de estrada, construção de casa e compra de animais)	400.–
Despesas de manutenção (365 dias x MR 0,75)	275.–
Instrumentos e ferramentas	50.–
Viagens no Brasil (visto etc.)	50.–
Outras despesas	100.–
Total:	1.500. –

Nesse cálculo estava incluído um terreno de 25 hectares totalmente livre de dívida e uma reserva de 675 marcos. Quando, no Brasil, um lote colonial geralmente custava cerca de 3.300 mil réis (em torno de 825 marcos), os colonos da Colônia Comunitária Heimat pagariam somente 1/5 desse valor, ou seja, 660 mil réis (= 165 marcos). Dessa forma, esse imigrante começaria não só sem dívida, mas também com um significativo reembolso de capital, enquanto o colono tradicional, na maioria dos casos, pagava apenas uma entrada e sobre o restante pagava juros até a quitação final, o que era uma pesada carga, com transtornos e riscos para si. Segundo os organizadores do projeto Heimat-Timbó, o baixo preço do lote devia-se ao fato de ter sido comprada uma grande área de terra e que a mesma, dividida em lotes, seria repassada aos colonos após dois anos de trabalho comunitário, sem lucro de intermediários. Além disso, em relação aos meios de comunicação, Heimat encontrava-se melhor localizada que a maioria das colônias que naquela época

estavam sendo fundadas e formadas, pois havia acesso a ela por estrada de rodagem e, não muito distante, uma ferrovia para o escoamento do excedente da sua futura produção.

Mais adiante se verá que tal cálculo não correspondia à realidade, pois não contemplava, em seu orçamento, inúmeras despesas como assistência médica, viagens, transporte e compra de gêneros de primeira necessidade, entre outras. As dificuldades financeiras ficaram evidentes após meio ano de fundação e tornaram-se crônicas a partir de 1934, quando não mais vieram novos imigrantes e o regime nacional-socialista da Alemanha impôs restrições para remessa de divisas para o exterior. Ver-se-á também que a área adquirida para o assentamento colonial era, em sua grande maioria, constituída de terreno muito acidentado e, portanto, inaproveitável e de baixo valor comercial. Além disso, os meios de comunicação eram muito precários por causa da topografia montanhosa.

Ao chegar à colônia, o imigrante entregava seu dinheiro à direção, que o depositava na caixa da comunidade. Para cada um era aberta uma conta num livro-caixa, onde eram anotadas as despesas individuais. O dinheiro, embora depositado na caixa comum, continuava, teoricamente, sendo propriedade do colono. Por motivos práticos e técnicos, a direção assumia a gestão do dinheiro e, em contrapartida, o colono era atendido em suas necessidades básicas para a subsistência durante o período de permanência na comunidade. Segundo os organizadores, a entrega do dinheiro era absolutamente necessária. Esse procedimento vinha ao encontro dos interesses de todos os colonos e também de cada um individualmente, pois, como a experiência já ensinara, muitas vezes colonos já pagaram caro pela sua inexperiência em país estranho ou se deixaram seduzir por despesas levianas.

A direção da colônia estava nas mãos do capelão Johannes Beil, que se encontrava no Brasil desde fevereiro de 1931. Seu caráter altruísta, sua clareza de objetivos e energia, sua alegre disposição para o sacrifício de si mesmo, a clara consciência de sua responsabilidade, suas experiências e, não por último, suas extraordinárias qualidades de comando eram tidas como a melhor garantia para o êxito do assentamento comunitário de jovens. Beil morou e trabalhou com os colonos em Heimat, dedicando-se à obra juntamente com essas pessoas a ele confiadas e com os técnicos em agricultura por ele contratados, até suas últimas forças pelo êxito da colônia. Numa carta a Konrad Theiss, ele escrevia:

"Como sacerdote, empregarei, sem nenhum proveito para minha pessoa, toda minha energia e não darei por encerrado meu trabalho enquanto o objetivo não for alcançado e a existência do assentamento esteja totalmente garantida."

IV
Os imigrantes

Os grupos

Foram realizados ao todo seis treinamentos (*Arbeits-dienst*) em diferentes localidades da Alemanha. Cada treinamento durava de quatro a seis semanas e, no final, eram selecionados os candidatos considerados aptos a participar do projeto colonial.

– O primeiro foi realizado em Ebersteinburg (Baden-Baden) e dele participaram 24 rapazes, dos quais 17 foram considerados aptos. Foi o grupo pioneiro. Embarcaram para o Brasil no fim de junho de 1932 e chegaram a Heimat no dia 17 de julho do mesmo ano.

– O segundo treinamento teve lugar em Friedenweiler, de 24 de outubro a 28 de novembro de 1932. Dele participaram 31 jovens, dos quais 24 foram admitidos. Embarcaram para o Brasil no navio "Sierra Nevada" no dia 2 janeiro de 1933, chegando a Heimat no fim daquele mês.

– O terceiro grupo preparou-se em Freiburg im Breisgau, em março de 1933, com 80 participantes, dos quais 34 foram selecionados e partiram para o Brasil em abril de 1933.

– O quarto grupo esteve reunido em Illenberg, em junho de 1933. Partiu de Freiburg i. Breisgau, de trem, no dia 30 de julho, passando por Paris, Lourdes e Lisboa, onde embarcou no navio no dia 4 de agosto. Desembarcou em São Francisco do Sul no dia 20 e, dois dias mais tarde, 22 de agosto, chegou a Heimat-Timbó. Era um grupo pequeno, com 17 jovens.

– O quinto grupo fez seu treinamento em Beuron, em setembro de 1933. Dos participantes, 50 foram aprovados. Dois meses mais tarde, reunidos em Bad Griesbach, partiram, no dia 5 de novembro, de trem, até Lisboa, passando por Paris e Lourdes.[1] Enquanto isso, as duas famílias, a professora de Luca com duas crianças e mais um jovem e uma jovem embarcaram no navio "Sierra Nevada", em Bremen. No dia 10 de novembro, o navio atracou em Lisboa e os jovens, que ali já se encontravam, também embarcaram, seguindo rumo ao Brasil. O grupo, num total de 67 pessoas, incluído o Padre Beil, que se encontrava na Alemanha, entrou em Heimat-Timbó no dia 29 de novembro de 1933.[2]

– O sexto e último grupo, chamado de Sankt Maurus, fez também seu estágio preparatório em Beuron, em novembro de 1933. Dos participantes, apenas 19 foram admitidos e partiram para o Brasil no dia 14 de janeiro de 1934, chegando a Heimat no início de fevereiro. Em seu diário, Beil anota que, com esse grupo, vieram também Lorenz Klingenfeld e

---

[1] Na lista de passageiros do navio "Sierra Nevada" não constam os nomes dos jovens que embarcaram em Lisboa. Também não consta o nome do Padre Beil que, provavelmente, acompanhou os jovens até Lisboa.

[2] Padre Beil escreveu em seu diário: "Cheguei no fim de novembro com 68 pessoas".

o Dr. Schauff. Seus nomes, porém, não constam na lista de passageiros do navio.

Além desses grupos, houve também a adesão de alguns jovens avulsos, tanto da Europa como também daqui do Brasil, mas que não participaram dos cursos preparatórios. Também não participaram dos estágios as duas famílias, a professora com as crianças e um ou dois jovens.

Mosteiro de Beuron, onde o quinto e o sexto grupo fizeram o treinamento. Acervo: Ruth Grisar Marchesini.

Escreveu Josef Grisar em seu álbum de fotografias: "Beuron, lugar idílico situado no vale azul do Danúbio, tu preparaste meu caminho para o futuro". Na página seguinte ele registrou: "Entre teus muros aconteceu o último curso preparatório da Colônia Comunitária de Jovens Heimat no sul do Brasil".

Jovens do sexto grupo, no navio "Sierra Nevada", durante a viagem para o Brasil. Entre os jovens está também a menina Annelise Roes que, por motivo de doença, não pôde acompanhar os pais no quinto grupo. Acervo: Ruth Grisar Marchesini.

Lista nominal

	Sobrenome	Nome
	1º Grupo – Ebersteinburg, 17 pessoas. Partida de Hamburgo: 25.06.1932. Chegada a São Francisco do Sul: 15.07.1932. Chegada a Heimat-Timbó: 17.07.1932.	
01	BEATHALTER	Otto
02	BERNDELSTETTER	Josef
03	BISCHOFSBERGER	Willi
04	BOLL	Franz
05	DOEMER	Aloys

06	ELSENBUSCH	Wilhelm (arquiteto)
07	FRIES	Georg
08	HAMANN	Günter
09	HINZE	Hermann
10	KOSSMANN	Paul
11	KÖSTER	Lorenz (Karl)
12	MENKE	Peter
13	MÜLLER	Hermann
14	SCHACHTEN	August
15	SCHÖPPNER	Josef
16	STEINER	Alfons
17	WAGNER	Hubert
	2º Grupo – Friedenweiler, 24 pessoas. Partida: 2 de janeiro de 1933. Chegada a Heimat: fim de janeiro de 1933. O grupo viajou no navio "Sierra Nevada", da Companhia Norddeutscher Lloyd, Bremen.	
01	BACKES	Johann
02	BERGMANN	Rudolf
03	BITTLER	Konrad
04	BLANK	Richard
05	BOHR	Josef
06	DAMM	Franz
07	ELSEN	Hans
08	ELSEN	Max
09	FAUTZ	Josef
10	GENSTER	Karl
11	HOFSCHULTE	Theodor
12	KOETTER	Georg
13	MEYER	Karl
14	PLÖGER	Josef
15	RIEDEL	Max
16	RINGS	Matthias
17	SCHMIEMANN	Gustav
18	SCHMITZ	Ernst
19	SPÖHNLE	Eugen
20	STELZENBERGER	Franz

21	STELZENBERGER	Johann
22	TEXTOR	Franz
23	THÖNE	Wilhelm
24	WEISSMANN	Robert
	3º Grupo – Freiburg i Breisgau, 34 pessoas. Chegada: 17 de maio de 1933.	
01	ALBRECHT	Wilhelm
02	AMELN	Franz von
03	BAUDENBACHER	Alexander
04	BAUER	Albrecht
05	BAUER	Erwin
06	BAYER	Josef
07	BECK	Philipp
08	BOEDINGHEIMER	Albert
09	GERBER	Alois
10	HERB	Philipp
11	HOFFMANN	Karl
12	HOHLWEGLER	Ernst
13	HUBER	Peter
14	HUND	Walter (médico)
15	JOEPEN	Felix
16	KÄFER	Richard
17	KLEESATTEL	Karl
18	KOEHNEN	Hans
19	LIGNAU	Franz (mineiro)
20	MEINERZHAGEN	Franz
21	MOSER	Johann
22	ORTMEYER	Otto
23	OVERRATH	Johann
24	PAWELKA	Anton
25	PREGLER	Josef
26	RENNER	Alfons
27	SAALER	Willi
28	SCHAAPS	Hubert
29	SCHAAPS	Rudolf

30	STACHOWSKI	Max
31	UHL	Eugen
32	VELDER	Robert
33	VOGLER	Karl
34	WIESMANN	Richard
	4º Grupo – Illenberg, 17 pessoas. Chegada: 22 de agosto de 1933. O grupo viajou de trem até Lisboa, onde embarcou.	
01	BERTSCH	Philipp
02	BUTSCH	Hans
03	FINKEN	Fritz
04	GAA	Xaver
05	GALUSKE	Wilhelm
06	HILDEBRAND	Josef
07	HOFSCHULTE	Hermann
08	KRAMPFERT	Josef
09	LAAS	Peter
10	MATZEL	Herbert
11	MORAWITZ	Josef
12	NUBER	Paul
13	RINKE	Felix
14	RIECK	Josef
15	SCHMIDT	Anton
16	WEH	Vinzenz
17	WEIL	Franz
	5º Grupo – Beuron, 67 pessoas. 18 embarcaram em Bremen, 05.11.1933. Os 49 jovens embarcaram em Lisboa, dia 10.11.1933. Chegada: 29.11.1933.[3]	
01	BAYER	Karl
02	BECK	Josef
03	BLANK	Karl
04	BRÜCKNER	Emil
05	EMSTERS	Hans

[3] Padre Beil e outros 17 do grupo embarcaram em Bremen. Os demais embarcaram em Lisboa.

06	FENDEL	Josef
07	FISCHER	Blasius
08	GIESEN	Erwin
09	GÖHR	Arthur
10	GROSS	Eberhard
11	HAAS	Bruno
12	HAAS	Elmar
13	HAGEN	Wilhelm
14	HARTMANN	Karl Sênior
15	HARTMANN	Sophie
16	HARTMANN	Amanda
17	HARTMANN	Emil
18	HARTMANN	Max
19	HARTMANN	Karl Júnior
20	HAUBRICHT	Arnold
21	HILGES	Theophil
22	HIMPEL	Gerhard
23	JANSEN	Karl
24	JOCHMANN	Hans
25	KIESER	Heinrich (padeiro)
26	KIRCHMAYER	Max
27	KLEMENZ	Heinz
28	KÖBERLEIN	Willi
29	KOSKOWSKI	Bruno
30	KÖSTER	Wilhelm
31	MEHLEN	Peter
32	MICKO	Wilhelm
33	MORITZ	Gustav
34	MÜLLER	Josef
35	OHREN	Franz
36	RODER	Karl
37	ROES	Karl (pai)
38	ROES	Anna-Maria
39	ROES	Karl (filho)
40	ROES	Magdalena
41	ROES	Maria
42	ROES	Hermann

43	ROSSI	Josef
44	SCHÄFER	Hans
45	SCHÄFER	Peter
46	SCHIERSE	Werner
47	SCHUHWERK	Martin
48	SCHULTE	Heinrich
49	SCHUMACHER	Edmund
50	SIMONS	Franz
51	SIMONS	Theodor
52	STAHL	Otto
53	STIEFLER	Aloys
54	TROOST	Peter
55	VOGLER	Leo
56	WALLERFANG	Jakob
57	WENK	Karl
58	WESCHENBACH	Willi
59	WINGEN	Josef
60	WINGEN	Hubert
61	ZIMMERMANN	Georg
62	ZIOB	Georg
63	ZIOB	Else
64	BEIL, capelão (padre)	Johannes
65	de Luca Zakryewska	Maja (mãe)[4]
66	de Luca	Maria Connetta (filha)
67	de Luca	Gívia Rosa Carnéllia (filha)
	6º Grupo – St. Maurus, 20 pessoas. Chegada: Início de fevereiro de 1934. Saíra de Bremen dia 14.01.1934. Viajaram no navio "Sierra Nevada", da Companhia Norddeutscher Lloyd, Bremen.	
01	ALMSICK	Bernhard Von (padre)
02	EISELE	August
03	FISCHER	Blasius

[4] A Dra. Maja Zakryewska de Luca com suas duas crianças fez parte do quinto grupo, mas não chegou a residir em Heimat-Timbó. Morou alguns meses com uma família distante alguns quilômetros de Heimat, voltando, depois, para a Alemanha.

04	FOELLMER	Josef
05	GRISAR	Josef
06	KÖBERLEIN	Willy
07	KOPP	Kurt
08	KOSSORZ	Paul
09	LUDWIG	Detlev
10	LUDWIG	Manfred
11	MÜLLER	Josef
12	MUNO	Hans
13	NAU	Helmuth
14	PRESTEL	Josef
15	RITTER	Otto
16	SCHUHMANN	Otto
17	SCHULER	Anton
18	SCHWEITZER	Aton
19	SIEGEL	Josef
20	SPINNER	Eugen
21	ROES	Annelise[5]
	Avulsos – Chegados independentemente.	
01	DERNER	Andreas
02	GESSNER	Alois (Alemanha)
03	GESSNER	Richard (Alemanha)
04	GRONI	Karl (Gaspar – SC)
05	HAHMANN (pai)	Paul (Forquilhinha – SC)
06	HAHMANN/BOEING (mãe)	Gertrudes (Forquilhinha)
07	HAHMANN (filha)	Johanna Anna
08	HAHMANN (filho)	Walter Erich
09	HAHMANN (filha)	Clara Gertrudes
10	HAHMANN (filha)	Genoveva Adélia

[5] ROES, Annelise, com 9 anos de idade, não viajou com o quinto grupo por motivo de doença. No porto de Bremen foi constatado que ela estava com escarlatina e, por isso, não pôde embarcar. Ficou hospedada em casa de uma tia até a partida do grupo seguinte, o de Sankt Maurus, que chegou a Heimat-Timbó no início de fevereiro de 1934. (Depoimento de Annelise, com 90 anos, em entrevista concedida no dia 12.08.2015).

11	HAHMANN (filho)	Otto Paulo
12	HAHMANN (filho)	Magnus
13	HAHMANN (filha)	Tereza do Menino Jesus
14	HAHMANN (filho)	José Valderich
15	HAHMANN (filho)	Alwin Aloísio
16	HAHMANN (filha)	Hermine Maria
17	HECK	Andreas (Ibirama – SC)
18	KOUDA	Robert (Brusque – SC)
19	ORTMAYER	Josef (Alemanha)

Não há informação quanto ao número exato de pessoas que fizeram parte do projeto colonial nem de quantas efetivamente moraram em Heimat-Timbó. Estima-se que o número tenha chegado a 200 pessoas ou mais, incluindo-se os dois sacerdotes, o administrador, três famílias com filhos, das quais uma de Forquilhinha, algumas noivas, a Dra. de Luca com suas crianças e alguns avulsos do Brasil e da Alemanha. Padre Johannes Beil contratou também quatro antigos colonos para ensinar os jovens a derrubar mato, queimar roças, cultivar a terra, construir casas e criar gado.[6]

Profissões

A lista das profissões, com o número de imigrantes por profissão, não está completa. O cônsul alemão colheu os dados para seu relatório quando visitou a colônia Heimat-Timbó, em dezembro de 1933. Na ocasião, pelo menos 12 jovens já haviam abandonado a colônia e outros 20 vieram com o sexto grupo no ano seguinte.

---

6 Cf. DITTMAR, Arnobert (Cônsul), Relatório. Florianópolis, 23 de janeiro de 1934. p. 15.

Profissão	Quantidade
Trabalhador (sem qualificação)	3
Técnico em construção	1
Funcionário público	4
Padeiro	4
Mineiro	2
Cervejeiro	1
Decorador	1
Torneiro mecânico	2
Eletricista	2
Moldador	1
Jardineiro	3
Engessador	1
Foguista (fogueiro)	1
Técnico em madeira	1
Engenheiro	2
Comerciante	14
Latoeiro (funileiro)	1
Motorista	2
Agricultor	20
Desenhista	1
Pedreiro	1
Serralheiro de máquinas	1
Mecânico e serralheiro	11
Açougueiro	1
Leiteiro (desnatador)	1
Moleiro	1
Economista	1
Construtor de fornos	1
Sem qualificação	2
Empacotador	1
Seleiro	3
Ferreiro	3
Alfaiate	1
Marceneiro	8
Estudante (ensino primário/médio)	8
Saboeiro (fabricante de sabão)	1
Canteiro (talhador de pedras)	1
Litógrafo	1

Estudante (ensino superior)	6
Técnico em construções profundas	3
Relojoeiro	1
Agrimensor (técnico em medição)	1
Construtor de carroças	3
Carpinteiro	3

Idades

A observação anterior, referente às profissões, vale também para as idades, pois no relatório do cônsul não estão incluídos os que já haviam abandonado Heimat e faltam os dados do sexto grupo.

Idade (anos)	Número
16	1
17	1
18	4
19	10
20	9
21	10
22	15
23	10
24	14
25	7
26	13
27	6
28	4
29	4
30	4
31	7
32	2
33	6
34	1
35	1
37	2
38	1
46	1

O começo. Casa ainda inacabada.
Acervo: Carlos Groni.

V
A colônia Heimat-Timbó

A vida cotidiana

Quando o primeiro grupo de jovens imigrantes chegou a Heimat-Timbó, a terra ainda estava coberta de mata virgem. Não havia caminhos, nem estradas. Não havia casas, nem lavoura. Apenas havia uma grande casa inacabada, onde os recém-chegados puderam se abrigar precariamente na fria noite de luar do dia 17 de julho de 1932.

No dia seguinte, puseram mãos à obra. A primeira tarefa foi rachar tabuinhas para terminar de cobrir o casarão. Em seguida, com a ajuda e orientação de alguns colonos teuto-brasileiros da vizinhança, os jovens puseram-se a derrubar mato e a abrir caminhos.

Franz Boll, um dos jovens do primeiro grupo, escreveu: "Nossa casa havia sido construída durante a travessia do Atlântico. Nossa alegria foi imensa quando nos encontramos diante de um tão grande e arrumado edifício. [...]. Para nós era importante tornarmo-nos autossuficientes o quanto antes. Por isso, começamos imediatamente com a derrubada do mato que, por sinal, é um trabalho muito pesado e que custou não poucas gotas de suor. Mas nós vencemos e agora já se encontram plan-

tados 60 morgos[1] (15 hectares) com ervilhas, lentilhas, feijão, milho, arroz, trigo-mouro, batata e aipim. Fizemos também uma horta. Nosso patrimônio vivo consiste, por ora, em dois cavalos, oito bovinos, nove porcos, quarenta galinhas, trinta pintinhos, três patos e oito colmeias de abelhas".[2]

"O transcurso de nossa vida diária é o seguinte: levantamos às 5h15min. Às 6 horas começamos o trabalho, das 12 às 15 horas é a pausa de meio-dia. Em seguida, trabalhamos até as 19 horas. Duas vezes por semana, temos, à noite, aula de português. Nos demais dias, à noite, cantamos, tocamos, ou alguém faz uma leitura para todos. No domingo passado, convidamos os moradores de nossa colônia e também algumas famílias da vizinhança para uma tarde de lazer. Encenamos peça de teatro, cantamos a mais vozes e apresentamos um teatro de sombras. A vida aqui não é, portanto, tão solitária como nós havíamos imaginado na Alemanha".[3]

O autor não dá detalhes a respeito de outros aspectos da vida cotidiana. Mas os documentos apontam para múltiplas atividades com as quais os jovens se ocupavam diariamente. Havia algumas tarefas individuais, mas a maior parte do tempo era ocupado em atividades comunitárias, cada um com uma função específica, seja em trabalhos braçais como a construção de estradas, derrubada de mato, agricultura, horticultura, criação

---

[1] Um morgo corresponde a ¼ de hectare, ou seja, quatro morgos perfazem um hectare.

[2] Os apicultores eram Hermann Müller e Josef Schöppner; de uma colmeia eles tiraram 20 kg de mel no início de novembro de 1932. Da horta cuidava Franz Boll que, em virtude da abundância de suas verduras, recebeu o apelido de "rabanete". Willi Bischofsberger cuidava dos animais domésticos.

[3] BEIL, Kaplan Johann e BOLL, Franz. Die Jugend-Gemeinschaftsiedlung "Heimat" – Brasilien, in "Heimat-Timbó", Santa Catarina. In: *Brasilien und die Deutsche Siedlungen in Wort und Bild.1 Jahrgang*. Porto Alegre. April 1933. Heft 1. p. 7-9.

de animais, seja em atividades domésticas como limpeza dos espaços comuns ou então em atividades de lazer como ensaio de teatro e de canto coral. A vida em Heimat-Timbó era, portanto, bem movimentada. Nos fins de semana, especialmente aos domingos, havia solene celebração religiosa com a participação de toda a comunidade heimatense e também de pessoas da redondeza. Ao meio-dia, o almoço de confraternização e à tarde, o encontro de lazer com cantos, apresentação de teatro e café servido aos presentes. Além disso, havia solenidades especiais no Natal, Páscoa, Pentecostes, Corpus Christi, festa do padroeiro (Cristo Rei, no fim de outubro) e algumas celebrações não religiosas como aniversários, sobretudo do diretor Padre Johannes Beil. O que chamava especial atenção de qualquer visitante era o espírito alegre e satisfeito que animava esses jovens colonos.[4]

Centro de Heimat-Timbó, 1933. Acervo: João Emsters.

---

4 Cf. *Der Auslanddeutsche*. Stuttgart, p. 115, 1934.

"Atravessava nossa colônia o ribeirão Lima, que vem das montanhas e forma diversas quedas pelo vale abaixo. Logo no início já havíamos construído no nosso salto um engenho de serra. Entrementes foi também adquirido o maquinário para fornecimento de energia elétrica e uma marcenaria com todas as ferramentas necessárias, que adquirimos por bom preço em Blumenau. Podia-se, então, começar a fabricar móveis. Começamos por nossa capela. Em poucos meses nossa 'Heimat' estava também servida de luz elétrica".[5]

A alma da colônia era Padre Johannes Beil. Seu dinamismo, seu entusiasmo e sua alegria contagiante animavam a todos. Ele mesmo confessa: "A vida com os jovens, apesar das dificuldades, era, em todos os aspectos, muito bonita". Muitos trabalhavam em sistema de mutirão nos lotes individuais espalhados pela colônia ou na construção de estradas. Durante a semana, trabalhavam nos lotes ou na estrada e moravam em rancho erguido próximo ao lugar de trabalho. Para manter a unidade do grupo e fomentar o espírito comunitário, todos se encontravam nos fins de semana na casa comum, na sede da colônia.

Artur Göhr conta, em sua autobiografia, inúmeros fatos que marcaram a vida cotidiana dos imigrantes em Heimat-Timbó. Entre outros, narra o seguinte, ocorrido quando se encontravam divididos em grupos na construção da estrada:

"O grupo vizinho tinha seu rancho na proximidade. Certa noite, já fazia 14 dias que não chovia, estávamos sentados alegres e cansados, jantando. Subitamente ouviram-se estouros como tiros de espingarda (estouros de taquara). Fomos até a frente do rancho e Richard já gritava: 'O rancho vizinho está em chamas!'

---

[5] BEIL, Johannes. *In Urwald und Grossstadt Brasiliens. Ein Menschenleben im Dienste der Seelsorge und der sozialen Entwicklung*. Edição do autor. Süddeutscher Zeitungsdienst, Druckerei- und Verlagsgesellschaft mbH. Aalen/Württ. 1967. p. 31.

Corremos, saltando por cima de cepos e galhos para ajudar, mas tudo em vão. Todo o bonito rancho de palha era uma só chama. Richard, alvoroçado, perguntou ao Franz: 'Como começou, o que aconteceu'? Franz não se deixou interromper, mas entoou a canção grega do incêndio de Troia. Richard deu-lhe um sopapo na orelha. Todavia obtivemos um quadro exato da razão da catástrofe. Alois (Gerber) era o cozinheiro da vez e havia-se atrasado. O grupo havia chegado do trabalho e queria comer. Então Alois meteu bastante cavacos de tabuinhas debaixo da chapa do fogão e as chamas chegaram perigosamente até perto da cobertura de palha. Max ainda lhe gritou: 'Alois, cuidado, você põe fogo no rancho'. Alois não se importou e, num piscar de olhos, a palha seca pegou fogo. Num instante as chamas atingiram a altura da cumeeira, de uma ponta a outra. Max só conseguiu salvar sua cama, arremessando-a pela parede lateral que ele quebrou. Todo o resto foi consumido pelas chamas. Sem comida, a rapaziada teve que ir até a sede da colônia, pois nós não tínhamos lugar para acomodá-los. No outro dia de manhã, veio Alois, o incendiário, com seu melhor amigo até o lugar do incêndio. Procuravam na cinza e nos escombros algo ainda útil, mas em vão. Apenas um de nossos livros de oração, o das Completas,[6] ele encontrou e disse: 'Olha lá, Clemens, este livro bonito não queimou'. Mas em roupa de cama, botas, vestimentas, máquina fotográfica, nem pensar. Para reparar os danos, foi feita na sede da colônia uma coleta de roupas. Porém, Alois perdeu a simpatia da maioria dos colegas e foi contemplado com uma canção, a canção do incendiário: 'Alois precisa morrer, mas é ainda muito jovem, jovem, jovem...'"[7]

---

6 Completas é a oração da noite.

7 In: GÖHR, Bárbara. *Ein Familien-Schicksal zwischen Hakenkreuz und brasilianischem Urwald*. Curitiba, ed. da autora. 1996. p. 74-75. (O destino de uma família entre a suástica e a floresta brasileira).

Celebrações e festas

No primeiro artigo dos estatutos da Colônia Comunitária Heimat-Timbó, ficou expresso que a colônia era uma sociedade formada por jovens católicos. Na fundamentação do projeto, os idealizadores consideravam que, para o êxito da colônia, era absolutamente necessário que houvesse homogeneidade confessional no grupo. Os desafios a serem enfrentados na nova pátria seriam tão grandes que apenas aqueles que professassem a mesma fé e estivessem imbuídos de uma profunda convicção religiosa poderiam superá-los. No estágio preparatório, insistia-se muito na fundamentação religiosa como um meio para o sucesso do projeto colonial. "O cantar em comum, a maneira alegre de celebrar as festas, a oração matutina e vespertina diária, o exame de consciência diário, bem como a regular participação da Santa Missa também fazem parte do estágio preparatório".[8] O cônsul alemão de Florianópolis, ao visitar a colônia, constatou o forte apelo à religião e atribuiu a retidão de vida moral à profunda religiosidade dos jovens e ao acompanhamento espiritual do capelão Padre Johannes Beil.

Os jovens foram recrutados nas regiões predominantemente católicas da Alemanha e junto a famílias de sólida tradição religiosa. Embora tivessem essa forte característica, não se percebia, em nenhum momento, qualquer hostilidade contra outra denominação religiosa, como a protestante, tanto na Alemanha como aqui no Brasil. Apenas o cônsul alemão de Florianópolis admitia, em seu relatório, que os freis franciscanos de Blumenau tinham interesse no estabelecimento da colônia Heimat em território do então município de Blumenau para fazer frente à maciça presença de evangélicos luteranos

[8] THEISS, Konrad. *Die Jugend-Gemeinschaft-Siedlung "Heimat" Brasilien*. Caritasverlag G.m.b.H., Freiburg im Breisgau. 1933. p. 8.

naquela região. No entanto, ao que parece, isso não passava de mera conjetura. Efetivamente o Padre Beil teve contato com o Frei Estanislau Schaette, de Blumenau, por ocasião de um congresso católico em Selbach, no Rio Grande do Sul, quando este lhe sugeriu comprar as terras para a colônia no Vale do Itajaí. Mas, segundo Beil, a opção por Timbó foi por motivo financeiro. Por outro lado, tanto o diretor Padre Johannes Beil como também os jovens tinham um relacionamento amistoso com todas as pessoas da redondeza. O Sr. Fertsch, indicado pelo governo alemão para ser o diretor da colônia, era protestante e Padre Beil admitia que ele se sentia bem na colônia apesar de todos serem católicos. Padre Beil foi também agraciado com a visita do Pastor Johannes Blümel de Timbó, além de outras personalidades de confissão luterana. Padre Beil levava, com certa frequência, seus jovens a outras comunidades ou cidades atendendo ao convite do pároco local para abrilhantar as festas com o canto e a música alemã. Era um meio de conseguir recursos financeiros e difundir a germanidade.

As práticas religiosas faziam parte da rotina do dia a dia. Padre Johannes Beil anota na primeira página de seu diário: "No domingo seguinte à chegada do primeiro grupo, teve lugar a primeira Santa Missa no morro, junto à cruz. Veio muita gente da redondeza; cerca de 150 pessoas estavam ali. No começo de fevereiro de 1933, estive novamente aqui com o grupo de Friedenweiler. Novamente Santa Missa junto ao pé da cruz. Aproximadamente 400 participantes da festa".[9]

Em seu cotidiano, a vida estava baseada em princípios morais religiosos e pautada pela oração diária em grupo sem, no entanto, fazer disso uma obrigação ou drama de consciência. Os jovens levantavam cedo, antes das seis horas, faziam

---

[9] BEIL, Padre Johannes. Diário (manuscrito). p. 01.

sua oração da manhã e, quando Padre Beil se encontrava na colônia, participavam da Santa Missa. Depois tomavam o café da manhã para, em seguida, dar início aos trabalhos. Mais tarde, quando se encontravam espalhados pela colônia na construção de estradas ou trabalhando nos lotes, os jovens moravam em ranchos durante a semana, onde também costumavam fazer suas orações. De tempos em tempos, Padre Beil os visitava e celebrava para eles a missa. Escreveu ele no diário: "Tomei a decisão de visitar regularmente os ranchos e celebrar missa lá". E mais adiante: "Foi traçado um plano de trabalho espiritual. Visita a todos os ranchos duas a três vezes por semana".[10]

Nos fins de semana, todos os grupos se encontravam reunidos em comunidade na sede da colônia e, no domingo de manhã, com a presença de fiéis da vizinhança, havia missa solene cantada a várias vozes pelos jovens. Lembra o Padre Beil em sua autobiografia: "Todos eram católicos praticantes. Como muitos trabalhavam longe do centro da colônia, eu os visitava regularmente, dormia com eles nos ranchos e celebrava bem cedo a Santa Missa. Só aos domingos todos compareciam ao centro da colônia, onde o ofício divino era realizado muito festivamente. Nosso coral masculino a quatro vozes, que cantava a missa solene, tornou-se afamado em toda a região. Depois do meio-dia, fazíamos festa com teatro e música. A essas coisas eu dava especial importância. Foi sempre meu anseio organizar um centro cultural, pois sabia como era importante e quão pouco existia algo assim no Brasil e em geral, no exterior". [11]

---

10 BEIL, Padre Johannes. Diário (manuscrito). p. 05.
11 BEIL, Padre Johannes. Op. cit. p. 26.

Josef Grisar, um dos jovens imigrantes, escreveu poeticamente em seu álbum de fotografias: "Todos os domingos havia missa. Os dias festivos eram comemorados segundo os costumes alemães. Para a festa da igreja compareciam, todos os anos, muitos convivas alemães, brasileiros, italianos, de perto e de longe".

Mais adiante, Beil relata em sua autobiografia:

"Em torno da grande casa construída no sopé de uma colina para nossos primeiros colonos, localizava-se o assim chamado centro urbano. Lá se encontravam a capela, a escola, a casa paroquial, a casa do médico (nós tínhamos também um médico) e o engenho de serra com anexos. Ali era o lugar de nossas confraternizações".

"Na colina erguemos uma cruz entre dois pinheiros. Ali celebrávamos missa campal quando o tempo era bom e quando a maioria das pessoas da redondeza comparecia à cerimônia religiosa. Mas celebrávamos ali também outras festas".

Cruz entre dois pinheiros.
Acervo: Carlos Groni.

"As festas de Heimat tornaram-se conhecidas em toda a região, em especial a festa de Natal, que se tornou inesquecível para todos os que dela participaram. Na Noite Santa – em pleno verão – por volta das 8 horas da noite, começava na praça a encenação do presépio de Clemens Neumann. Os dois caminhões forneciam, com seus faróis, a luz para a iluminação. De longe

vinham as famílias dos colonos. A gente esquecia a floresta, esquecia o Brasil e tudo em volta. No final, tocavam os sinos[12] e, por volta da meia-noite, seguíamos em solene procissão para a missa do galo, com participação de todos da santa comunhão. Eram montadas, fora, longas mesas de madeira e bancos e, após a missa, todos comemorávamos com café e cucas a festa do Natal".[13]

Capela Cristo Rei, após várias reformas. Observe-se que a capela ainda conserva o símbolo (logomarca) da colônia (⍖).

Atenção especial era dada às celebrações litúrgicas do Natal, da Semana Santa e de Corpus Christi. Algumas passa-

[12] "Tocavam os sinos ...." O som de sinos era produzido por toca-discos e transmitido por alto-falante.

[13] BEIL, Padre Johannes. Op. cit. p. 34.

gens do diário do Padre Beil mostram a importância dessas solenidades na vida da comunidade: “Cheguei aqui no dia 13 de abril de 1933, ao meio-dia. De agora em diante, praticamente todos os dias, Santa Missa. Na noite de Páscoa, Missa da Ressurreição. Nosso coro cantou”. [...]. “Na festa de Corpus Christi, no dia 15 de junho de 1933, grande procissão com quatro altares. Muita gente da redondeza”. [...]. “Muito bonita foi a missa da noite do Natal. Primeiro uma encenação. À meia-noite, toque de sinos transmitido por alto-falante. Em seguida, missa solene com comunhão geral. Dois dias antes, esteve aqui padre Beda, de Blumenau, para atender confissão”. [...]. “A 14 de fevereiro de 1934, comemoramos juntos a Quarta-Feira de Cinzas e sábado, dia 17 de fevereiro, rezamos a primeira Via-Sacra”. “Celebramos bem liturgicamente a Semana Santa. Sexta-Feira Santa o Santíssimo esteve o dia todo exposto para adoração. Sábado Santo, as bênçãos e a missa da ressurreição”. [...]. Dia 8 de abril de 1934 foi Domingo *in Albis*. Nesse dia, 13 crianças fizeram a Primeira Comunhão.[14] Missa muito festiva, com coro e banda musical. O altar estava muito bem enfeitado. Os alemães de fora perceberam, pouco a pouco, o valor dessa maneira de celebração religiosa”. [15]

A colônia Heimat chamou também a atenção das autoridades eclesiásticas. A visita do bispo ficou registrada no diário com essas palavras:

“Acontecimento especial foi a visita do bispo. Nosso bispo, Dom Pio de Freitas, de Joinville, anunciou-me certo dia sua visita. Ficamos muito felizes com a notícia e começamos os preparativos para sua recepção”.

---

[14] As 13 crianças eram de famílias vizinhas da colônia Heimat.
[15] BEIL, Padre Johannes. Diário. (manuscrito). p. 4-5.

“Como havia chovido muito (os caminhos estavam intransitáveis), fui buscá-lo, de carroça, na localidade de Santa Maria, distante 15 quilômetros. Ao entrar em minha casa (era ainda a antiga pequena casa de madeira, mas decorada à maneira alemã), deteve-se na porta de entrada e disse: ‘Que cultura’! Convidamo-lo à mesa. A refeição prolongou-se até o anoitecer”.

“Entrementes, os 250 membros de nossa comunidade, com tochas de taquara na mão (o melhor archote imaginável), postaram-se em fileira, ao longo do caminho, da casa paroquial até a igreja. Quando abri a porta, soaram pelo alto-falante os sinos de Beuron. Foi uma cena inesquecível! O bispo ficou parado, admirando. À sua entrada na capela, o coro entoou o *Ecce Sacerdos*, e, no dia seguinte, houve solene missa cantada. O bispo sabia falar um pouco em alemão e dirigiu-nos algumas palavras. A maior parte de sua alocução eu tive que traduzir. Dom Pio sentiu-se tão bem entre nós que estendeu sua visita para três dias. Quando, mais tarde, acontecia uma solenidade em sua catedral, ele convidava nosso coral para cantar”.[16]

Em seu diário, Padre Beil relatou ainda outros detalhes desse acontecimento:

“Ele chegou à tarde, de carroça, no dia 11 de abril de 1934. Primeiramente, uma pequena refeição festiva na casa paroquial. Em seguida, procissão luminosa com tochas e celebração festiva. Eu falava em alemão e ele respondia em português. Aqui estaria sendo sua melhor estada. No dia seguinte de manhã, missa do bispo, em silêncio. Em seguida, celebração levítica[17]

---

16 BEIL, Padre Johannes. Op. cit. p. 35.

17 Celebração levítica é a solene celebração da missa (cantada), com três oficiantes (celebrante, diácono e subdiácono) acompanhados pelo cerimoniário, turiferário e acólitos.

diante do bispo, pelo Padre Albert, Padre Bruno e Stiefler[18]. Padre Albert fez a pregação. Em seguida, houve crisma. Dezessete crianças foram crismadas. O bispo permaneceu o dia todo aqui. Infelizmente choveu muito. Na manhã seguinte, outra vez missa com distribuição de comunhão, embora no dia anterior tivesse havido comunhão geral. Em seguida, o bispo partiu como um apóstolo, numa carroça de agricultor, molhando-se todo, pois chovia sem parar".[19]

Outras festas religiosas ou comemorações eram celebradas com muita solenidade.

"Dia 20 de maio, festa de Pentecostes. Celebramos, no segundo dia de Pentecostes, nossa Festa da Colheita. Missa solene no morro. Sobreveio uma forte tempestade, e só a muito custo consegui terminar a Santa Missa".[20]

Festa da colheita, 21 de maio de 1934.
Acervo: Ruth Grisar Marchesini.

Casamentos

Como já foi mencionado, todos os jovens que participaram do projeto colonial Heimat eram solteiros ao deixar sua terra natal na Ale-

---

[18] Trata-se do jovem imigrante Aloys Stiefler.
[19] BEIL, Padre Johannes. Diário. (manuscrito). p. 5.
[20] BEIL, Padre Johannes. Diário. (manuscrito). p. 6.

manha e também todos constituíram família, uns mais cedo e outros mais tarde. Alguns já eram noivos na Alemanha e outros já tinham namorada. De acordo com o plano do fundador da colônia, os jovens trabalhariam durante dois anos comunitariamente na preparação da infraestrutura, no amaino da terra e na construção das casas e, então, mandariam vir as respectivas noivas ou namoradas. Isso deu certo com alguns jovens. Apesar de dificuldades e peripécias, algumas moças conseguiram chegar a Heimat, onde foram celebrados solenemente os casamentos. Além de noivas, vieram também algumas irmãs de jovens que acabaram se casando com algum dos jovens da colônia. Escreveu Beil em sua autobiografia: "Nesse meio tempo, sempre mais jovens mudavam-se para seus lotes coloniais, indo morar em suas casas e, com isso, precisavam, com urgência, de esposas. Alguns tinham sua namorada na Alemanha e deixaram-na vir. Busquei muitas no porto e ajudei-as na alfândega. Tudo corria sempre bem. Um achou que o faria melhor e preferiu buscá-la sozinho. Passados alguns dias, ele voltou todo alvoroçado para casa e pediu-me que o acompanhasse às pressas, pois teria que pagar pela bagagem de sua namorada uma enorme quantia e ele não tinha esse dinheiro. Já era tarde, eu não pude mais fazer nada. A moça tinha feito, por conta própria, um fundo falso numa das caixas e lá escondido muita prataria (talheres etc). O artifício foi descoberto e toda a bagagem foi taxada. Além disso, devia ser paga uma elevada multa. O jovem precisou emprestar dinheiro para poder pagar tudo".[21]

Em dezembro de 1933, o cônsul alemão de Florianópolis visitou a colônia Heimat, pois alguns jovens dissidentes haviam endereçado correspondência ao consulado com graves denúncias e queixas. Da visita, o cônsul elaborou um longo relatório,

---

[21] BEIL, Johannes. Op. cit. p. 36-37.

analisando a situação da colônia sob vários aspectos, dentre os quais o problema das mulheres, ou melhor, a ausência delas. No capítulo IX do relatório ele escreveu:

"O problema da assim chamada "colônia de solteiros" já foi aventado mais vezes. Conheço o parecer que o Dr. Lange, perito do conselho do governo alemão sobre colonização, emitiu em 30 de setembro de 1931 sobre colônias de solteiros, especialmente aquela planejada pelo capelão Beil". E o cônsul se pergunta se é possível manter homens solteiros, com idade de 18 a 25 anos, num alojamento comunitário durante dois anos, sem satisfazer o instinto sexual.

No entanto, – escreveu o cônsul – Beil lhe declarou, e outras informações o confirmaram que a vida em comum de 135 jovens de diferentes idades, num alojamento comum, não deu nenhum motivo de queixa no que diz respeito a problemas de ordem sexual, salvo talvez algum caso isolado. O cônsul admitia que a necessidade de satisfação sexual era compensada pelo trabalho pesado diário e sublimada pela sólida base religiosa e moral incutida nos jovens, além da rigorosa disciplina com que Beil conduzia a comunidade.

Era desejo de Padre Beil que todos constituíssem família e que, nessa condição, todos fossem bem sucedidos. Mas o cônsul reconhece que será uma questão difícil e delicada para a direção que cada jovem consiga uma esposa adequada. Na opinião do cônsul, as moças que viriam da Alemanha enfrentariam, no início, dificuldades de adaptação climática e cultural, justamente no período da primeira gravidez. Hans Emsters, um dos jovens que presenciou o drama vivido pelas noivas vindas da Alemanha, conta, em suas "Memórias", ser difícil explicar o que elas sentiam ao se depararem com a realidade: "uma casa bastante simples, até rústica, feita de tábuas, um fogão de tijolos feito por maridos que eram tudo menos pedreiros,

água de uma nascente ou de um arroio, nada de eletricidade. À noite usava-se um pequeno lampião de petróleo. Mosquitos, pulgas, bicho-de-pé, berne, bichinhos que existem no mato, mas que, mesmo com o fogo da derrubada, não desapareciam. Uma comida estranha: todo dia feijão com arroz, muitas dificuldades para fazer o pão de fubá. Todas essas coisas dificultavam a vida de quem estava chegando".[22]

Modelo de casa, construída em Heimat por imigrantes da colônia comunitária de jovens. Acervo: Teodora Ana Gaa Knop.

[22] EMSTERS, Hans. Memórias (datilografado). Blumenau, 2002.

O cônsul informava também que o capelão Beil esperava que os demais se casassem com moças de origem alemã da redondeza. Mas esta não seria uma solução adequada porque as filhas dos colonos eram de formação muito simples, o que poderia levar a uma dificuldade de relacionamento e de convivência no lar por causa da disparidade cultural. Havia também o risco de alguns se casarem com moças de outra origem. Para contornar o risco de casamentos mistos, Padre Beil planejou trazer moças da Alemanha[23] e fundar uma comunidade feminina em local fora da colônia, sob a direção e orientação de Irmãs Religiosas que as instruiriam durante um ano a serem boas mães de família de agricultores. Nesse período fariam a experiência de vida na floresta, conheceriam suas futuras obrigações como esposas e poderiam familiarizar-se com o modo de ser e viver daqui, bem como conhecer os rapazes de mesmo nível cultural. Se não se acostumassem, ou não encontrassem marido do seu agrado, poderiam, caso o desejassem, voltar para a Alemanha à custa da colônia. Mas o projeto não chegou a ser executado.

Além da "viagem de namoro" a Forquilhinha e de outros meios para conseguir moças, os jovens eram levados com frequência a comunidades onde havia muitas famílias de origem alemã e católicas como, por exemplo, a Ituporanga, visita que resultou em um casamento. Padre Dorvalino Koch, escreveu o seguinte depoimento: "Um dos moços, Joseph Schöppner, casou-se com nossa professora do 4º ano, Dona Inês Guszewski,[24] ex-religiosa das Irmãs da Divina Providência. Foram morar em São Paulo".

---

[23] As moças participariam também de um estágio preparatório (*Arbeitsdienst*) na Alemanha sob a direção e orientação de Anna Kunz, mãe de Padre Beil.

[24] Segundo Padre Dorvalino Koch, Inês Guszewski era berlinense de origem polonesa.

Efetivamente, foram celebrados, durante os anos de 1934 e 1935, mais de uma dezena casamentos de jovens que participaram do projeto colonial Heimat. Alguns se casaram com as noivas vindas da Alemanha, outros conseguiram arrumar parceiras em alguma comunidade de origem alemã e outros se casaram com moças de origem polonesa.

Vida cultural

Um dos objetivos, ainda que secundário, da colônia comunitária era difundir também a cultura alemã. Os jovens deveriam contagiar, com seu modo de ser e de viver, com suas crenças e valores e sua maneira de trabalhar, as populações com as quais entrariam em contato. No estágio preparatório, insistia-se muito no "grande papel cultural que uma colônia comunitária tem num distante e ainda inculto país". Segundo as palavras de Konrad Theiss, "Não se passa um dia, durante o estágio preparatório, em que não fazemos ver a nossos jovens que eles têm uma missão a cumprir no exterior, que eles vão para a colônia não só para construir uma existência para si, mas que eles são pioneiros, abridores de caminho e tropa de vanguarda da juventude alemã".[25] E Konrad Theiss evoca exemplos da história em que colonos alemães migraram para os Estados Unidos e para o Leste da Europa e lá, apesar de todas as adversidades, preservaram e difundiram os bens culturais do povo, da religião, da língua e dos costumes alemães. Havia, portanto, por parte dos dirigentes da colônia Heimat-Timbó, uma clara intenção de preservar e difundir a germanidade no exterior.

---

25 THEISS, Konrad. *Die Jugend-Gemeinschafts-Siedlung "Heimat" Brasilien*. Caritasverlag G.m.b.H., Freiburg im Breisgau, 1933. p. 8.

O mesmo expressou o Padre Beil em sua autobiografia: "Eu dava grande importância à vida cultural de nossa sociedade. Havia, entre nós, coisas que eram desconhecidas em toda a redondeza: banda musical, coral e um grupo de teatro. Os domingos eram dias solenes do ponto de vista religioso e cultural".[26]

Cena de teatro (Xaver Gaa à direita). Maio de 1934. Acervo: Teodora Ana Gaa Knop.

Numa carta de 18 de novembro de 1932, Josef Schöppner escreveu ao Dr. Konrad Theiss: "No domingo passado, dia 13 de novembro, tivemos em nossa casa, após o meio-dia, a partir das duas e meia, uma confraternização para a qual convidamos os vizinhos. Na hora do café havia, inclusive, bolo que, por sinal, foi o primeiro que fizemos em nossa casa. Depois do café, Willi e Peter Menke apresentaram um teatro de fantoches. As pessoas se divertiram muito. Riram muito mais na apresentação de um teatro de sombras em que o Dr. Eisenbart (encenado por Peter Menke)

[26] BEIL, Padre Johannes. Op. cit. p. 34.

realizou uma cirurgia do estômago e do pescoço, onde surgiram em cena as coisas mais impossíveis. Durante as pausas, cantamos algumas das nossas canções de trabalhadores camponeses. Havia, evidentemente, também algumas moças com as quais nós dançamos em seguida, até as sete horas. Hermann Müller tocava as músicas com o acordeão".[27]

O modelo colonial, com seus traços culturais característicos, ultrapassou os limites da colônia. As frequentes visitas às comunidades vizinhas, ou até mesmo às distantes, despertaram a curiosidade das pessoas. "Quando nosso coro se tornou mais conhecido, passamos a cantar com muita frequência em outras localidades, aos domingos. Essas saídas dominicais eram, inclusive,
uma fonte de renda, pois na comunidade onde nos apresentávamos eram feitas coletas que representavam importante ajuda, principalmente depois que o governo alemão dificultou a remessa de dinheiro".

"Certa vez foi nosso hóspede o franciscano Padre Feliciano,[28] um músico agraciado por Deus e o melhor organista que eu conheço. Depois do meio-dia estávamos reunidos na sala de festas e pedi-lhe para assumir o acompanhamento com harmônio. Não havíamos falado previamente sobre o programa e eu abri a partitura "Glocke", de Romberg.[29] Ele ficou sem palavras".

---

27 THEISS, Konrad. Op. cit. p. 19-20.

28 Frei Feliciano Greshake (*14.03.1901, em Münster, Alemanha – †10.11.2000, em Rodeio-SC). Quando visitou Heimat-Timbó, Frei Feliciano era vice-mestre dos noviços em Rodeio-SC.

29 Andreas Jakob Romberg (*27.04.1767, em Vechta – †10.11.1821, em Gotha). Grande violinista, compôs a canção Das Lied von der Glocke. A letra, escrita em 1799, é de Friedrich Schiller (*10.11.1759, em Marbach am Neckar – †9.05.1805, em Weimar).

"Sim, aqui, no mais distante canto do mundo habitado, apresentamos duas canções do repertório "Glocke", e a oito vozes "Holder Friede" e, logo em seguida, a quatro vozes, "Dem dunklen Schoß der Heiligen Erde"[30]. Participaram também as crianças da escola. Em seguida, as crianças encenaram "Hänsel und Gretel" (João e Maria) e à noite, houve dança. A dança teve ulteriores consequências, pois a comunidade Heimat estava juridicamente, no que diz respeito à Igreja, sujeita à paróquia de Rodeio. Meu superior, Padre Bruno, o pároco de Rodeio, simplesmente não podia compreender como, numa comunidade católica, permitia-se a dança. A partir daquela festa, eu passei a ser visto por ele com hostilidade. Mas não me dei por vencido, pois na Alemanha a dança é usual em inauguração de igreja ou em quermesse e, afinal, éramos todos, sem exceção, alemães".

Frei Feliciano Greshake, em visita à colônia Heimat-Timbó.

30 *Dem dunklen Schoß der Heiligen Erde*. Música de Johannes Brahms. Letra: Friedrich Schiller.

“Do ponto de vista da Igreja, a dança é vista no Brasil como um vício abominável para o qual não há agravo maior. Os brasileiros têm simplesmente outra visão e são de sangue latino”. [31]

Luto

O jovem interessado em participar do projeto Heimat-Timbó deveria apresentar atestado de saúde antes de ser admitido na comunidade. Os organizadores tinham conhecimento das condições climáticas e das dificuldades de assistência médica no Brasil. Por isso, a princípio, a colônia era formada de jovens cheios de vida e saúde, mas nem por isso imunes a doenças ou acidentes. Desde o começo, houve a preocupação em zelar pela saúde dos jovens a ponto de o Padre Johannes Beil admitir entre seus imigrantes um jovem formado em medicina, o Dr. Walter Hund, e instalar no centro da colônia um pequeno hospital, onde podiam ser feitas pequenas cirurgias. Essa preocupação com a saúde dos jovens foi observada e elogiada pelo cônsul alemão de Florianópolis por ocasião da visita à colônia, em dezembro de 1933.

Apesar de toda a preocupação com a vida e a saúde dos jovens, a colônia foi tomada de luto duas vezes. Aconteceram dois falecimentos para os quais a medicina não tinha, naquela época, explicações.

O primeiro aconteceu no dia 14 de dezembro de 1933. A respeito desse acontecimento, escreveu Padre Beil em seu diário:

“Georg Zimmermann, natural de Neisse, morreu antes da operação. Dia 15 foi o sepultamento. Durante toda a noite os

---

[31] BEIL, Padre Johannes. Op. cit. p. 35-36 .

colegas se revezaram, em grupos de quatro, no velório. Missa de Requiem no morro. Enterro solene".[32]

Enterro de Georg Zimmermann. Acervo: Teodora Ana Gaa Knop.

Meio ano mais tarde, aconteceu outro falecimento, sobre o qual Padre Beil registrou o seguinte em seu diário: "Bonifácio Wilvert, ao voltar do novo terreno no dia 2 de agosto de 1934, encontrou nosso colega Franz Textor morto na sua roça. Já na noite anterior, fora percebida sua falta e, de acordo com o estado do corpo, já devia se encontrar ali deitado há 24 horas. Não foi possível saber a causa do falecimento. O Dr. Hund não se encontrava. Suspeitamos que, devido ao intenso calor, tenha tomado muita água. O enterro foi muito solene. Seus colegas o velaram durante toda a noite. Dia 3 de agosto, de manhã cedo, ele foi sepultado".[33]

Esses falecimentos abalaram emocionalmente não só os jovens colegas da colônia Heimat como também, e principal-

---

32 BEIL, Padre Johannes. Diário (manuscrito). p. 2.
33 BEIL, Padre Johannes. Diário (manuscrito). p. 8.

mente, os familiares na Alemanha. Por outro lado, é importante observar que os falecimentos aconteceram durante o período de maior dificuldade pelo qual passava a colônia, o que agravou ainda mais a crise.

Quem for hoje à localidade de Rio Lima, no município de Doutor Pedrinho, e dirigir-se ao local onde era a sede da colônia, encontrará na encosta da colina, perto da capela, um pequeno cemitério onde, além de outras sepulturas, encontram-se as de Georg Zimmermann e de Franz Textor.

Lápide sepulcral de Georg Zimmermann e Franz Textor.

Relacionamento externo

A colônia Heimat-Timbó ganhou, já no início, notoriedade em toda a redondeza. O clero encontrava boa acolhida junto ao padre Beil e os leigos eram atraídos pelo modelo cultural (canto, teatro) e pela organização da colônia. Além das muitas visitas informais, Heimat-Timbó recebeu também visitas oficiais como a do bispo diocesano de Joinville e a do secretário da Associação São Rafael, com sede em Hamburgo, que veio

com a finalidade de apurar boatos e queixas que chegavam à entidade por parte de jovens imigrantes que abandonaram a colônia. Veio também, com a mesma finalidade, o cônsul alemão sediado em Florianópolis, acompanhado de assessores e de peritos para avaliarem a situação da colônia em todos os seus aspectos. Todas as visitas eram cercadas de muita atenção para proporcionar as melhores impressões. "Essas visitas trouxeram bastante preocupação", escreveu Padre Beil em seu diário.

Com bastante frequência, Padre Johannes Beil visitava outras localidades, levando consigo certo número de jovens, principalmente os cantores do coral e os apresentadores de teatro. Padre Eloy Dorvalino Koch[34], natural de Ituporanga, lembra que, certa ocasião, Padre Beil se apresentou com um grupo de rapazes naquela cidade: "No encerramento do ano letivo de 1934, tivemos, no grupo escolar Santo Antônio, a visita de uns oito moços alemães de Heimat-Timbó. Cantaram umas canções alemãs muito bonitas. Exibiram um breve filme sobre atividades agrícolas na colônia Heimat-Timbó". [35]

Escreveu Josef Grisar em seu álbum: "Nos dias livres nós saíamos para a redondeza. Cantávamos canções alemãs nas casas dos colonos".

Na primeira semana de junho de 1934, a convite do Padre Paul Linartz, Padre Beil realizou, com um grupo de 15 jovens, uma viagem a Forquilhinha, no sul do estado, distante 400 quilômetros de Heimat-Timbó.[36] Como ele escreveu em

---

[34] KOCH, Padre Eloy Dorvalino. Depoimento manuscrito. Data: 06.12.2002.

[35] Trata-se provavelmente do filme "Neuland der Tat", produzido em Heimat-Timbó e que servia de propaganda, na Alemanha e aqui no Brasil, dessa colônia.

[36] Padre Beil partiu com os jovens no dia 31 de maio, após o meio-dia (quinta-feira). Foram até Blumenau, onde se apresentaram à noite para uma sessão cultural no Bairro da Velha. De lá se-

seu diário e na sua autobiografia, foi uma viagem de namoro, pois Forquilhinha era um núcleo colonial onde predominavam famílias descendentes de imigrantes alemães. Alguns jovens tinham suas noivas na Alemanha e que começavam a chegar, outros arrumaram namoradas na redondeza, com o inconveniente, segundo o Padre, de serem de origem polonesa ou italiana. Com a intenção de preservar o quanto possível a cultura alemã entre os jovens, Padre Beil aceitou o convite do pároco de Forquilhinha e levou um grupo de rapazes até lá para arrumar namoradas. A viagem, com o caminhão da colônia Heimat, levou dois dias, tendo havido algumas apresentações culturais durante a ida, especialmente em Florianópolis, onde o cônsul os aguardava para uma sessão cultural à noite. Também em Forquilhinha houve várias apresentações de canto coral e de teatro. Como de costume, os jovens foram hospedados em casas de família. Padre Beil presidiu a missa solene em honra ao padroeiro Sagrado Coração de Jesus, com a presença do coral dos jovens. O padre teve ainda um encontro com pessoas da comunidade e lançou a ideia de fundação de uma Associação Popular semelhante à então existente em Porto Novo (hoje Itapiranga). Resultado da viagem: 6 casamentos e a mudança de uma família inteira de Forquilhinha para Heimat-Timbó.

No dia 30 de julho de 1936, Padre Beil participou, com seus jovens, de uma competição de corais em Blumenau. Aproximadamente 30 associações cantaram por três troféus distribuídos da seguinte forma: um para as associações urbanas, outro para coros mistos e o terceiro para as associações do interior. A

---

guiram, no outro dia, para Florianópolis, onde também houve sessão cultural à noite. A próxima etapa foi Forquilhinha. A festa do padroeiro "Sagrado Coração de Jesus" aconteceu no dia 8 de junho. Em seguida, fizeram o percurso de volta, chegando a Heimat-Timbó no dia 9 de junho, à noite.

cidade de Blumenau estava toda engalanada para esse grande evento de demonstração do germanismo.

Como chovera muito na véspera, Padre Beil teve dificuldade em chegar com seus jovens a Blumenau. Foram horas de caminhada a pé e descalços.

Chegando ao local do evento, ficaram sabendo que os organizadores haviam preparado como canto de abertura a canção Horst Wessel Lied. A canção era o hino oficial do nazismo, e como Padre Beil era um ferrenho antinazista, protestou veementemente, ameaçando retirar-se com seus jovens se o hino fosse executado. E o hino foi retirado da pauta. Após o incidente, começou o concurso.

"O coro de Blumenau, sob a regência de Heinz Geyer[37], cantou maravilhosamente e jamais poderíamos concorrer com essas vozes treinadas. Mas nós éramos uma associação do interior. Ninguém podia contestá-lo, mas também ninguém podia avaliar o quanto nos custaram os ensaios, quantas vezes nossos cantores sapatearam cinco ou mais quilômetros pelo mato, muitas vezes descalços por causa do chão mole dos caminhos, e apenas armados com um lampião, para participarem dos ensaios".

"Como primeira tarefa, cantamos a canção "Wenn ich ein Vöglein wär..." (Se eu fosse um passarinho). Saímo-nos muito bem. Em seguida, executamos a canção intitulada "Nun die Hoffnung festhalten, Frühling wird es doch einmal" (Mantenhamos a esperança, A primavera há de despontar). O sucesso foi impressionante. O povo aclamou entusiasmado".

---

37 Heinz Geyer, discípulo do mundialmente famoso Richard Strauss e amigo íntimo do pianista Arthur Rubinstein, chegou a Blumenau no início da década de vinte.

“Além das três taças, um médico havia doado um prêmio em dinheiro para a melhor cantiga para se cantar durante caminhada (Wanderlied). Nenhum de nós suspeitava que ganharíamos o prêmio. Com dificuldade, mas esperançosos, avançamos na competição, eliminando um a um todos os concorrentes”.

“Depois do meio-dia, recebi o aviso para comparecer à comissão julgadora, onde me disseram o seguinte: “Heimat ganhou dois prêmios: a taça para os corais do interior e o prêmio em dinheiro para a canção de caminhada. Como nunca concedemos dois prêmios a uma mesma associação, gostaríamos de pedir-lhe que renunciasse a um deles”. Ao que Padre Beil retrucou: “Se eu renunciar à taça, os jovens me apedrejarão, pois muitos de nossos amigos já se ofereceram para enchê-la hoje à noite. Se renunciar ao prêmio em dinheiro, não poderemos voltar para casa, pois nosso dinheiro acabou”. [...]. “Deu-se uma risada e recebemos os dois troféus”. [38]

---

[38] BEIL, Johannes. Op. cit. p. 39.

VI
Decepções e conflitos

Seria de estranhar se não houvesse, vez por outra, algum desentendimento entre os membros de um grupo de jovens de diferentes personalidades e temperamentos, de formação profissional diversificada e com diferentes aptidões pessoais. A documentação disponível, porém, não revela que tenha havido maiores conflitos entre os jovens, exceto alguns casos isolados. Pelo contrário, há um consenso, tanto por parte dos jovens como também dos observadores externos, a respeito do espírito de jovialidade e de companheirismo reinante entre os rapazes. Os documentos apenas fazem referência a conflitos e desentendimentos havidos entre alguns imigrantes e a direção da colônia.

Da euforia à desilusão

Os documentos da época mostram o entusiasmo com que a maioria dos imigrantes se pôs a trabalhar. Afinal, eram jovens, cheios de vida e de saúde, dispostos a tudo para alcançar o objetivo pelo qual haviam deixado a terra natal. Para eles, tudo era fascinante e repleto de mistérios a desvendar. Passada a primeira novidade, porém, a realidade se mostrou diferente: na Alemanha, a vida urbana tinha todo o seu conforto ao passo que aqui, a floresta não oferecia nenhuma infraestrutura. O silêncio no meio da mata era rompido apenas pelo canto dos

pássaros e pelo som dos instrumentos de trabalho. Quando a novidade da viagem e da terra prometida terminou, sobreveio a saudade da pátria, da família, dos amigos.

A primeira turma de 17 jovens era um grupo bem preparado, bem selecionado e muito unido. Como pioneiros, sabiam das dificuldades que os aguardavam e da missão que tinham para cumprir. Padre Johannes Beil, que entrara com eles em Heimat naquela noite de 17 de julho de 1932, sabia encorajar e entusiasmar os jovens. A presença dele foi fundamental nos primeiros dias. Todavia, ele não permaneceu na colônia, pois havia compromissos pendentes em Porto Alegre. Viajou tranquilo porque, como ele escreveu, "em Timbó tudo tinha dado certo até agora".[1] Em seu lugar ficou Gustav Frank, que assumiu a direção da colônia.

O primeiro grupo, Ebersteinburg, despedindo-se da terra natal.
Acervo: Carlos Groni.

[1] BEIL, Johannes. *In Urwald und Grossstadt Brasiliens. Ein Menschenleben im Dienste der Seelsorge und der sozialen Entwicklung*. Edição do autor. Süddeutscher Zeitungsdienst, Druckerei- und Verlagsgesellschaft mbH. Aalen/Württ. 1967. p. 25.

No início de fevereiro de 1933, chegou o segundo grupo, o de Friedenweiler. Eram 24 jovens que vinham somar seus ideais ao grupo pioneiro. Tudo leva a crer que o grupo não estava devidamente preparado e havia sido mal selecionado. Surgiram os primeiros conflitos e desentendimentos. Escreveu Johannes Beil: "Com a vinda desse grupo, surgiram também os primeiros grandes problemas. Alguns não se agradaram e quiseram voltar. Eles teriam imaginado tudo bem diferente, pensado em trabalho com tratores etc. Na verdade, na Alemanha, eles haviam sido bem informados a respeito de tudo, porém é impossível informar o imigrante sobre os mínimos detalhes que o aguardam. Enquanto os dezessete primeiros trabalhavam com amor e alegria e já haviam escolhido seus lotes, que eles agora exploravam comunitariamente, dois ou três dos novos começaram a amotinar os outros, causando logo grande irritação. Por pouco não deu derramamento de sangue. Em vez de trabalhar, ficavam se entretendo com pérfidas conversas. Quiseram, então, receber de volta o dinheiro para procurar outra coisa. Isso, porém, não era possível, pois o dinheiro se encontrava na caixa comum. Dois deles foram embora falando muito mal de nós".[2]

Essas discórdias e deserções tiveram consequências não só dentro do grupo, mas repercutiram também fora, através de cartas enviadas ao consulado alemão em Blumenau e aos parentes na Alemanha.[3]

Observa-se, portanto, um forte sentimento de decepção por parte de alguns logo na chegada à colônia. Apesar da ha-

---

[2] BEIL, Johannes. Op. cit. p. 26.

[3] Um dos dissidentes foi Hans Elsen que, com sua correspondência, colocou em alerta as autoridades do NSDAP (Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães), na Alemanha e no Brasil, contra o Padre Johannes Beil e o Dr. Konrad Theiss.

bilidade com que o Padre Johannes Beil soube administrar a situação, o procedimento dos descontentes acabou contaminando outros. O atrito dos descontentes com os demais chegaria à iminência da agressão física, não fosse a enérgica intervenção do diretor. Os documentos revelam que, em cumprimento aos estatutos, os desordeiros foram gradativamente excluídos da colônia.[4]

Em abril de 1933, chegou o grupo de Freiburg em número de 34 pessoas, dentre eles Walter Hund, um jovem de 26 anos já formado em medicina. Veio também Konrad Theiss com o objetivo de ter uma imagem pessoal da colônia, pois era ele o responsável pelos estágios preparatórios na Alemanha. Entrementes, Padre Beil conseguiu liberar-se dos compromissos em Porto Alegre, mudando-se, definitivamente, para a colônia Heimat. Com sua presença, e graças ao carisma de saber lidar com jovens, os ânimos se acalmaram.

Teoricamente Padre Beil era o diretor da colônia, mas na prática a direção ficava a cargo de outras pessoas, pois eram frequentes suas ausências. A mais demorada foi em 1933, quando viajou para a Alemanha de 15 de junho até início de dezembro, sendo substituído na direção por Konrad Theiss.

---

[4] Estatutos: **Art. 5º**: Todos os litígios são resolvidos diante da direção na qualidade de tribunal de arbitragem.
Art. 6º: Quem não se curvar ao veredicto do tribunal arbitral e quem, em caso de litígio, recorrer a outro tribunal que este, põe-se fora da comunidade e será excluído. Pode-se apresentar recurso ao diretor contra uma decisão. Está sujeito à exclusão da colônia quem violar grosseiramente o espírito e a lei da colônia, especialmente mediante permanente insociabilidade, atos de violência, mediante faltas morais, preguiça e deslealdade, oposição às ordens do diretor e de seus representantes. A exclusão é determinada pelo diretor. Para isso ele necessita da anuência de ¾ dos membros do tribunal da colônia.

"Tão importante era para ele conhecer a situação no Brasil, pois assumira a preparação dos jovens, quão importante era para mim tomar conhecimento da nova situação política na Alemanha. Ninguém sabia como o regime nacional-socialista, que acabara de assumir o poder, se posicionaria diante da questão da emigração. De um lado, o fortalecimento dos descendentes de alemães, que eram muito numerosos no sul do Brasil, poderia parecer positivo ao novo detentor do poder, mas por outro lado, logo ficou perceptível que ele pretendia impedir o repasse de dinheiro para o exterior e a saída de pessoas jovens. De igual modo importante era para mim sondar a situação junto às associações católicas. Procurei por toda a parte obter auxílio para nosso trabalho uma vez que nossa situação econômica não era, desde o começo, nada boa. Mostrei nosso filme, que foi recebido por toda parte com grande interesse e tive também a oportunidade de fazer palestras. Mas, no geral, o sucesso foi nulo. Voltei com a certeza de que, com a ascensão do "Terceiro Reich", nossos planos estavam fadados ao fracasso".[5]

Padre Beil voltou com o grupo que fez o estágio preparatório em Beuron. Foi o maior grupo, perfazendo um número de 61 pessoas. Nessa ocasião foi trazida grande quantidade de objetos, ferramentas e utensílios que, como ele relata, abarrotaram a alfândega em São Francisco do Sul.

A entrada na colônia, no dia 29 de novembro de 1933, foi comemorada com grande festa. Dr. Theiss esperava apenas a chegada para partir logo em seguida e preparar o próximo grupo na Alemanha.

Com a chegada do grande grupo de mais de 60 pessoas, a população de Heimat-Timbó praticamente duplicou de um momento para outro e, por consequência, também os problemas

---

[5] BEIL, Johannes. Op. cit. p. 26.

se multiplicaram. Nesse contexto, o cônsul Dittmar, de Florianópolis, acompanhado de Bruno Meckien (diretor da colônia Hansa/Ibirama) e do agrimensor Peregrinus Hoppe, de Itaiópolis, chegaram a Heimat-Timbó no dia 13 de dezembro de1933 e ali permaneceram alguns dias para um levantamento da situação na colônia. Escreveu Padre Beil em sua autobiografia: "O cônsul alemão em Florianópolis fez-nos uma visita de vários dias e comunicou-nos que ele estava incumbido de nomear como diretor um homem com experiência em agricultura. Somente nessas condições poderia ainda vir dinheiro da Alemanha. Eu, na verdade, fiquei contente com isso, pois logo no começo eu já havia tentado conseguir semelhante especialista".[6]

A divisão: Heimat-Moema

Até final de 1933, haviam entrado em Heimat-Timbó aproximadamente 150 jovens imigrantes, além de duas famílias e outros avulsos do Brasil e do exterior. Face ao surpreendente aumento do número de imigrantes, percebeu-se a necessidade de adquirir mais terra para acomodar a todos. A área inicial comprada por Gustav Frank não tinha, na realidade, a metragem prevista. Eram apenas 2.600 alqueires (em torno de 7.000 hectares). Além disso, aproximadamente 50% da área era inaproveitável para agricultura devido à terra fraca e muito acidentada. Padre Beil decidiu, então, comprar mais uma área, nas cabeceiras do rio Itajaí do Norte, acima de Ibirama, distante mais de 20 quilômetros de Heimat-Timbó, no lugar conhecido como Barra do Prata. Era uma área de 1.000 alqueires (2.500 hectares) sendo 400 na margem direita do rio e 600 na margem esquerda. Para atravessar o rio, havia uma balsa. A

[6] BEIL, Johannes. Op. cit. p. 33-34.

nova colônia, comprada com a reserva de dinheiro dos jovens, passou a chamar-se Heimat-Moema. Não se tem a data precisa da compra do terreno, mas a transação deve ter sido feita no início de 1934, pois, de acordo com a anotação de Beil em seu diário, ele celebrou, no dia 13 de maio de 1934, pela primeira vez, missa no novo terreno. A terra era muito boa e já havia muitas roças, o que indica que os imigrantes já se encontravam ali há vários meses. No dia 29 de junho esteve lá pela segunda vez. Depois retornava aproximadamente a cada quatro semanas, permanecendo ali sempre por alguns dias.[7]

Surge a pergunta: Quem foi para o novo terreno? Os documentos informam que a maioria era do quinto grupo. Escreveu Josef Grisar, do quinto grupo: "O vale do Lima tornou-se, pouco a pouco, pequeno demais. Nova terra foi procurada. Após meio ano de atividade em Heimat-Timbó, mudei-me com outros 60 companheiros para o novo território: Heimat-Moema. Aqui estávamos ainda mais fundo na floresta, e só havia uma coisa: trabalho. Em pouco tempo mal nos distinguíamos dos nativos. Só a contragosto eu deixei, após meio ano, meus companheiros e o vale do Itajaí (Heimat-Moema)".[8]

O agrimensor Alfred Mlynarczyk afirma, num documento com data de 20 de setembro de 1934, que em Heimat-Moema encontravam-se estabelecidos 53 colonos, que, em grupos de oito a dez pessoas, cultivavam comunitariamente a terra.[9]

---

7 BEIL, Padre Johannes. Diário (manuscrito). p. 7.

8 GRISAR, Josef. Álbum fotográfico. Josef Grisar foi um dos jovens imigrantes do quinto grupo que chegou a Heimat-Timbó no início de dezembro de 1933. A deixar Heimat-Moema, estabeleceu-se em Rio do Sul.

9 Em 4 de dezembro de 1935, o representante da Sankt Raphaels-Verein atesta em relatório que a colônia Heimat contava ainda com 130 colonos, dos quais 52 residiam em Heimat-Timbó, 13 em Heimat-Moema, 22 optaram por mudar-se para Itapiranga, 7 para Rolândia e os demais tomaram diferentes rumos, inclusive, alguns voltando à terra natal (Alemanha).

A compra desse terreno e a transferência de certo número de jovens para aquele lugar provocou uma cisão no grupo. Embora Padre Beil procurasse manter laços de união entre os dois grupos, com suas frequentes visitas e esporádicos encontros de confraternização na sede da colônia, como Natal, Páscoa e celebração de casamentos, esse esforço se mostrou vão. A cisão não afetou a amizade entre os jovens dos dois grupos, mas entre os jovens do novo terreno e a administração central de Heimat-Timbó. Para amenizar a crise na administração, Padre Beil encarregou o padre Bernard von Almsick, que veio com os imigrantes do sexto grupo, a assumir Heimat-Moema. No entanto, sua função de administrador e de capelão foi breve, pois em pouco tempo a maioria dos colonos, vendo que não havia ali futuro promissor para eles, mudaram-se para outros lugares, principalmente para Itapiranga, no oeste de Santa Catarina. A transferência para essa localidade deu-se no início de agosto de 1935.[10]

Quem ficou com o terreno de Heimat-Moema?[11] Só pesquisas mais aprofundadas poderão fornecer uma resposta a esta pergunta. Em entrevista com descendentes de colonos imigrantes que residiram em Heimat-Moema, fomos informados de que Bernard von Almsick teria ficado com as terras.[12]

---

10 Artur Göhr narra como foi a transferência de Heimat-Moema para Itapiranga. Cf. GÖHR, Bárbara. *Ein Familienschicksal zwischen Hakenkreuz und brasilianischem Urwald*, Curitiba, 1966, p. 92-94.

11 Documentos daquela época informam que foi feito apenas um contrato de compra e venda, sem escritura pública.

12 Entrevistas revelaram que Bernard von Almsick deixou o sacerdócio, teria se casado e tido dois filhos. Em data ignorada, ele mudou-se para Porto Alegre, onde localizamos a certidão de óbito com data de 31 de agosto de 1990. Ele era natural de Essen (Alemanha) e faleceu em Munique, onde foi cremado.

Ao longo de todo o ano de 1934, a atmosfera ficou cada vez pior. Em seu diário, Padre Beil registrou: "Depois da partida do cônsul, a incerteza ficou mais forte que antes. A besta humana está cada vez mais feroz. Eu me desvencilho cada vez mais de minha obra, que está prestes a sucumbir, menos por questões financeiras que pelo egoísmo do homem. Semanas inteiras algumas pessoas ficam sentadas por aí sem fazer absolutamente nada".[13]

Outro fato que causou problemas e desentendimentos foi a vinda, com o quinto grupo conduzido pelo Padre Johannes Beil, da senhora Dra. de Luca[14] com duas crianças. Ela veio com a proposta feita a ela por Padre Beil de trabalhar como professora. Todavia, ela não foi aceita na comunidade sob a alegação de que, em Heimat-Timbó, não havia crianças em idade escolar. Para contornar a situação, Beil acomodou-a numa família, distante sete quilômetros da colônia Heimat-Timbó. Porém, sentindo-se abandonada, desiludida com a frustrada proposta, e tendo adoecido as crianças, conseguiu chegar, com a ajuda de um alemão, a São Bento do Sul, onde morou por um breve período de tempo com as Irmãs da Divina Providência mediante o pagamento de uma pensão. No dia 13 de março, graças a alguns recursos obtidos através de doações, conseguiu voltar a Freiburg, Alemanha, sua terra de origem.[15]

A partir de agosto de 1934, a situação piorou ainda mais. Além do falecimento inexplicável de Franz Textor, houve tam-

---

As cinzas foram trazidas a Porto Alegre, onde foram inumadas no Cemitério de São José.

[13] BEIL, Johannes. Diário. (manuscrito). p. 11.

[14] Outras informações a respeito da senhora Dra. de Luca o leitor encontra nos anexos.

[15] As informações referentes à professora Dra. de Luca foram extraídas da revista "Die Wirtschaft". Halbmonatszeitschrift, 3. Jahrgang, nº 4 vom 5. April 1934.

bém dificuldades de abastecimento, pois muitos jovens trabalhavam nos seus lotes, ocupados com roças e com a construção da casa própria. No mês de setembro, chegaram à colônia várias noivas que, de certa forma, deixaram o clima ainda mais tenso. De uma parte, era grande a alegria do encontro com as noivas e a celebração de casamentos; mas as festas representavam também um ônus financeiro e davam muito trabalho e muita agitação. Por outro lado, a vinda das noivas trouxe um clima de mal-estar, pois estas não conseguiam esconder sua decepção pelo que encontravam ao chegar a Heimat.

Paralelamente aos problemas que apareciam abertamente em público, travavam-se conflitos nos bastidores da administração. Padre Beil reconhece, em seus escritos, que ele não tinha aptidão para administrar a colônia no que diz respeito à economia e à parte técnica e burocrática. Talvez por isso, ausentava-se muito e envolvia-se cada vez mais com atividades pastorais nas comunidades vizinhas, além da preocupação com atividades culturais, como participação com seus cantores em festivais, festas de igreja etc. Para suprir a lacuna da administração no seu dia a dia, veio da Alemanha, em fevereiro de 1934, com o sexto grupo (Sankt Maurus), Lorenz Klingenfeld[16]. Os documentos sugerem que ele veio para pôr ordem nas finanças e fazer uma administração transparente. Essa iniciativa gerou um conflito com a direção que repercutiu entre os jovens imigrantes. "Desde os dias e acontecimentos com Klingenfeld,[17] diminuiu a confiança entre nós e a disposição de trabalhar diminuiu cada vez mais. Principalmente elementos imaturos, que ainda não

---

[16] Lorenz Klingenfeld, com 28 anos de idade, era de uma família de comerciantes. Juntamente com Konrad Theiss, era um dos dirigentes do projeto colonial Heimat na Alemanha.

[17] Os documentos não esclarecem em que consistiram exatamente esses "acontecimentos com Klingenfeld".

compreenderam e aprenderam a seriedade da vida, faziam nossa vida cada vez mais difícil".[18] Seu plano de administração não teve sucesso e, após dois meses em Heimat, embarcou de volta para a Alemanha no dia 1º de maio de 1934.

Para controlar a conflituosa situação relativa à direção da colônia, o cônsul alemão com sede em Florianópolis mandou para Heimat-Timbó o Sr. Fertsch, um amigo do ministro da agricultura da Alemanha. Veio com a incumbência de pôr ordem na administração. Efetivamente, ele soube conduzir com muita habilidade o seu cargo. Mesmo sendo ele protestante, Fertsch e Beil mantinham um bom relacionamento e, ao que tudo indica, o administrador tinha também boa aceitação por parte dos jovens. Entre outras coisas, demarcou os lotes dos colonos com 25 hectares em média, como estava previsto nos estatutos e no contrato.

A maioria dos jovens vindos da Alemanha já havia terminado os estudos em escola secundária e recebido formação em alguma área profissional não ligada à agricultura. Pesquisadores que escreveram sobre as razões do fracasso da colônia são unânimes em afirmar que os jovens imigrantes não tinham experiência em atividades agrícolas. Os poucos que tinham algum conhecimento não puderam aplicá-lo aqui no Brasil por causa das diferenças de clima, de solo e de relevo em relação ao que conheciam na Alemanha.

O preparo técnico dos imigrantes chamou, já do início, a atenção dos empresários das indústrias de Blumenau, que tentaram recrutar, entre os jovens de Heimat-Timbó, mão de obra qualificada, com sedutoras propostas salariais. Padre Johannes Beil teve que alertar os jovens e advertir a imprensa de Blumenau, que difundia a oferta de empregos. De fato, alguns

---

[18] BEIL, Johannes. Diário. (manuscrito). p. 10.

jovens, descontentes com o projeto colonial, abandonaram Heimat e se empregaram em Blumenau. Em sua autobiografia, Beil nos informa a respeito desse problema:

"Apenas um pequeno número de nossos imigrantes provinha da agricultura, pois praticamente não havia desemprego no setor agrícola.[19] A maior parte eram artífices, serralheiros, torneiros, pedreiros etc., pessoas com profissões muito procuradas no Brasil e pagas a peso de ouro. Sabia-se aqui que, na Alemanha, um artesão formado conhece seu ofício, e assim surgiu um novo problema com o qual eu não contara de modo algum. Nosso assentamento colonial não permaneceu despercebido e logo o pessoal de Blumenau estava informado a nosso respeito. Não demorou muito para sermos procurados por industriais, mestres de obras e empreiteiros descendentes de alemães, que sistematicamente procuravam desviar nosso pessoal para suas fábricas em Blumenau. 'Aqui vocês jamais chegarão a coisa alguma, em Blumenau vocês terão, com certeza, bem melhores oportunidades. Eu pago mensalmente um salário no valor de ....' e citavam cifras que, para nossas condições, eram muito altas. Era compreensível que muitos aceitassem as ofertas, pois qualquer um prefere trabalhar na sua profissão".[20] De fato, com o passar do tempo, cada vez mais jovens com profissão técnica abandonaram a colônia e foram procurar emprego na cidade.[21]

---

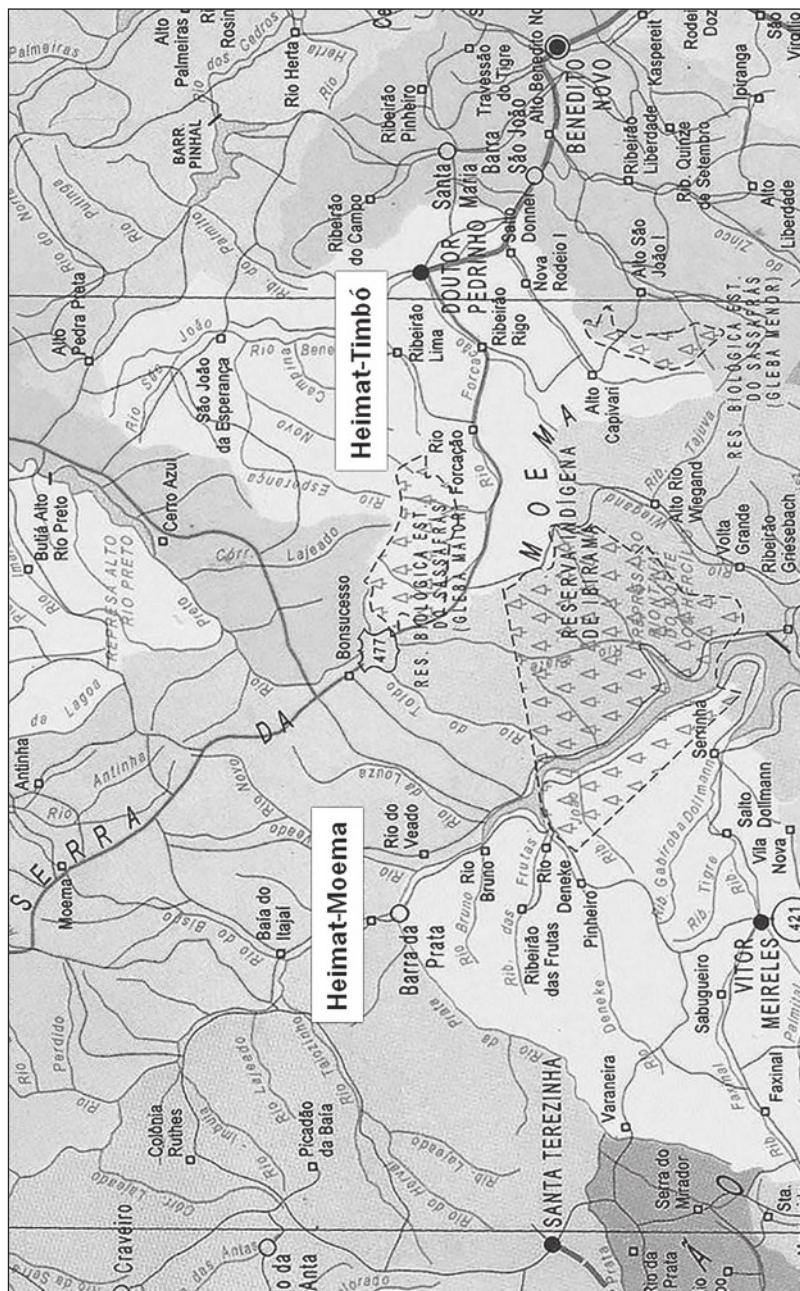
[19] Curiosamente, nas listas de passageiros dos navios que transportaram os jovens imigrantes ao Brasil consta, em praticamente todos, como profissão "lavrador".

[20] BEIL, Johannes. Op. cit. p. 31.

[21] O representante da Associação São Rafael, de Hamburgo, anota que, em dezembro de 1934, dos 130 remanescentes, 20 haviam procurado emprego na cidade como artesãos.

O agrimensor Alfred Mlynarczyk conclui seu relatório com o seguinte parecer: “Embora os jovens estabelecidos nas duas colônias (Heimat-Timbó e Heimat-Moema), por enquanto cegados por um romantismo colonial e ideias comunitárias, se declarem satisfeitos com sua respectiva colônia, todavia, para o observador mais objetivo, não restam dúvidas de que o panorama de um desenvolvimento continuado e próspero seja muito sombrio, para não dizer sem futuro.[22]

---

22 MLYNARCZYK, Alfred. *Bericht betreffend die Jugend-gemeinschaftssiedlung “Haimat-Timbó-Moema”*. Curitiba, 20.09.1934.

VII
A dissolução

A colônia Heimat teve curta duração. Com início em julho de 1932, terminou seis anos mais tarde, em meados de junho de 1938, quando Padre Johannes Beil se retirou, ficando o assentamento sem direção. Ressalte-se, porém, que a colônia não se dissolveu de um momento para outro. Foi um processo gradativo, que começou já em 1933, com a saída de alguns jovens insatisfeitos com a realidade com que se depararam ao chegar ao Brasil. O leitor poderá se perguntar sobre os motivos ou fatores remotos e próximos que levaram à dispersão dos imigrantes e à dissolução da colônia. Entre outros, constatam-se os seguintes:

Terra improdutiva

Quem vai a Doutor Pedrinho e visita a localidade de Rio Lima, onde se localizava a colônia Heimat, percebe de imediato que a região é totalmente inapropriada para uma colônia nos moldes como havia sido planejada por seu fundador.

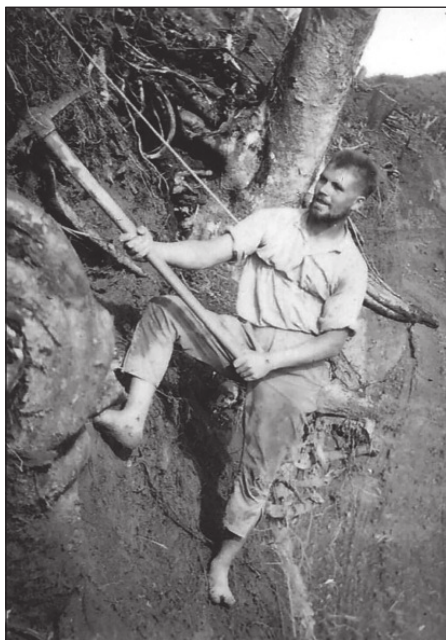
Situado na encosta da serra, a uma altitude entre 600 e 800 metros acima do nível do mar, o terreno se apresenta muito acidentado. Nessa região, como em toda a encosta da serra, nascem inúmeros pequenos rios, formando vales estreitos e, por

isso, o terreno é inadequado para a agricultura mecanizada. O solo é, em grande parte, argiloso e pobre em nutrientes para a cultura de grãos como milho, feijão e arroz que, naquela época, costumavam ser as principais lavouras do colono imigrante.

Além disso, a terra ainda estava toda coberta de floresta. Era preciso muito trabalho e dispêndio de muita energia para derrubar o mato com machado e foice, queimar a coivara e preparar a terra para o plantio. E os colonos, a maioria de origem urbana, não estavam afeitos a esse tipo de atividade. Um dos imigrantes, Franz Boll, reconhece que esse trabalho exigia não poucas gotas de suor. Josef Grisar anotou em seu álbum: "Minha ocupação principal era derrubar mato e fazer toras. O trabalho era duro, mas fazia-me feliz. Nossos machados penetravam sempre mais longe mato adentro e preparávamos a terra para os novos colonos".

Derrubar mato: trabalho árduo e demorado. Acervo: Carlos Groni.

Pelas informações que os documentos nos transmitiram, o resultado da colheita era reduzido, não dando o suficiente

para o sustento da colônia e, muito menos, excedente para a exportação, em vista de entrada de recursos financeiros.

Paul Nuber, trabalhando (amarrado) na construção de estrada. Começo de março de 1934. Acervo: Teodora Ana Gaa Knop.

Outro problema ligado à terra eram as estradas e caminhos. Quando o Padre Beil comprou a terra, havia por parte do vendedor o compromisso de construir boa estrada de acesso até a colônia. No entanto, isso não aconteceu. Todas as estradas e caminhos de acesso aos lotes passaram a ser um encargo da própria colônia. Os jovens, individualmente ou em grupos, gastaram muito tempo e muita energia na construção das vias de comunicação. Segundo estimativas de peritos daquela época, a extensão total poderia chegar a 60 quilômetros. Pode-se dimensionar essa dificuldade quando se tomam em consideração as poucas ferramentas disponíveis e o terreno acidentado e montanhoso, que aumentavam muito o custo, em tempo e dinheiro, da abertura das vias de comunicação.

Considere-se ainda que a colônia Heimat dispunha apenas de dois caminhões (e que caminhões!) para abastecer a comunidade e transportar os jovens para eventuais saídas. Dentro da colônia não havia outros meios de transporte ou de

locomoção. Tudo era feito a pé e carregado nos ombros.[1] Para o jovem imigrante, acostumado com os recursos disponíveis na Alemanha, essa situação era chocante e desanimadora.

Falta de experiência com agricultura

Um dos motivos que levava o jovem a interessar-se pelo projeto colonial Heimat era a promessa de ser proprietário rural no Brasil. Embora muitos fossem de origem rural e tivessem alguma experiência com agricultura, não puderam, todavia, aplicá-la aqui porque o clima, o solo e o relevo eram totalmente diferentes. A maioria, no entanto, era de origem urbana e oriunda de outros setores da economia. Vimos que, dos 142 jovens que se encontravam na colônia quando o cônsul a visitou no início de dezembro de 1933, apenas 20 tinham por profissão a agricultura. Os demais eram técnicos, mecânicos, comerciantes, eletricistas, padeiros, carpinteiros, ferreiros, marceneiros, relojoeiros, alfaiates, agrimensores, pintores, torneiros, açougueiros, entre outras profissões. Estes, apesar do breve estágio preparatório, não tinham familiaridade com o cultivo da terra. Face a tal situação, uma das primeiras providências que o diretor tomou foi contratar agricultores da redondeza para ensinar os jovens a derrubar o mato, a limpar a terra e como e quando plantar.

O projeto previa que, dentro de dois anos, ou no máximo dois anos e três meses, cada participante receberia escriturado seu lote com uma casa construída em forma de mutirão. Não

---

[1] Fotografias produzidas naquela época mostram pessoas puxando toras com uma ou duas parelhas de cavalos. Presume-se que, no início, esse serviço, pesado e perigoso, era feito por pessoas de fora da colônia, contratadas para essa finalidade. Com o passar do tempo, foram adquiridos alguns animais de tração para a referida finalidade.

havia, portanto, muito tempo para dedicar-se à agricultura. Desmatar uma clareira em mais de 150 lotes e neles construir uma casa de madeira com os recursos disponíveis, demandaria a maior parte do tempo. Havia ainda as obras comunitárias para construir e manter, tais como a grande casa central com as dependências de alojamento dos jovens, a casa do diretor, a casa do médico com um anexo que servia de enfermaria, a capela, a serraria, os estábulos e outras instalações, como o depósito dos materiais de consumo e ferramentas. Além disso, a construção de estradas empregava diariamente um ou mais grupos de jovens. Sobrava, portanto, pouca gente e pouco tempo para a produção agrícola ou para outro tipo de atividade produtiva em vista de um futuro progresso. Em julho de 1933, após um ano de fundação, planejava-se plantar 2.000 pés de uva porque, segundo estimativas da direção, havia no Brasil um bom mercado para vinho.[2] Mas, ao que parece, isso não aconteceu. Os planos eram muitos, mas os resultados foram poucos.

Há indícios também de que o trabalho comunitário não deu certo como previam os estatutos. Desde o começo, a maioria dos jovens imigrantes começou a preocupar-se com o lote que o contrato lhe garantia. Essa preocupação cresceu ainda mais quando alguns deles se casaram e se estabeleceram no seu quinhão. Percebeu-se que, apesar dos esforços da direção, o interesse individual prevaleceu sobre o comunitário.

Quando a realidade foi percebida pela direção e pelos jovens, esvaneceram-se as perspectivas de futuro na colônia com tal sistema de trabalho. As crescentes insatisfações levaram os heimatenses a tomar gradativamente rumo próprio.

---

[2] A maioria dos jovens era da região do atual estado de Baden-Württemberg, onde há considerável produção vinícola e é provável que um ou outro imigrante tivesse alguma familiaridade com esse tipo de atividade.

Muito consumo e pouca produção

Como não havia muita lavoura na própria colônia, a maior parte dos gêneros alimentícios provinha da cidade ou era adquirida dos colonos da redondeza. E os produtos trazidos de fora eram caros porque vinham acrescidos de custos de transporte pelas precárias estradas.

Enquanto chegavam novos grupos com o respectivo aporte financeiro, pois era obrigatório o depósito de certa quantia na caixa comum, havia satisfação e contentamento. No entanto, logo alguns perceberam que o projeto colonial montado nessas bases não tinha consistência nem futuro garantido. Ademais, os estatutos previam a não devolução do dinheiro depositado na caixa comum. No artigo 11 está expresso: "a comunidade só é responsável pelo ressarcimento do dinheiro do credor se um sucessor idôneo entrar com o capital necessário em lugar daquele que sair. [...]. A direção está autorizada a reter 20% do capital dos colonos para cobrir as despesas gerais". E o artigo 17 complementava: "A comunidade não está obrigada ao ressarcimento do saldo em conta". A situação gerou um clima de insatisfação e, em pouco tempo, mais de uma dezena abandonou o projeto e retirou-se de Heimat. A defecção provocou grande repercussão em Blumenau, através da imprensa, e também na Alemanha, junto às autoridades governamentais e junto às famílias dos jovens. A situação psicológica e financeira dos dissidentes não era fácil para os jovens entre 20 e 25 anos, sem dinheiro, num país estrangeiro e sem condições de voltar ao país de origem.

Falta de controle dos gastos

De acordo com os planos do fundador, a base financeira para a manutenção nos primeiros anos seria a contribuição de cada novo membro que entrasse na colônia. A sucessiva vinda de novos participantes do projeto abasteceria o caixa da comunidade.

Mas a realidade se mostrou diferente. Os custos de manutenção eram bem superiores às entradas. Além disso, alguns dissidentes denunciaram a falta de controle dos gastos e a contribuição diversificada de alguns participantes do projeto. Teriam sido aceitos membros com contribuição parcial ou nenhuma contribuição, gerando insatisfação entre os demais.[3]

Outro motivo de insatisfação era o fato de que os primeiros, os pioneiros, escolheram os melhores lotes quando, de acordo com o que havia sido combinado, a distribuição seria feita por sorteio. O secretário da Associação São Rafael, que em julho de 1933 visitou a colônia, registrou em seu relatório: "A experiência indica que, depois de 12 meses, o estatuto deveria ser modificado, pois os 17 pioneiros já começaram a construir para si quando o estatuto prevê dois anos. Os sócios dão a entender que não estão dispostos a trabalhar comunitariamente por dois anos, mas por um ano. É forte a opinião de que cada

---

[3] Hans Elsen, em carta ao cônsul de Blumenau sob o título "A verdade sobre a Colônia Comunitária de Jovens Heimat no Sul do Brasil" denuncia a admissão de pessoas na comunidade sem a contribuição prevista no estatuto. Cita como exemplo um dos três jovens que o Padre Beil trouxe consigo em 1931 ao trabalhar com os teuto-russos em São Carlos, mas que apareceu em Heimat de mãos vazias. Trata-se de Gerhard Tietze que foi aceito na colônia e que, mais tarde, após o casamento com Johanna Anna Hahmann, filha de Paul Hahmann e Gertrudes Boeing, de Forquilhinha, mudou-se para o norte do Paraná.

um tenha o seu lote e o cerque o mais rápido possível. Os 17 jovens pioneiros puderam escolher cada um o seu lote enquanto que o estatuto prevê a distribuição por sorteio. A dissidência de 10 companheiros – a dissidência devia ser prevista – levantou alguma poeira pelas acusações feitas na imprensa".[4]

A falta ou incapacidade de planejamento e a inexperiência na administração levou os dirigentes a fazerem despesas desnecessárias e inúteis. Assim, Konrad Theiss, que assumiu a direção durante a ausência de Padre Beil, no segundo semestre de 1933, comprou em São Paulo um locomóvel[5] no valor de 50 contos de réis.[6] Pretendia-se construir uma serraria movida com energia a vapor para exploração e comercialização da madeira, supostamente abundante na região. O locomóvel foi levado até Santos, onde foi embarcado e transportado de navio até Itajaí. Como o transporte até Heimat era inviável por causa das pontes que não suportavam tanto peso, a máquina com todos os equipamentos permaneceu abandonada no cais do porto em Itajaí.

Frustração dos imigrantes

Nos encontros de preparação para a nova pátria no Brasil, predominavam os temas de formação religiosa e de convivência comunitária. Visava-se criar sobretudo, entre os participantes, um clima de companheirismo com base em ideais cristãos. A

---

4 GRÖSSER, P. Dr. Max. Relatório. Sankt Raphaels-Verein.

5 Locomóvel é uma máquina a vapor, conhecida também como caldeira, usada para movimentar cargas pesadas sobre estradas, para aragem de solo ou para fornecer energia em locais determinados.

6 Em valores da época, o custo do locomóvel, 50 contos, foi elevado se considerarmos que, na mesma época, Gustav Frank comprou o Hotel Metropol de Florianópolis por 40 contos.

nova pátria era apresentada como a terra da promissão e, por isso, pintada com cores idílicas. A utopia prevalecia sobre a realidade. O projeto preenchia os sonhos e fantasias dos jovens que não entreviam muito futuro na Alemanha. Nos encontros de preparação (*Arbeitdienst*) era dito que eles deveriam ser os novos cavaleiros teutônicos. Assim como os antigos conquistaram para a Alemanha a Prússia Oriental, eles, os novos, deveriam ocupar os espaços ainda não tomados na América. Para muitos era também uma aventura. O mundo novo ainda pouco conhecido despertava um fascínio nesses jovens idealistas.

O grupo Ebersteinburg, no navio. Acervo: Carlos Groni.

Imbuídos de tal espírito e encorajados pelo apoio mútuo, os jovens, cuja maioria oscilava entre 18 a 25 anos, atravessavam eufóricos o Atlântico. Porém, à medida que se afastavam da pátria e da família, a saudade aumentava. Ao desembarcar, o sonho começava a virar pesadelo e as esperanças, decepção.

Tudo era diferente do que haviam imaginado: o transporte precário até a colônia, pouco conforto no alojamento, a comida, o clima, a temperatura, tudo diferente daquilo a que estavam acostumados, colegas desconhecidos e de outras regiões da Alemanha falando outros dialetos, o trabalho pesado da construção de estradas, da derrubada de mato e outras atividades a que não estavam afeitos, insetos como pernilongos e borrachudos, mato e morros em vez de planuras e terra preparada para plantar.

Observamos que os documentos produzidos pelos idealizadores do projeto descrevem praticamente apenas aspectos positivos, ao passo que aqueles produzidos por dissidentes, ou por outros de olhar mais crítico ou realista, mostram a face menos idílica da colônia.

Abandono da colônia

Já nos referimos várias vezes, ao longo desta exposição, à questão das deserções. E esse problema merece uma atenção especial porque a saída ou o abandono do estabelecimento traz à tona os inúmeros problemas que levaram os jovens a tomar tal decisão.

À medida que o tempo foi passando, a euforia da novidade deu lugar a uma tomada de consciência da realidade da vida. Casamentos foram acontecendo e famílias se constituindo. Havia chegado a hora de uma autonomia pessoal, de independência da direção central. Mas viver de quê, se a terra era improdutiva? Como a maioria era de origem urbana ou, pelo menos, tinha vinculação estreita com a vida urbana, o melhor seria procurar por um lugar onde as condições de vida fossem menos penosas. Por isso, muitos procuraram se estabelecer em

cidades onde havia forte presença germânica, como Benedito Novo, Timbó, Blumenau e Rio do Sul.

Outros, querendo permanecer fiéis ao objetivo pelo qual haviam abandonado a terra natal, isto é, constituir família numa propriedade rural, onde seria possível conviver com a natureza e levar uma vida digna, procuraram se informar a respeito das diferentes frentes de colonização em curso naquela época: Porto Novo (hoje, Itapiranga) e outras regiões do oeste de Santa Catarina ou então o Paraná, principalmente Rolândia, Ivaiporã, Entre Rios, Jussara e Palotina.

Por fim, houve também aqueles que, ajuntando os parcos recursos e com ajuda de parentes, decidiram voltar à Alemanha, onde um destino sombrio os aguardava, pois em 1939 começou a guerra que, de uma ou de outra forma, afetou a todos os que estavam sob as ordens do nacional-socialismo. Pesquisas revelaram que vários foram convocados para o serviço militar e envolvidos nas ações bélicas, perecendo, alguns deles, nos combates.

O fim de um sonho

Os jovens que participavam do estágio preparatório e que, ao final do mesmo, eram aceitos, partiam com muito entusiasmo para a nova pátria. Todavia, esse entusiasmo não perdurou. Mal chegados à colônia, surgiram problemas, descontentamentos, desânimos e, como consequência, abandono sucessivo, da parte de muitos, do projeto colonial.

Padre Beil relata em sua autobiografia: "Com o segundo grupo vieram os primeiros grandes problemas. Alguns não se

agradaram e quiseram voltar. [...] Dois foram embora falando muito mal de nós".[7]

Quais foram os motivos que levaram esses jovens a abandonarem, logo na chegada, a colônia? Não é fácil identificá-los porque os próprios envolvidos tinham opiniões diferentes. Talvez mal preparados, não tendo recebido as informações corretas sobre a terra, o modo de trabalhar, a vida comunitária e a questão do dinheiro depositado na caixa comum.[8] Teriam eles estranhado o calor – pois chegaram no auge do verão – e o isolamento na floresta? Correspondências de dissidentes informam que o grupo não teria tido acolhida calorosa e que teriam se sentido prejudicados na escolha dos lotes a que cada um tinha direito, porque os primeiros já tinham escolhido os melhores lugares. Embora o Padre Beil criticasse a atitude um tanto quanto perversa de alguns do grupo, os documentos não informam quais foram, de fato, os verdadeiros motivos que levaram esses jovens a abandonarem a colônia.[9]

---

[7] BEIL, Johannes. Op. cit. p. 25.

[8] O cônsul Dittmar afirma, em seu relatório, que o principal motivo de desentendimento entre alguns jovens imigrantes e a direção da colônia teria sido a pouca clareza dos artigos 11 e 17 dos estatutos.

[9] Na carta de advertência "A verdade sobre a Colônia Comunitária de Jovens Heimat no sul do Brasil", endereçada ao cônsul alemão de Blumenau, Hans Elsen faz duras críticas aos dirigentes da colônia Heimat, ou seja, ao Padre Johannes Beil e a Konrad Theiss. Ele afirma, entre outras coisas, que os participantes não foram bem informados da realidade que iriam encontrar, que teria sido instalado um sistema de vigilância e de espionagem, criando um clima de desconfiança entre os jovens do projeto colonial. O próprio Padre Beil reconhece no Diário e também na autobiografia o clima de mal-estar que se instalou após a vinda do segundo grupo, ao qual também pertencia Hans Elsen. Num artigo publicado na revista "Der Auslandeutsche" o autor (anônimo) afirma que a opinião de

No ano seguinte, em 1933, grande número de imigrantes deu entrada em Heimat. Em maio, mais precisamente no dia 17, veio o grupo de Freiburg com 34 membros, em agosto o grupo de Illenberg com 17 pessoas e, em novembro, o grande grupo de Beuron com mais de 60 pessoas, entre as quais duas famílias.[10] Com a concentração de tão grande número de imigrantes, apareceram também, na mesma proporção, os conflitos e as insatisfações. Evidenciou-se uma grave crise financeira e a necessidade de um diretor capaz de gerenciar bem os recursos disponíveis. O cônsul alemão de Florianópolis foi informado a respeito dos problemas e decidiu visitar a colônia, em dezembro de 1933, para emitir um juízo e encaminhar providências para a solução dos problemas. Levou dois peritos: Bruno Meckien, diretor da vizinha colônia Hansa e o agrimensor Peregrinus Hoppe, de Itaiópolis. Em outro relatório em que o cônsul trata da saída de colonos, ele registra: "Entrementes outros 12 colonos saíram da comunidade, a metade deles por iniciativa da direção porque não queriam se submeter e porque provocavam insatisfação. Com isso sobe para 24 o número dos colonos egressos".[11] Padre Beil aponta como causa principal do fracasso da colônia a deserção de muitos imigrantes. "Se nossa colônia

---

um ou outro descontente não expressa a opinião e os sentimentos dos demais, pois a maioria se sentia feliz e satisfeita na colônia.

[10] O relatório consular, resultante da visita feita em dezembro de 1933, atesta que a colônia recebeu, até aquela data, 148 jovens e cinco famílias com 32 pessoas, perfazendo um total de 180 membros. Esse número sobe quando se considera que o diretor contratou trabalhadores da redondeza para ensinar os jovens a trabalharem a terra. Nesse número também não estão incluídos os 20 jovens do último grupo, que chegaram em fevereiro de 1934,nem os avulsos.

[11] Correspondência informativa do cônsul, com data de 26 de maio de 1934.

não veio a ser o que era para ser, a culpa não está na terra, nem nas falhas da administração. A culpa está no grande número de colonos que foi indo embora".

É importante lembrar que, no segundo semestre de 1933, o Padre Beil esteve ausente da colônia e, em seu lugar, o Dr. Konrad Theiss assumira a direção. A ausência do Padre Beil deu espaço para muitos conflitos. Vale lembrar que o Padre Beil era um líder carismático e sabia interagir com jovens. Além do mais, ele era o chefe (Führer)[12] a quem haviam jurado obediência e suas ordens deviam ser acatadas inquestionavelmente de acordo com os estatutos. Por outro lado, tem-se a impressão de que os jovens não simpatizaram com o modo de ser e de proceder de Konrad Theiss. Os documentos não traçam um perfil desse personagem, mas dão a entender que era uma pessoa inexperiente e sem preparo para lidar com jovens. Embora tivesse participado direta ou indiretamente dos estágios preparatórios, inclusive em algumas ocasiões, como palestrante, ele não tinha, no entanto, a experiência de lidar com os jovens no seu dia a dia na colônia. Konrad Theiss era homem de gabinete e de grandiosas ideias, mas nem sempre exequíveis na prática do cotidiano.

---

[12] Não há, na língua portuguesa, um termo que traduza fielmente a palavra "Führer". Willi Elsenbusch escreve numa correspondência de 20 de maio de 1934: "Seja dito, antes de mais nada, que, tanto agora como antes, sinto-me obrigado ao juramento que eu fiz. O êxito da obra está acima do interesse pessoal. Sei o quanto isso me é difícil admitir, mas é necessário. Nossa obra está totalmente assentada no princípio do comando (Führerprinzip)". Daí as obrigações de fidelidade para com o Führer; daí também a absoluta confiança dos colonos para com o Führer. Führer é o líder que conduz, e os seguidores acatam incondicionalmente suas determinações. A obra a ser objetivada está acima do interesse pessoal.

As dificuldades financeiras e outros problemas, analisados em capítulo anterior, avolumaram-se com o passar do tempo. Para muitos, ficou claro que o projeto comunitário não passava de uma utopia e que naquele lugar, no meio da floresta e com morros de terra ruim não havia futuro para eles, ainda mais sendo a maioria de origem urbana e sem qualificação para a lavoura. Por isso, muitos trataram de procurar colocação em outro lugar, em algum centro urbano.

O desfalque com a saída de alguns foi compensado com a vinda de outros, mas no início de fevereiro de 1934, deu entrada em Heimat o último grupo, o de Sankt Maurus. Vários motivos levaram ao cancelamento do preparo e do envio de novos grupos: as repercussões negativas na Alemanha dos conflitos e dissidências em Heimat, a demissão de Konrad Theiss do cargo de responsável pelo projeto colonial e a proibição, pelo regime nazista, de propaganda do projeto na Alemanha.

A esses problemas, somava-se a forte pressão do nacional-socialismo aqui no Brasil e, principalmente, na Alemanha, contra a colônia. De acordo com o programa do nacional-socialismo, os jovens deveriam participar da juventude hitlerista e ser impedidos de emigrar, pois eles seriam uma força de trabalho necessária para reconstruir a grandeza da Alemanha. A esse respeito escreveu Padre Beil: "Nossos locais de preparação na Alemanha foram interditados e os cursos, como nós vínhamos ministrando, não eram mais possíveis de realizar". [...] "Como não se fazia distinção entre "alemão" e "nazista", éramos igualmente vistos como nazistas e subitamente sentimos a dureza de um governo que até agora sempre nos tinha ajudado. Agora éramos combatidos em duas frentes: de um lado, pelos nazistas, personificados na pessoa do novo cônsul de Florianópolis, que era cem por cento nacional-socialista, e por outro lado, pelas autoridades brasileiras que viam em nós

inimigos do Estado".[13] A documentação revela também que alguns jovens que participaram do projeto colonial Heimat eram simpatizantes das propostas do nacional-socialismo.[14]

Numa correspondência de 4 de dezembro de 1935, endereçada ao Ministério das Relações Exteriores da Alemanha, o diretor da Sankt Raphaels-Verein, com sede em Hamburgo, esclareceu que, além dos 20 colonos que deixaram espontaneamente Heimat, outros 30 foram afastados porque "aparentemente não prestavam para a colônia", perfazendo um total de 50 egressos. No final daquele ano havia ainda 100 pessoas em Heimat e a colônia recebia ajuda financeira da Sankt Raphaels-Verein para se manter. A mesma instituição subsidiou também a compra de terras em Itapiranga, no extremo oeste de Santa Catarina, para onde se mudaram 22 colonos, e em Rolândia, no Paraná, onde se estabeleceram sete imigrantes.[15]

"Depois da despedida do Sr. Ernst Fertsch, em fevereiro de 1937, convoquei os heimatenses para uma reunião. Era necessário deliberar sobre o futuro. Nossa única possibilidade era o desenvolvimento da indústria de madeira. Havia, entre os teuto-brasileiros, pessoas especializadas no trabalho com madeira, então eu sugeri vender a serraria a um grupo idôneo e começar com o aproveitamento da madeira. Infelizmente meu plano não foi aceito. Vendemos tudo a dois irmãos que dispunham de dinheiro, mas que do trabalho não entendiam nada. Eles venderam pouco a pouco as máquinas, inclusive o

---

13 BEIL, Johannes. Op. cit. p. 33 e 38.

14 O antissemitismo de alguns transparece na carta de Hans Elsen "A verdade sobre a Colônia Comunitária de Jovens Heimat no Sul do Brasil", onde ele afirma que os estatutos, de sutil formulação judaica, deixam mais tarde os jovens colonos totalmente sem direitos. A acusação se refere a Konrad Theiss.

15 GRÄSSER, M. St. Raphaels-Verein. Hamburgo. 4 de dezembro de 1935.

gerador elétrico. Em consequência disso, estava, por enquanto, paralisado qualquer desenvolvimento e, com isso, estavam também, ali, meus dias contados".[16]

Alguns jovens, os primeiros a deixarem o estabelecimento, saíram de mãos vazias. Outros, após muita reclamação e apelo a advogados de Blumenau, conseguiram pequena devolução do valor depositado na caixa comum. Também a Sankt Raphaels-Verein mandou dinheiro para ajudar com pequena quantia aqueles que deixavam a colônia. Outros receberam ajuda de familiares da Alemanha, seja para voltarem à terra natal ou para encontrarem emprego e moradia em alguma cidade ou zona rural no Brasil.

Coloca-se a pergunta: quem ficou com as terras e as propriedades da colônia Heimat?

Em sua autobiografia, Johannes Beil relatou: "No começo, como a colônia comunitária não era reconhecida como pessoa jurídica e como tal não podia adquirir terras, tive que escriturar tudo em meu nome. Depois, quando foram medidos os lotes individuais, estes foram escriturados diretamente em nome dos jovens. Além disso, fundamos uma empresa, "Heimat", para a qual, por sugestão do diretor Fertsch, transferimos parte das terras. O resto ficou em meu nome por falta de dinheiro.

Quando já se encontrava em São Paulo, Padre Beil tentou regularizar aquela parte do terreno que ainda se encontrava em seu nome. Sobre essa questão, ele registrou em sua autobiografia: "Essa terra causou-me muita dor de cabeça por causa dos impostos que, para minha situação, eram muito altos. Fui então me encontrar com o Governador Nereu Ramos (ele se tornara um homem de renome por causa da perseguição aos alemães durante a guerra) e apresentei-lhe não só minha situação como também a

---

16 BEIL, Johannes. Op. cit. p. 40.

difícil situação dos colonos e pedi-lhe isenção dos impostos para os próximos anos.

Sua resposta foi sem rodeios: "Quem não paga será penhorado. Sua colônia será encampada e, na primeira oportunidade, leiloada". Dessa forma, perdemos muitos lotes e também grande parte de minha terra foi logo leiloada".[17]

Curiosamente, a "Reserva Biológica Estadual do Sassafrás", criada em 04 de fevereiro de 1977, de 5.229 hectares, localizada na comunidade de Alto Forcação, no município de Doutor Pedrinho, corresponde aproximadamente àquela área que, segundo o Padre Beil, foi encampada pelo Estado por falta de pagamento dos impostos.

Em 1938, quando Padre Beil saiu de Heimat, aproximadamente 40 lotes estavam ocupados e habitados por colonos imigrantes. Alguns já haviam constituído família. Outros eram ainda solteiros. Todos, na medida em que decidiram ir embora, venderam sua propriedade para interessados da redondeza. Com a notoriedade que a colônia conquistara ao longo dos anos, várias famílias de outras regiões de Santa Catarina se sentiram atraídas para Heimat, vindo a adquirir propriedades de colonos dispostos a vendê-las.

Em 10 de junho de 1938, o Padre Beil escreveu as últimas páginas de seu diário, que termina com estas palavras:

"Encerro estas linhas com um desejo: quando o rancor contra mim tiver se acalmado e eu for lembrado com justiça que aqui consumi seis anos do auge de minha vida nos piores momentos, mas que ajudei aqueles que aqui ficaram a ganhar sua subsistência; quem aqui aprendeu que toda amizade com os homens é ilusória e que só a amizade com Deus é duradoura, que fiquei um homem solitário, que então também se

---

[17] BEIL, Johannes. Idem, ibidem. p. 40.

lembre de mim nas orações, assim como eu não me esquecerei de Heimat e seus habitantes. A todos os que aqui batalharam e venceram, eu estendo a mão e grito bem alto: Aguentem e mantenham-se firmes"![18]

E o Padre Johannes Beil partiu para não mais voltar. Assim estava encerrado o sonho acalentado durante tantos anos.

As poucas famílias remanescentes, das quais algumas residiam em Heimat-Timbó e outras em Heimat-Moema, também foram embora, pouco a pouco, à procura de melhores oportunidades.

Quem for hoje à localidade de Rio Lima, no lugar onde se situava a colônia Heimat-Timbó, no atual município de Doutor Pedrinho, encontrará um lugar semiabandonado, quase sem moradores. Nada, ou quase nada mais resta da próspera comunidade que um dia ali se instalou para fazer nascer uma "nova pátria". A usina que gerava energia foi completamente abandonada, a igreja Cristo Rei ainda está lá, mas já passou por reformas e, ao lado, está o cemitério, em estado de abandono, onde se encontram as sepulturas dos jovens que morreram em Heimat. Do salão de festas original, também não há mais vestígios. Da serraria e da marcenaria de onde saía a madeira para as casas construídas para acolher os jovens, nada mais resta. Das festas, do coral que animava as festas e se tornou conhecido em todo o Vale do Itajaí, das peças de teatro, do congraçamento que havia em dias festivos, o tempo se encarregou de passar para o esquecimento.

O transeunte que passa por Rio Lima, sente que há um mistério envolvendo aquele local. Ali ficava a serraria. Naquele grotão, onde corre o rio, ficava o gerador de energia. Naquele outro ponto, as crianças ensaiavam peças teatrais. Até um filme

---

[18] BEIL, Johannes. Diário (manuscrito). p. 28.

foi feito naquela época e rodado na Alemanha para incentivar novas levas de colonizadores. Não é difícil imaginar pessoas ali morando, trabalhando e construindo uma verdadeira cidade. Parece que, se fecharmos os olhos, o vento que sopra constante nos trará de volta as vozes, os risos, os cantos, as promessas e as esperanças daquela gente que apostou toda uma vida num projeto ousado para aqueles anos.

O cheiro da mata, limpo, livre de poluição, reporta-nos ao tempo em que arados manuais e precários sulcavam a terra no preparo de roças, faz-nos imaginar o pó vindo da serraria e os móveis ali construídos. As tábuas que dali saíam diretamente para a construção das casas, sempre no mesmo estilo, de madeira, grandes, confortáveis e com um sótão. Não é difícil imaginar a esperança que 180 imigrantes ali depositaram. Difícil, sim, é acreditar hoje que uma cidade já fez parte daquela paisagem e que dela nada mais resta para ser visto, apenas lembrado.

VIII
Destino dos heimatenses

Em 1978, Georg Fries,[1] um dos imigrantes do primeiro grupo, fez uma pesquisa sobre o destino dos colonos que participaram do projeto Heimat-Timbó. É um levantamento parcial porque o autor não conseguiu localizar todos eles. Agora, graças às informações de Carlos Groni e de outras pessoas descendentes dos imigrantes, foi possível saber o destino da maioria deles. Há que se considerar também que muitos residiram sucessivamente em vários lugares, principalmente a partir

[1] Georg Fries, um dos jovens imigrantes do primeiro grupo, chegou em Heimat-Timbó no dia 17 de julho de 1932. Em 1938 ou início de 1939, Georg voltou à Alemanha para se casar. Nesse meio tempo irrompeu a Segunda Guerra Mundial. Como alemão nato, foi incorporado ao exército e impedido de voltar para o Brasil. Combateu na Rússia onde foi feito prisioneiro sendo deportado para a Sibéria. No início dos anos de 1950 ele obteve a liberdade e pôde voltar para casa. Fries sentiu-se sempre muito ligado aos antigos colegas heimatenses. Por isso, após a libertação de sua longa prisão na Rússia, empreendeu, já em 1956, a viagem ao Brasil para rever sua antiga Heimat-Timbó. Manteve, até o fim da vida, permanente contato com seus colegas que ficaram no Brasil. Sua casa em Jugenheim (Alemanha) sempre estava aberta a todos os que do Brasil vinham visitá-lo. (As informações dessa nota são da autoria de Veronika Groni).

do momento em que surgiu a necessidade de proporcionar estudo para os filhos. Assim, famílias que residiam no interior passaram a morar em centros urbanos maiores. Também não se sabe ao certo quem voltou à Alemanha. Presume-se que os que retornaram à terra natal antes de 1939 foram convocados para o serviço militar e incorporados ao exército. Informações dão conta que alguns pereceram nos campos de batalha.

Nº	Sobrenome	Nome	Lugar de destino
1	Albrecht	Wilhelm	
2	Almsick	Bernhard von (Padre)	Porto Alegre – RS
3	Ameln	Franz Von	São Paulo – SP
4	Backes	Hans	
5	Baudenbacher	Alexander	Sorocaba – SP
6	Bauer	Albrecht	1944. Morto a tiros no norte do Paraná
7	Bauer	Erwin	Ingressou num mosteiro. Tornou-se religioso.
8	Bayer	Josef	Buenos Aires
9	Bayer	Karl	Bagé – RS
10	Beathalter	Otto	Itapiranga, depois São Roque/Santa Helena – PR
11	Beck	Philipp	Caçador – SC
12	Beck	Josef	Caçador – SC
13	Beil	Johannes, Padre	Riacho Grande (São Bernardo) – SP
14	Bergmann	Rudolf	Nordrhein-Westphalen. Alemanha
15	Berndelstetter	Josef	Camboriú – SC
16	Berner	Karl	
17	Bertsch	Philipp	Timbó – SC
18	Bischofsberger	Willi	Weingarten. Alemanha
19	Blank	Karl	Itapiranga – SC/Dieburg. Alemanha
20	Blank	Richard	Rio de Janeiro – RJ

21	Boedingheimer	Albert	São Carlos – SC
22	Bohr	Josef	
23	Boll	Franz	Rheine i. Westphalen. Alemanha
24	Brückner	Emil	
25	Brunner	Heinrich	
26	Butsch	Hans	Blumenau – SC
27	Damm	Franz	Timbó – SC
28	De Luca	Dra. Maja e 2 crianças	Freiburg i. Breisgau. Alemanha
29	Doemer	Alois	Benedito Novo – SC
30	Eisele	August	Apucarana – PR
31	Elsen	Hans	Blumenau – SC
32	Elsen	Max	Alemanha
33	Elsenbusch	Wilhelm	Campo Grande – MS
34	Emsters	Hans	Palotina-PR, depois Blumenau – SC
35	Engesser	Bernhard	Itapiranga – SC
36	Fautz	Josef	Rio do Sul-SC, depois Porto Belo – SC
37	Fendel	Josef	
38	Finken	Fritz	Novo Hamburgo – RS
39	Fischer	Blasius	Apucarana – PR
40	Fischer	Hans	
41	Foellmer	Josef	Entre Rios – PR
42	Fries	Georg	Jugenheim – Alemanha
43	Gaa	Xaver	Alto Benedito/Benedito Novo – SC
44	Galuske	Wilhelm	Alemanha
45	Genster	Karl	Blumenau – SC
46	Gerber	Alois	Rio do Sul – SC
47	Giesen	Erwin	Aachen – Alemanha
48	Göhr	Arthur	São Carlos – SC
49	Grisar	Josef	Rio do Sul – SC

50	Gross	Eberhard	Köln – Alemanha
51	Haas	Bruno	Rio Negro – PR
52	Haas	Elmar	Rio Negro – PR
53	Hagen	Wilhelm	Rio Negro – PR
54	Hamann	Günther	Alemanha em 1937
55	Hartmann	Karl	Benedito Novo – SC
56	Hartmann	Sophie	Benedito Novo – SC
57	Hartmann	Amanda	Honnef – Alemanha
58	Hartmann	Emil	Rolândia – PR, depois Benedito Novo – SC
59	Hartmann	Max	Timbó – SC
60	Hartmann	Paul	Benedito Novo – SC
61	Haubricht	Arnold	Köln – Alemanha
62	Herb	Philipp	St. Ilgen – Alemanha
63	Hildebrand	Josef	Rolândia – PR
64	Hilges	Theophil	Santa Bárbara do Sul – RS
65	Himpel	Gebhard	Moema/Doutor Pedrinho – SC
66	Hinze	Hermann	Ittenbach – Alemanha
67	Hoffmann	Karl	
68	Hofschulte	Hermann	Blumenau – SC
69	Hofschulte	Theodor	Jaraguá do Sul – SC
70	Hohlwegler	Ernst	Alemanha
71	Huber	Peter	Curitiba – PR
72	Hund	Dr. Walter	São Carlos – SC
73	Jansen	Karl	Alemanha, em 1935
74	Jochmann	Hans	Rio de Janeiro
75	Jöpen	Felix	Heimat/Doutor Pedrinho – SC
76	Käfer	Richard	Lima – Peru
77	Kieser	Heinrich	Rio do Sul – SC
78	Kirchmeyer	Max	Itapiranga – SC
79	Kleesattel	Karl	Alemanha/Doutor Pedrinho – SC
80	Klemens	Heins	São Bento do Sul – SC.
81	Kober	Wendelin	Itapiranga – SC
82	Köberlein	Willi	Joinville – SC

83	Koehnen	Hans	Alemanha
84	Kopp	Kurt	Panambi – RS
85	Koskowski	Bruno	Alemanha
86	Kossmann	Paul	Herten i. Westphalen – Alemanha
87	Kossorz	Paul	Alemanha
88	Köster	Lorenz (Karl)	Bagé – RS
89	Köster	Willi	Rio do Sul – SC
90	Kötter	Georg	Formoso/Doutor Pedrinho – SC
91	Kouda	Robert	Formosa do Oeste – PR
92	Krampfert	Josef	Mato Grosso. Garimpeiro.
93	Laas	Peter	Alemanha
94	Lignau	Franz	Rio Lima/Doutor Pedrinho – SC
95	Ludwig	Detlev	São Paulo – SP
96	Ludwig	Manfred	Campo Mourão – PR
97	Matzel	Hubert	Alemanha. Morreu como soldado
98	Mayer	Karl	Porto Alegre – RS
99	Mehlem	Peter	Bad Honnef – Alemanha
100	Meinerzhagen	Franz	Alemanha
101	Menke	Peter	Alemanha. Morreu como soldado
102	Morawietz	Josef	Padre Franciscano
103	Moritz	Gustav	São Bento do Sul – SC
104	Moser	Hans	Faleceu em Heimat
105	Müller	Hermann	Cianorte – PR
106	Müller	Josef	Itapiranga – SC, depois Alemanha
107	Muno	Hans	Alemanha
108	Nau	Helmuth	Benedito Novo – SC
109	Nuber	Paul	Timbó – SC
110	Ohren	Franz	Curitiba – PR
111	Ortmeyer	Otto	Forquilhinha – SC
112	Ortmeyer	Josef	Timbó – SC

113	Overrath	Johann	Joaçaba – SC
114	Pawelka	Anton	Curitiba – PR, depois Porto Alegre – RS
115	Plögel	Josef	Alemanha
116	Pregler	Josef	Alemanha
117	Prestel	Josef	Rio do Sul – SC, depois Alemanha
118	Rinke	Felix	Alemanha
119	Renner	Alfons	
120	Riedel	Max	
121	Rieck	Josef	Alemanha
122	Rings	Anita	Faleceu em Heimat
123	Rings	Mathias	Apucarana – PR
124	Ritter	Otto	Canoinhas – SC
125	Roder	Karl	
126	Roes	Karl Sênior	Jussara – PR
127	Roes	Anna-Maria	Jussara – PR
128	Roes	Annelise	Salto Donner/Doutor Pedrinho – SC
129	Roes	Karl Júnior	Jussara – PR
130	Roes	Magdalena	Jussara – PR
131	Roes	Maria	Maringá – PR
132	Roes	Hermann	Jussara – PR
133	Rossi	Josef	Rio Negro – PR
134	Saler	Willi	Benedito Novo – SC, depois Alemanha
135	Schaaps	Hubert	Curitiba – PR, depois Hofheim – Alemanha
136	Schaaps	Rudolf	Alemanha
137	Schachten	August	Alemanha. Morreu como soldado
138	Schäfer	Hans	São Carlos – SC
139	Schäfer	Peter	Alemanha
140	Schierse	Werner	Argentina
141	Schmidt	Anton	Presidente Getúlio – SC
142	Schmiemann	Gustav	Lünen i. Westphalen – Alemanha
143	Schmitz	Ernst	Pomerode – SC

144	Schöppner	Josef	São Paulo – SP
145	Schuhmacher	Edmund	Itapiranga – SC, depois Alemanha
146	Schuhwerk	Martin	Rio Negro – PR, depois Alemanha
147	Schuler	Anton	Itapiranga – SC
148	Schulte	Heinrich	Rio Lima/Doutor Pedrinho – SC
149	Schumann	Otto	Benedito Novo – SC
150	Schweizer	Anton	Mafra – SC
151	Siegel	Josef	Itajaí – SC
152	Simons	Franz	Maringá – PR, depois São Paulo – SP
153	Simons	Theodor	Rolândia – PR, depois Curitiba – PR
154	Spinner	Eugen	Blumenau – SC
155	Spöhnle	Eugen	Alemanha
156	Stachowski	Max	Alemanha
157	Stahl	Otto	Itapiranga – SC
158	Steiner	Alfons	Joinville – SC
159	Stelzenberger	Franz	Alemanha
160	Stelzenberger	Hans	Curitiba – PR
161	Stiefler	Alois	Rio Grande do Sul, depois São Paulo
162	Textor	Franz	Faleceu em Heimat
163	Thöne	Wilhelm	Alemanha. Morreu como soldado
164	Tietze	Gerhard	Mauá – PR
165	Troost	Peter	Rolândia – PR
166	Uhl	Eugen	Menzingen – Alemanha
167	Velder	Robert	Alemanha
168	Vogler	Karl	Lages – SC
169	Vogler	Leo	Itapiranga – SC
170	Wagner	Hubert	Porto Alegre – RS
171	Wallerfang	Jakob	Alemanha
172	Weh	Vinzenz	Pomerode – SC
173	Weil	Franz	Sandweg – Alemanha

174	Weismann	Robert	Bagé – RS
175	Wenk	Karl	Porto União – SC
176	Weschenbach	Willi	Alferzhagen – Alemanha
177	Wiesmann	Richard	Blumenau – SC
178	Willbert	Bonifaz	Oeste de Santa Catarina
179	Wingen	Josef	Porto Alegre – RS
180	Wingen	Hubert	Alemanha
181	Zimmermann	Georg	Faleceu em Heimat
182	Ziob	Georg	Itapiranga – SC
183	Ziob	Else	Itapiranga – SC

IX
Anexos

Os Estatutos

ESTATUTOS DA COLÔNIA COMUNITÁRIA DE JOVENS ALEMÃES CATÓLICOS NO SUL DO BRASIL

A aflição do tempo que nos recusa pão e sentido da vida, o destino proletário que nos aguarda e o anseio por uma vida em conformidade com a natureza fizeram com que nós, jovens alemães, nos reuníssemos para criar um novo espaço de vida. Não queremos, pois, consumir nossos melhores anos numa desoladora ociosidade e passar a nossa vida no torpor da inação. Como a pátria ficou muito apertada para seus filhos, nós decidimos atravessar o oceano, onde espaço amplo e não habitado espera por nós e por nossas forças.

Plenamente conscientes das dificuldades de nosso começo, estamos unidos na esperança pelo auxílio de Deus e na força de nossa fé católica como fiéis companheiros e damo-nos estes estatutos:

Art. 1º: "A Colônia Comunitária de Jovens Alemães Católicos no Sul do Brasil" é uma sociedade cooperativa, isto é, uma comunidade religiosa, cultural e econômica de jovens alemães católicos que tem como meta proporcionar, mediante

o preparo e cultivo comunitário da terra, a cada sócio uma existência econômica como agricultor livre e uma coletividade católica alemã coesa no sul do Brasil.

Art. 2º: À frente da organização da colônia está o diretor. A ele cabe o supremo poder disciplinar. As suas ordens devem ser acatadas incondicionalmente. Ele pode impor castigos disciplinares. Os direitos do diretor passam para o subdiretor por ele indicado. O diretor-chefe da colônia é o fundador, o capelão Padre Johannes Beil. Em caso de saída do Capelão Beil, o substituto por ele indicado como diretor-chefe necessita da anuência de 2/3 dos votos dos colonos reunidos em assembleia.

Art. 3º: O diretor é assistido por um conselho de representantes dos colonos escolhido mediante eleição livre pelos sócios. O conselho dos colonos deverá estar em contato permanente com o diretor. Todas as decisões importantes deverão ser deliberadas com o conselho, especialmente a exclusão de sócios, e a realização de maiores ações financeiras exigem a anuência da maioria dos membros do conselho.

Juntos, diretor e conselho dos colonos constituem a direção. Na direção podem ser incluídas ainda outras personalidades, em especial o médico e o diretor técnico da colônia. Numa votação, em caso de empate, decide o voto do diretor.

Art. 4º: Na assembleia dos colonos, todos os membros regulares da comunidade de colonos têm assento e voto. A assembleia elege o conselho de representantes dos colonos por determinado tempo e pode retirar-lhe a confiança. A direção deve manter a assembleia a par de todos os importantes acontecimentos em curso.

A assembleia dos colonos pode decidir sobre alterações dos estatutos mediante aprovação de 2/3. Elas necessitam da aprovação do diretor.

Art. 5º: Todos os litígios são resolvidos diante da direção na qualidade de tribunal de arbitragem.

Art. 6ª: Quem não se curvar ao veredicto do tribunal arbitral e quem, em caso de litígio, recorrer a outro tribunal que este, põe-se fora da comunidade e será excluído. Pode-se apresentar recurso ao diretor contra uma decisão.

Está sujeito à exclusão da colônia quem violar grosseiramente o espírito e a lei da colônia, especialmente mediante permanente insociabilidade, atos de violência, faltas morais, preguiça e deslealdade, oposição a ordens do diretor e seus representantes. A exclusão é determinada pelo diretor. Para isso ele necessita da anuência de ¾ dos membros do tribunal da colônia.

Art. 7º: A espécie de trabalho será determinada individualmente para cada colono pelo diretor ou por aqueles por ele encarregados. A distribuição do trabalho deverá tomar em consideração as peculiares aptidões dos colonos. No entanto, cada qual deverá ser ocupado em todos os tipos de trabalho. Com respeito a esse aspecto, o colono pode apresentar à direção as legítimas queixas.

Art. 8º: A colônia comunitária transformar-se-á numa colônia cooperativa quando o fundamento para a existência como agricultor tiver sido alcançado para cada colono. A direção definirá o momento da passagem definitiva. A partilha deverá ser feita de acordo com critérios objetivos de uma justa compensação. Em caso de necessidade, a decisão será tomada por sorteio.

Art. 9º: Se na fase de colônia comunitária toda a terra era propriedade da comunidade, na fase de colônia cooperativa cada qual se tornará proprietário de seu lote. No lugar da comunidade entra a sociedade cooperativa de todos os colonos, encarregada do escoamento dos produtos e da compra

de artigos de consumo por bons preços. De modo especial, a cooperativa deve ter também meios de produção e de transporte. Direitos e obrigações da cooperativa serão regulamentados em estatuto próprio.

Art. 10º: A participação na colônia cooperativa é obrigatória para cada colono. Todavia, ele pode, eventualmente, vender seu lote colonial. Mas a cooperativa tem o direito de preferência na compra para impedir especulação imobiliária. Tem também o direito de veto contra eventuais interessados na compra, especialmente os de outra nacionalidade e confissão.

Art. 11º: A saída da colônia comunitária só é possível com base em fundados motivos e com anuência da direção. Contudo, a comunidade só é responsável pelo ressarcimento do dinheiro do credor se um sucessor idôneo entra com o capital necessário em lugar daquele que sai. Do contrário, o trabalho e a vida dos colonos que ficam seriam seriamente colocados em risco. À colônia comunitária só interessam pessoas sérias, dispostas a persistir apesar de todas as dificuldades. A direção está autorizada a reter 20% do capital dos colonos para cobrir as despesas gerais.

Art. 12º: A comunidade colonial tem como meta fazer com que cada colono venha a ser um agricultor livre e um leal cidadão permanente do Estado brasileiro. Para isso, ela apoia-se – sem prejuízo para o evidente cultivo do idioma nacional brasileiro – na formação da vida social e cultural, conscientemente nas bases da inata índole étnica alemã, que será cultivada nos hábitos tradicionais, na língua e nos costumes. Lançar-se-á mão de todos os meios, inclusive à custa de sacrifícios pessoais, para preservar a índole germânica da Igreja, da escola e da educação das crianças.

Art. 13º: Em caso de doença, acidente ou invalidez, a comunidade proverá recursos para os cuidados individuais,

bem como, em caso de morte, para as viúvas e filhos, caso os próprios recursos dos necessitados não forem suficientes.

Art. 14º: Só interessam à colônia pessoas sóbrias e trabalhadoras. Por isso, todos os colonos se comprometem à abstinência de bebidas espirituosas no período da colônia comunitária. No estágio posterior da colônia cooperativa, não há mais o dever da abstinência. Todavia, a direção da sociedade cooperativa pode impor a estrita ordem da abstinência aos sócios que causarem escândalo por causa de embriaguez. Por motivos de saúde, pode o médico permitir a ingestão de bebidas alcoólicas.

Art. 15º: Durante o estágio de colônia comunitária, cada colono entrega todo o seu dinheiro à caixa comum administrada pela direção. Haverá para cada colono uma conta pessoal, da qual serão descontadas a compra da terra, as despesas gerais e particulares. Fundamentalmente, porém, todos os colonos se encontram em pé de igualdade. Ninguém pode aduzir privilégios em virtude de uma contribuição maior de capital. Para suas necessidades pessoais, cada colono recebe determinada quantia por mês para livre disposição cujo valor a direção estipula.

Na passagem da colônia comunitária para colônia cooperativa, cada colono terá registrado seu saldo credor ou, se for o caso, suas dívidas, na caixa da cooperativa. Os saldos credores não rendem juros. Juros contrariam a ideia fundamental de uma colônia comunitária.

Art. 16º: A retirada de créditos necessita do consentimento da direção.

Art. 17º: A exclusão da colônia e a saída da mesma por má fé têm como consequência a perda de todos os direitos. A comunidade não está obrigada ao ressarcimento do saldo em conta.

Art. 18º: Torna-se membro da colônia comunitária quem, mediante assinatura de próprio punho dos estatutos, declarar sua filiação como uma decisão livre e bem refletida, bem como efetuar o pagamento da contribuição para a sociedade cooperativa e tiver se predisposto ao trabalho no serviço da colônia e sido aceito na comunidade. Na assinatura, o colono promete lealdade e seguimento para com a comunidade e o chefe. Ele promete moldar sua vida segundo a concepção católica do mundo, preservar fielmente sua índole étnica alemã, perseverar com tenacidade e trabalhar com assiduidade, nunca insurgir-se contra a colônia e respeitar os estatutos.

Ebersteinburg em Baden-Baden, 7 de maio de 1932.

O contrato

CONTRATO entre a Colônia Comunitária de Jovens Heimat-Timbó, Blumenau, Santa Catarina, Brasil, representada pela Colônia Comunitária de Jovens, Associação Registrada em Freiburg i. Br., aqui denominada J.G.S.[1] e [nome, data e lugar de nascimento] denominado contraente.

I

A J.G.S. Heimat-Timbó se compromete com o contraente com as seguintes obrigações:

a) A J.G.S. Heimat-Timbó transfere ao contraente, a título de propriedade, um lote colonial de aproximadamente 25 hectares, situado em Heimat-Timbó, Blumenau, Santa Catarina,

[1] Optamos por manter a abreviatura do original alemão Jugend-Gemeinschaft-Siedlung (J.G.S.).

o mais tardar em dois anos e três meses após a chegada do contraente a Heimat-Timbó.

b) Esse lote colonial terá pelo menos 2½ hectares de mato derrubado e pronto para plantar. O restante, coberto de mata virgem.

c) A madeira da floresta passará a ser propriedade do contraente por ocasião da transferência do lote.

d) Além disso, a J.G.S. Freiburg i. Br. se compromete com o transporte dele e de seus pertences de viagem num grupo fechado de companheiros de um porto da Alemanha ou algum outro ponto de encontro na Alemanha até a colônia Heimat. Eventuais despesas com alfândega e de viagem, exceto a passagem, correm por conta do contraente.

e) J.G.S. Heimat-Timbó também se compromete a fornecer-lhe moradia durante dois anos e de três meses, a sustentá-lo e a lavar sua roupa.

f) Depois dos dois anos e três meses, a J.G.S. Heimat-Timbó constrói para o contraente, em seu lote, uma casa de madeira de aproximadamente 50 a 60 m² composta de cozinha, três quartos, varanda e despensa.

g) Na medida do possível, a J.G.S. Heimat-Timbó entregará ao contraente, por ocasião da transferência do lote, alguns animais domésticos, como dois porcos e dez galinhas.

h) A J.G.S. Heimat-Timbó coloca à disposição do contraente, durante os dois anos e três meses, as ferramentas necessárias para os trabalhos comunitários pelas quais ele se responsabiliza por zelar.

II

O contraente se obriga a:

a) Pagar até o dia ... 1.500 marcos à J.G.S. Freiburg i. Br.

b) Trabalhar por dois anos e três meses na J.G.S. Heimat-Timbó.

c) Ater-se aos estatutos da J.G.S. por ele assinados e aos estatutos da sociedade cooperativa da colônia "Heimat".

III

Em caso de livre saída do contraente, sua exclusão ou abandono por má fé da J.G.S. Heimat-Timbó, valem os artigos 11 e 17 dos estatutos da J.G.S. Quanto à devolução da quantia paga, será feito ajuste em seus pormenores da seguinte forma:

a) Da quantia a ser devolvida serão descontadas todas as despesas com a passagem de ida do contraente, sua manutenção e todas as outras despesas.

b) Será retida uma contribuição para as despesas gerais no valor de 20% da quantia depositada, ou seja, pelo menos 300 marcos.

c) Além disso, será retido o valor correspondente a um lote colonial (25 ha) até a apresentação de um substituto competente admitido na J.G.S.

d) Como segurança pela garantia assumida pelo Estado Brasileiro com a J.G.S., serão retidas as despesas de retorno para a Alemanha e depositadas em lugar neutro.

IV

A J.G.S. Heimat-Timbó fica responsável, através de seu chefe, o Padre Johannes Beil, somente com o contraente em relação ao cumprimento do contrato. O contraente só tem obrigação com a J.G.S.

V

Quantia entregue acima de 1.500 marcos estará à disposição do contraente para fins particulares a qualquer momento desde que seu uso não contrarie os interesses da comunidade.

VI

Em caso de morte do contraente, será paga aos herdeiros a quantia de 750 marcos, pois houve despesas com viagem, hospedagem e manutenção. Em caso de dificuldade de transferência (câmbio), será pago o valor de 750 marcos em moeda brasileira pela cotação do dia da remessa do dinheiro.

....
Local e data

....
Assinatura do contraente

....
Assinatura do responsável pela J.G.S. Freiburg i. Br.

O médico Walter Hund

Walter Hund nasceu em Strasbourg (França), no dia 15 de julho de 1907. Era formado em medicina. Chegou ao Brasil (em Heimat-Timbó) como jovem imigrante, com o terceiro grupo, no dia 17 de maio de 1933. Casou-se em Heimat-Timbó, no dia 19 de junho de 1934, com Gertrud Käfer, nascida no dia 09 de julho de 1910 em Meskirch, Constança, no sul da Alemanha. Ela faleceu em São Carlos-SC no dia 12 de setembro de 1997.

Quando a Colônia Heimat-Timbó se dissolveu, Walter mudou-se para Itaiópolis, mas por pouco tempo. Entrou em contato com Carlos Culmey, diretor da Empresa Colonizadora Sul Brasil, proprietária de muitas terras no oeste de Santa Catarina, e estabeleceu-se em São Carlos, que, naquela época, tinha apenas cinco casas.

Walter nunca mais deixou São Carlos, onde exerceu a medicina. Teve oito filhos (quatro homens e quatro mulheres). Esmerou-se em proporcionar formação superior a seus filhos. Um se formou em medicina, outro em odontologia, o terceiro em engenharia e o mais novo permaneceu em casa dos pais, assumindo a propriedade. As quatro filhas também frequentaram a universidade.

Sendo estrangeiro, foi muito perseguido no exercício de sua profissão. Apesar de ser o único médico da cidade, foi pressionado a abandonar o exercício da profissão, inclusive por parte das autoridades municipais. Por volta de 1958, obteve a cidadania brasileira e, a partir de então, conseguiu legalizar sua profissão como médico brasileiro.

Ao longo dos anos, adquiriu vários lotes coloniais em diversas localidades no interior do município de São Carlos. Na década de 1960, decidiu fazer um reflorestamento de araucária em terras de sua propriedade. Nesse trabalho contou muito com a ajuda dos filhos. Segundo ele, seria um investimento a longo prazo. Plantou em torno de 15.000 árvores, das quais sobraram umas 7 a 8 mil, pois as outras foram gradativamente eliminadas com o desbaste.

Estando no Brasil desde 1933, só voltou a rever sua terra natal e seus familiares em 1961. Posteriormente viajou mais duas vezes à Alemanha para a cirurgia do filho mais novo, que havia nascido com os pés virados para dentro. Embora a mulher Gertrud sentisse sempre muita saudade de sua terra

natal e dos familiares a ponto de desejar ardentemente voltar a residir na Alemanha, Walter nunca concordou em voltar ao país de origem, apesar da oferta tentadora do cargo de prefeito na cidade de Offenburg, onde então residiam seus parentes próximos. Walter Hund faleceu em São Carlos-SC, no dia 03 de abril de 1999.

A professora Doutora (Maja) de Luca

No dia 5 de abril de 1934, a revista "Die Wirtschaft",[2] de Porto Alegre, publicou um artigo sobre o problema ocorrido com a professora Dra. de Luca[3] que, a convite do Padre Johannes Beil, veio ao Brasil com o quinto grupo de jovens imigrantes, chegando a Heimat no dia 29 de novembro de 1933. Sua vinda causou muita polêmica dentro e fora da comunidade heimatense. O cônsul de Florianópolis procurou amenizar o problema, mas não conseguiu impedir que o assunto saísse na imprensa. O conteúdo do artigo é o seguinte:

"No dia 07 de setembro de 1933, durante sua estada em Freiburg i. Breisgau, o Padre Beil fez à senhora Dra. de Luca a proposta por escrito de, mediante pagamento de 1.500 marcos, levá-la para o Brasil, onde faria, na colônia Heimat, em troca de moradia e manutenção gratuita, uma experiência de seis meses como professora. Foi-lhe proposto que, após esse período, seria firmado um contrato definitivo, ou então, desinteressando-se ou renunciando a uma definitiva coloca-

---

2 *Die Wirtschaft. Halbmonatszeitschrift*, 3. Jahrgang, n. 4 vom 5. April 1934. Porto Alegre.

3 A senhora Dra. de Luca, cujo nome de família era Maja Zakryewska, era casada com um italiano (daí o nome "de Luca"), de quem estava separada.

ção, receberia passagem livre de volta. A senhora de Luca, nascida em Berlim, mais tarde casada com um italiano e dele separada, que é professora aprovada e admitida em concurso público, aceitou o convite. Num contrato de 13 de outubro de 1933, foram firmadas as condições acima referidas com uma cláusula suplementar que lhe garantia, em caso de eventual retorno para a Alemanha, após o período de experiência, receber de volta o saldo do dinheiro.

Após sua chegada a Heimat – onde, naturalmente, não existe escola – foi-lhe indicado morar com uma família de colonos residente no meio do mato, sete quilômetros distante da colônia, mediante o pagamento de 5$000 por dia pela alimentação e hospedagem. Em pouco tempo, as crianças adoeceram e a senhora de Luca, com suas duas crianças, foi encaminhada a São Bento do Sul, graças à intermediação e à ajuda de um alemão. O Sr. Schleiff, de Blumenau, teve, no dia 26 de fevereiro, uma longa conversa com a senhora de Luca, que lhe confirmou sua total ingenuidade ao aceitar o convite. A senhora de Luca com suas crianças morou com as Irmãs da Divina Providência mediante o pagamento de uma pensão de 7$000 por dia. Dia 13 de março de 1934, a senhora de Luca encetou sua viagem de volta para Freiburg i. Breisgau, Alemanha. A questão financeira, prevista no contrato, não havia sido resolvida até o dia de sua partida".

Diário de Padre Johannes Beil

O diário de Padre Johannes Beil é um precioso documento manuscrito de 29 páginas não enumeradas, onde estão registrados os principais eventos ocorridos durante os seis anos de sua permanência em Heimat-Timbó. A título de ilustração, reproduzimos a primeira página do documento.

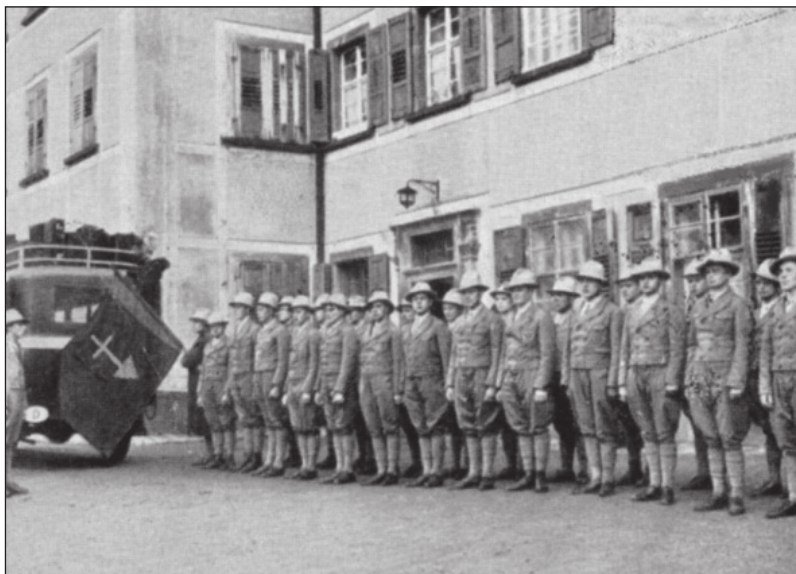
Am 17. Juli 1932 traf ich mit 17 Ebersteinburgern bei Vollmondschein hier ein. Das Haus war noch nicht ganz fertig. Der Mond schien durch die Dachsparren und wir haben sehr gefroren. Das war der Anfang unserer Gemeinde. Am folgenden Sonntag war die 1. hl. Messe auf dem Berge am Kreuz. Es waren viele Leute aus der Umgebung gekommen etwa 150 Menschen waren da. Anfang Februar war ich wieder hier mit den Friedenreitern. Wieder hl. Messe am Kreuz. Beim Fest an 400 Besucher.

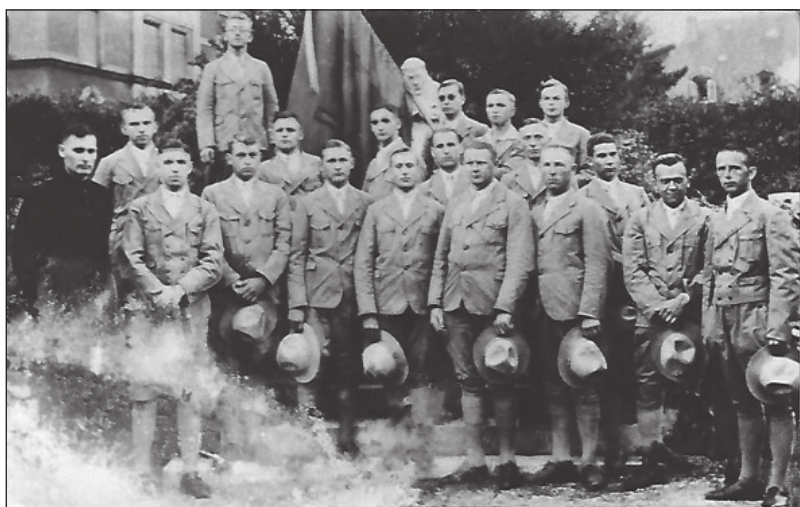
Am 10.4.33 habe ich Porto Alegre endgültig verlassen und bin mit Lastauto (Mutter und Veith) in die Heimat gefahren. Am 13.4.33 komme ich mittags an. Große Freude. Von nun an fast täglich hl. Messe. Ostern nachts Auferstehungsmesse. Unser Kirchenchor singt. Während meiner Deutschlandreise vom 15.6.33 - 6.12.33 ist nur selten hl. Messe. Am Fronleichnams-

Diário. Primeira página.

X
Retratos do cotidiano

Padre Beil observando o entorno de Heimat, logo após a chegada do primeiro grupo. Nos fundos, a casa de acolhida ainda inacabada. Acervo: Carlos Groni.

O começo, em Heimat. Acervo: Carlos Groni.

Segundo grupo (Friedenweiler). Despedida na Alemanha.
Embarque dia 2 de janeiro de 1933.

O segundo grupo, Friedenweiler, diante da casa principal de Heimat. Acervo: Carlos Groni.

Quarto grupo (Illenberg). Despedida da terra natal. Chegada em Heimat: 22 de agosto de 1933. Acervo: Carlos Groni.

Embarque, em Bremen, do sexto grupo (Sankt Maurus). 14 de janeiro de 1934. Acervo: Ruth Grisar Marchesini.

Sexto grupo (Sankt Maurus), a caminho de Heimat no início de fevereiro de 1934. Acervo: Ruth Grisar Marchesini.

Sexto grupo (Sankt Maurus), a caminho de Heimat. Empurrar para não ficar atolado. Acervo: Ruth Grisar Marchesini.

Pesado e perigoso trabalho de derrubar mato. Quantas gotas de suor! Acervo: Carlos Groni.

Quantos calos nas mãos desses jovens! Acervo: Ruth Grisar Marchesini.

“Minha principal tarefa era fazer toras e derrubar mato.
Duro era o trabalho, mas fazia-me feliz” (Josef Grisar).
Acervo: Ruth Grisar Marchesini.

A primeira serraria donde saiu a maior parte da madeira para a construção das casas, da igreja e dos galpões que compunham a vila Heimat. Acervo: Maria Francisca Batisiti Archer.

Segunda serraria e marcenaria. Acervo: Teodora Ana Gaa Knop.

Vista dos dois engenhos de serra. Em baixo, a primeira serraria. Em cima, a segunda com marcenaria. Acervo: Carlos Groni.

Casa de colono, no meio do mato. Em primeiro plano, pequena vargem para agricultura. Acervo: Carlos Groni.

Família Roes: Karl (pai), Anna-Maria (mãe), Annelise, Karl, Magdalena, Maria e Hermann. A família veio com o quinto grupo (Beuron). Chegada em Heimat: 29 de novembro de 1933. Acervo: Annelise Roes Groni.

Casa central da Comunidade de Jovens Heimat-Timbó.
Acervo: Carlos Groni.

Em primeiro plano, rio Lima. Depois, horta e pequena lavoura.
À esquerda, casa das abelhas com colmeias. Ao fundo, serraria
e marcenaria. Mais além, floresta e montanhas.
Acervo: Ruth Grisar Marchesini.

Centro da vila Heimat. Em primeiro plano, pontilhão sobre o rio Lima que dava para a horta, a serraria e a marcenaria. Acervo: Ruth Grisar Marchesini.

Solene procissão de Corpus Christi. Acervo: Ruth Grisar Marchesini.

Casa Beuron: lugar de confraternização e de festas.
Acervo: Ruth Grisar Marchesini.

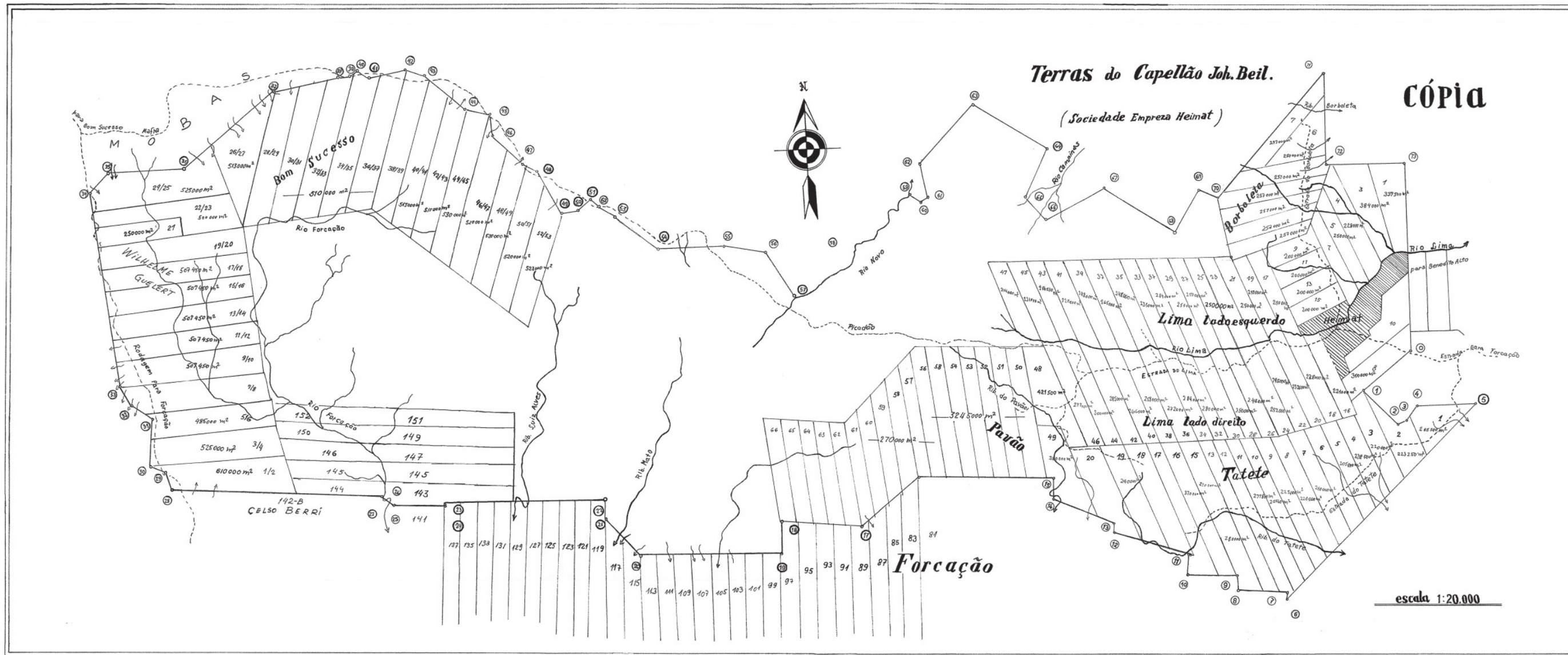
“Tínhamos, inclusive, em Heimat, um time de futebol” (Josef Grisar).
Acervo: Ruth Grisar Marchesini.

Jogo de bocha em dia de confraternização com a presença de visitantes da redondeza. Acervo: Ruth Grisar Marchesini.

Após o trabalho, na volta para casa. Amizade e companheirismo.
Acervo: Ruth Grisar Marchesini.

“Aqui, em Heimat-Moema, estávamos ainda mais fundo na floresta”. Josef Grisar diante de seu rancho, exibindo uma enorme cobra.
Acervo: Ruth Grisar Marchesini.

Heinrich Kieser: um olhar para o futuro.
Acervo: Ruth Grisar Marchesini.

Terras do Capellão Joh. Beil.
(Sociedade Empreza Heimat)
CÓPIA
Bom Sucesso
Wilhelme Guelert
Rodagem para Forcação
Rio Forcação
Celso Berri
Rib. Luiz Alves
Rib. Mato
Rio Novo
Picadão
Forcação
Pavão
Lima lado esquerdo
Lima lado direito
Rio Lima
Estrada do Lima
Borboleta
Heimat
Tatete
Rib. do Tatete
Rib. do Pavão
Rio Campinas
Estrada para Forcação
para Benedito Alto
escala 1:20.000

Valberto Dirksen

Formação acadêmica: Graduado em filosofia (1965) e teologia (1970), doutor em Ciências Humanas pela Universidade de São Paulo-USP (1980), especialização em estudos latino-americanos nas universidades de Roma e Paris (1983-1984), Pós-doutorado, na área da imigração alemã no Brasil, pela Universidade Livre de Berlim (1997-1998).

Magistério: Centro Universitário de Brusque-UNIFEBE (1979-1991); Universidade Regional de Blumenau-FURB (1988-1991) e Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC (1991-2001).

Além da participação com conferências em congressos, publicou vários artigos sobre imigração européia em Santa Catarina. Orientou mais de uma dezena de teses sobre a mesma temática.

Publicações – Livros: 1) Viver em São Martinho: A colonização alemã no Vale do Capivari – 1ª edição – (1995), 2) Dona Emma, história do município (1996), 3) Rio do Sul, uma história [co-autor] (2000), 4) Presença e missão Dehoniana no Sul do Brasil (2004), 5) Paganismo e cristianismo em Roma no século IV (2007), 6) DIRKSEN – História de uma família (2010), 7) Anita Garibaldi: Retratos da Memória (2011), 8) Viver em São Martinho: a colonização alemã no Vale do Capivari – edição revista e ampliada (2012).

"O verde é uma das cores da bandeira,
pois sobre o empreendimento colonial
paira a esperança como uma estrela
para jovens que ficaram sem esperança.
Que ela seja guia para muitos".

Padre Johannes Beil

ISBN: 978-65-993768-6-3
9 786599 376863